

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Campus de Rio Claro

**O LUGAR DO TURISMO EM ARMAÇÃO DOS BÚZIOS – RJ:
ORDENAMENTO TERRITORIAL E QUESTÕES
SOCIOESPACIAIS**

ELIAS JÚNIOR CÂMARA GOMES SALES

Orientador: Prof. Dr. Fadel David Antonio Filho

Dissertação de Mestrado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – Área de Organização do Espaço, para obtenção do Título de Mestre em Geografia.

Rio Claro (SP)

2010

**Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Rio Claro
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Programa de Pós-Graduação em Geografia**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**O LUGAR DO TURISMO EM ARMAÇÃO DOS BÚZIOS – RJ: ORDENAMENTO
TERRITORIAL E QUESTÕES SOCIOESPACIAIS**

Comissão Examinadora

Orientador: Prof. Dr. Fadel David Antonio Filho (UNESP – Rio Claro)

Prof. Dr. Enéas Rente Ferreira (UNESP – Rio Claro)

Prof^a. Dr^a. Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano (UECE)

Candidato: Elias Júnior Câmara Gomes Sales

Resultado: Aprovado

Rio Claro, 07 de outubro de 2010.

AGRADECIMENTOS

CURSAR UMA PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA FOI UM GRANDE DESAFIO EM MINHA VIDA, O QUAL SE CONFIGUROU EM VÁRIAS DIFICULDADES, PORÉM REPLETO DE REALIZAÇÕES E CONQUISTAS. PARECIA UM SONHO DISTANTE DEVIDO A DIVERSOS MOTIVOS, E POR VIR DE OUTRA ÁREA DO CONHECIMENTO, A RESPONSABILIDADE DE REALIZAR UM BOM TRABALHO PARECIA AINDA MAIOR. ENTENDER O TURISMO SOB A ÓTICA GEOGRÁFICA É TAREFA ÁRDUA, SENDO NECESSÁRIA A APREENSÃO DE CONCEITOS, TEORIAS E MÉTODOS QUE FORNEÇAM SUBSÍDIOS PARA O ENTENDIMENTO DESSE FENÔMENO SOCIOESPACIAL.

DURANTE O PERÍODO DE CONCRETIZAÇÃO DO MESTRADO, MUITAS FORAM AS PESSOAS QUE CONTRIBUÍRAM COM ESTE TRABALHO. ALGUNS POR PROMOVER O ENRIQUECIMENTO E MAIOR MATURIDADE ACADÊMICA ATRAVÉS DO DEBATE, AUXÍLIOS E DAS CONVERSAS OCORRIDAS DURANTE EVENTOS, VIAGENS DE CAMPO E NO PRÓPRIO PROGRAMA DE PÓS, OUTROS POR SEREM COMPANHEIROS NAS HORAS EM QUE MAIS PRECISAVA, E AQUELES QUE SIMPLEMENTE COM SUA AMIZADE SOBERAM ME APOIAR E FAZER COM QUE ACREDITASSE EM MEU POTENCIAL.

CORRENDO O RISCO DE ESQUECER ALGUÉM EM MEUS AGRADECIMENTOS, E SE O FIZER SAIBAM QUE FOI POR UM MERO DESCUIDO E NÃO POR FALTA DE AFETO E GRATIDÃO, NÃO PODERIA DEIXAR DE CITAR ALGUNS NOMES, OS QUAIS FORAM MUITO IMPORTANTES PARA MAIS ESSA VITÓRIA. SAIBAM QUE ESTE TRABALHO TEM UM POUQUINHO DE CADA UM DE VOCÊS E QUE SÃO ESPECIAIS EM MINHA VIDA.

À MINHA MÃE MARIA SALES PELO EXEMPLO DE VIDA E DEDICAÇÃO, POR TANTO AMOR, CARINHO E POR ME ENSINAR A LUTAR PELOS MEUS OBJETIVOS. EU A AMO MUITO!

AOS MEUS IRMÃOS PELO ESTÍMULO, AMIZADE E POR TODO APOIO NECESSÁRIO PARA O DESENVOLVIMENTO DE MEU MESTRADO. À TODA FAMÍLIA: MEU ALICERCE.

AGRADEÇO AO MEU ORIENTADOR FADEL DAVID ANTONIO FILHO POR TER ACREDITADO NESSA IDEIA E FAZER COM QUE SE CONCRETIZASSE. OBRIGADO PELO APOIO, ATENÇÃO E AUXÍLIO NOS MOMENTOS OPORTUNOS.

À MINHA AMIGA E COMPANHEIRA THAÍS CRISTINA CASIMIRO FERNANDES PELA SUA DEDICAÇÃO, CARINHO, POR SEMPRE ME OUVIR E PRINCIPALMENTE POR SER TÃO COMPREENSIVA NOS PERÍODOS EM QUE MAIS PRECISEI, TENDO SEMPRE UMA PALAVRA DE CONFORTO.

MEU AMIGO E “CONSELHEIRO ACADÊMICO” FLAMARION DUTRA ALVES PELO EXEMPLO DE PERSEVERANÇA E DIGNIDADE. OBRIGADO POR FAZER COM QUE ACREDITASSE AINDA MAIS QUE OS OBSTÁCULOS ESTÃO AÍ PARA SEREM SUPERADOS.

AO LEANDRO ZANDONADI, GRANDE AMIGO CONQUISTADO EM RIO CLARO. OBRIGADO POR SEMPRE SE MOSTRAR DISPOSTO A ME AJUDAR, MESMO EM PERÍODOS COMPLICADOS, CHEIOS DE TRABALHO E POR SEMPRE TER UMA HISTÓRIA ENGRAÇADA PRA CONTAR.

AOS AMIGOS LEONARDO GOMES E IRACEMA MONTEIRO DA SILVA PELA PRESENÇA SEMPRE APAZÍVEL E PELO CARINHO A MIM DISPENSADO.

MEUS AMIGOS ADRIANO MAIA, ARNALDO RIBEIRO, DANILO PICCOLI, DENTRE TANTOS OUTROS QUE TORNARAM A ROTINA NA PÓS MAIS AGRADÁVEL E PROVEITOSA.

ÀS AMIGAS MAÍCA E VERA PELO CARINHO E POR TODO CUIDADO QUE DEDICAM A MIM. MEU MUITO OBRIGADO!

AO MÁRCIO CELERI, GILBERTO DONIZETI E TIAGO BORGUEZON PELA AJUDA COM OS MAPAS E PELA AMIZADE.

AO GRANDE AMIGO SEBASTIAN ALVES QUE VIVENCIOU MINHA INSERÇÃO NA CARREIRA ACADÊMICA E DESDE O INÍCIO ME DEU MUITA FORÇA PARA SEGUIR AVANÇANDO. OBRIGADO POR SUA AMIZADE E POR SEMPRE ESTAR AO MEU LADO.

AOS MEMBROS DA BANCA ENÉAS RENTE FERREIRA E LUZIA NEIDE CORIOLANO, QUE EM MUITO CONTRIBUÍRAM PARA A CONSTRUÇÃO DESTE TRABALHO.

AGRADEÇO AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA QUE OPORTUNIZOU MEU APRIMORAMENTO ACADÊMICO, E A TODOS OS PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS QUE COLABORARAM COM MINHA FORMAÇÃO.

AO CNPQ E CAPES PELO APOIO FINANCEIRO DURANTE A REALIZAÇÃO DE MINHA DISSERTAÇÃO, PROPORCIONANDO UM AMBIENTE FAVORÁVEL À PESQUISA.

A DEUS, PELA VIDA E POR SEMPRE ME GUIAR.

ESPERO SEMPRE CONTAR COM VOCÊS, POIS CADA PESSOA QUE PERCORRE NOSSA VIDA É ÚNICA. SEMPRE DEIXA UM POUCO DE SI E LEVA UM POUCO DE NÓS. HÁ OS QUE LEVARAM MUITO, MAS NÃO HÁ OS QUE NÃO DEIXARAM NADA.

A TODOS, MEUS AGRADECIMENTOS!

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Geografia (Organização do Espaço)
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Rio Claro

O LUGAR DO TURISMO EM ARMAÇÃO DOS BÚZIOS – RJ: ORDENAMENTO TERRITORIAL E QUESTÕES SOCIOESPACIAIS

AUTOR: ELIAS JÚNIOR CÂMARA GOMES SALES

ORIENTADOR: FADEL DAVID ANTONIO FILHO

Data e Local da Defesa: Rio Claro, 07 de outubro de 2010.

Essa dissertação investiga a problemática socioespacial envolvida no desenvolvimento do turismo em uma localidade litorânea, evidenciada pelo processo dialético da exclusão/inclusão. Para aferição dessa dinâmica foi selecionado o município de Armação dos Búzios, no estado do Rio de Janeiro – Brasil, como caso de estudo. A pesquisa identifica o lugar do turismo em Búzios e identifica questões socioespaciais presentes nesta porção do litoral turístico do Rio de Janeiro. O turismo como fenômeno essencialmente socioespacial, aparece nesse contexto, como principal agente transformador do território de Búzios, impactando de maneiras diferenciadas de acordo como é assimilado pelas localidades onde se desenvolve, causando efeitos diversos no ambiente, na economia e no meio social. A elaboração deste trabalho foi orientada por supostos da ciência geográfica e do turismo, de modo a estabelecer diálogo entre essas áreas do conhecimento, demonstrando algumas relações complementares existentes entre elas na investigação. Para fundamentar a inter-relação das áreas estudadas, utiliza-se categorias analíticas de lugar, ordenamento territorial e impactos socioambientais. O uso destas tem o intuito de fornecer a fundamentação teórica necessária na pesquisa proposta, tendo em vista a compreensão do turismo como fenômeno essencialmente socioespacial.

Palavras-chave: Turismo; Ordenamento Territorial; Exclusão; Inclusão; Impactos Socioespaciais.

ABSTRACT

Masters Dissertation
Graduate Program in Geography (Space Organization)
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Rio Claro

THE PLACE OF TOURISM IN ARMAÇÃO DOS BÚZIOS – RJ: TERRITORIAL PLANNING AND SOCIOSPATIAL ISSUES

AUTHOR: ELIAS JÚNIOR CÂMARA GOMES SALES

ADVISOR: FADEL DAVID ANTONIO FILHO

Date and Place of the Defense: Rio Claro, October, 7th 2010.

This dissertation investigates the sociospatial issues involved in the tourism development at a coast place, which is perceived by the dialectic process of exclusion/inclusion. To the benchmarking of this dynamics it was chosen the city of Armação dos Búzios, in Rio de Janeiro State – Brazil, as the study case. The research identifies essentially sociospatial issues present in this part of the touristic coast in Rio de Janeiro. The tourism as an essentially sociospatial issue appears in that context as the main changing agent of Búzios' territory, causing impacts in different ways according to the assimilation by the local communities where it is developed, causing various effects in the environment, economy and social milieu. The writing of this work was approached by assumptions of Geography and Tourism, so that it establishes a dialogue between those areas, demonstrating some additional relations existing between them in the research. In order to base the interrelation of these areas, it is employed analytical categories of place, territorial planning and socioenvironment impacts. The use of those ones aims at providing this research with a theoretical background required, considering the understanding of Tourism as an essentially sociospatial phenomenon.

Key-words: Tourism; Territorial Planning; Exclusion; Inclusion; Sociospatial Impacts.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

	Página
Figura 1 – Áreas selecionadas para o trabalho de campo.....	24
Figura 2 – Mapa de delimitação das áreas de especial interesse no município de Armação dos Búzios – RJ.....	25
Figura 3 – Índice de exclusão social no Brasil.....	45
Figura 4 – Mapa de localização de Armação dos Búzios – RJ.....	77
Fotografia 1 – Área central de Armação dos Búzios - RJ. A) Rua das Pedras; B) Orla Bardot.....	76
Fotografia 2 – Edificações na Rua das Pedras em Armação dos Búzios.....	83
Fotografia 3 – Padrão arquitetônico do bairro de João Fernandes em Armação dos Búzios.....	88
Fotografia 4 – Praia de João Fernandes em Armação dos Búzios.....	88
Fotografia 5 – Vista parcial do <i>resort</i> SuperClubs Breezes em Tucuns, Armação dos Búzios.....	90
Fotografia 6 – Vista parcial do bairro Tucuns, próximo ao SuperClubs Breezes, Armação dos Búzios.....	91
Fotografia 7 – Via de acesso ao SuperClubs Breezes, Armação dos Búzios.....	95
Fotografia 8 – Local do desvio da via de acesso ao SuperClubs Breezes e trecho não pavimentado que liga a praia aos bairros de Tucuns e Cem Braças, Armação dos Búzios.....	95
Fotografia 9 – Vista parcial do bairro de Rasa, Armação dos Búzios.....	98
Fotografia 10 – Local tradicional de passagem dos moradores, tomado pelo acúmulo de lixo, Armação dos Búzios.....	100

LISTA DE QUADROS

	Página
Quadro 1 – Apontamentos teóricos da investigação na GT.....	19
Quadro 2 – Características/interesse das áreas pesquisadas.....	26
Quadro 3 - Os 10 destinos brasileiros mais visitados por estrangeiros tendo o lazer como motivação.....	75

LISTA DE APÊNDICES

	Página
Apêndice 8.1 – Roteiro de pesquisa aplicado ao poder público/ex-secretário de turismo de Armação dos Búzios (Gestão 2005 - 2008).....	114
Apêndice 8.2 – Roteiro de pesquisa aplicado ao poder público/representante da Secretaria de Turismo de Armação dos Búzios (Gestão 2009 - 2012).....	116
Apêndice 8.3 – Roteiro de pesquisa aplicado ao poder público/representante do Legislativo de Armação dos Búzios (Gestão 2009 - 2012).....	118
Apêndice 8.4 – Roteiro de pesquisa aplicado ao poder público/representante da Secretaria de Meio Ambiente e Pesca de Armação dos Búzios (Gestão 2009 - 2012).....	119
Apêndice 8.5 – Roteiro de pesquisa aplicado aos moradores dos bairros de Cem Braças e Tucuns em Armação dos Búzios.....	121
Apêndice 8.6 – Roteiro de pesquisa aplicado ao morador do bairro de Rasa em Armação dos Búzios.....	123
Apêndice 8.7 – Roteiro de pesquisa aplicado ao representante de uma ONG em Armação dos Búzios.....	125

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEI – Área de Especial Interesse

AGT – Antropologia, Geografia e Turismo

EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IS – Impactos Socioambientais

OMT – Organização Mundial do Turismo

ONG – Organização Não Governamental

OT – Ordenamento Territorial

PEA – População Economicamente Ativa

PIB – Produto Interno Bruto

PII – Plano Indutor de Investimentos

PNMT – Política Nacional de Municipalização do Turismo

UNESP – Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

	Página
1. INTRODUÇÃO.....	13
2. MÉTODO E TEORIA.....	16
2.1. Abordagem dialética no turismo: questões metodológicas no estudo da organização espacial.....	16
2.2. Materiais e técnicas.....	22
3. ESPAÇO E CAPITALISMO.....	28
3.1. As revoluções no modo de produção e a interferência do capitalismo no espaço.....	28
3.2. A apropriação e a seleção dos espaços pelo capital.....	34
3.3. Turismo enquanto atividade do capitalismo contemporâneo.....	38
3.4. A dialética da exclusão/inclusão social no Brasil.....	40
4. TURISMO E ESPAÇO LITORÂNEO.....	50
4.1. O litoral na formação do território brasileiro.....	51
4.2. O uso do espaço litorâneo pela prática do turismo.....	54
4.3. A questão da exclusão/inclusão socioespacial e o turismo.....	59
5. TURISMO, COMUNIDADES COSTEIRAS E ORDENAMENTO TERRITORIAL.....	66
5.1. Armação dos Búzios e sua história.....	67
5.2. O início da atividade turística em Armação dos Búzios.....	70
5.3. Análise e interpretações: trabalho de campo em Armação dos Búzios – RJ.....	74

5.3.1. O olhar sobre o turismo a partir do poder público municipal.....	81
5.3.2. O Olhar sobre o turismo a partir dos representantes comunitários..	94
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
7. REFERÊNCIAS.....	108
8. APÊNDICES.....	113
8.1. Apêndice A. Roteiro de pesquisa aplicado ao poder público/ex-secretário de turismo de Armação dos Búzios (Gestão 2005 – 2008).....	114
8.2. Apêndice B. Roteiro de pesquisa aplicado ao poder público/representante da Secretaria de Turismo de Armação dos Búzios (Gestão 2009 – 2012).....	116
8.3. Apêndice C. Roteiro de pesquisa aplicado ao poder público/representante do Legislativo de Armação dos Búzios.....	118
8.4. Apêndice D. Roteiro de pesquisa aplicado ao poder público/representante da Secretaria de Meio Ambiente e Pesca de Armação dos Búzios.....	119
8.5. Apêndice E. Roteiro de pesquisa aplicado aos moradores dos bairros de Cem Braças e Tucuns em Armação dos Búzios.....	121
8.6. Apêndice F. Roteiro de pesquisa aplicado ao morador do bairro de Rasa em Armação dos Búzios.....	123
8.7. Apêndice G. Roteiro de pesquisa aplicado ao representante de uma ONG em Armação dos Búzios.....	125

1. INTRODUÇÃO

O estudo da atividade turística é, na maioria das vezes, analisado apenas do ponto de vista das concepções desenvolvimentistas (socioeconômico), e, atualmente, tem-se avaliado as diversas linhas do pensamento ecológico, que determinam o turismo como um exemplo perspicaz para o crescimento de uma dada localidade. Isso se deve ao fato de seus supostos limitados impactos sobre o meio ambiente e à sua capacidade de preservação da natureza.

Perante as desigualdades regionais observadas no Brasil, “em muitas localidades brasileiras o turismo acaba se tornando o objeto de desejo, disseminado socialmente por poderosos mecanismos ideológicos, notadamente os meios de comunicação” (OURIQUES, 2007, p.1). Tal disseminação, a princípio, é promovida tanto pelo meio político quanto pelo meio empresarial. Em um estágio mais avançado, quando a ideologia do desenvolvimento turístico está consumada, a população local começa a acreditar que o turismo é uma atividade somente benéfica. O que se observa é a utilização do discurso em torno do turismo para promover o desenvolvimento econômico e social de comunidades e lugares, os quais começam investir suas esperanças no turismo, objetivando a inserção do local num contexto de prosperidade onde todos ganham com tal atividade.

No entanto, turismo “é atividade produtiva moderna que reproduz a organização desigual e combinada dos territórios, sendo absorvido com maneiras diferenciadas pelas culturas e modos de produção locais” (CORIOLANO, 2007, p.1). Diante da dinâmica capitalista dominante no mundo atual, é notório que o turismo se

enquadrou nessa nova ordem, e acabou se convertendo em mais uma ferramenta para a acumulação do capital. Dessa forma, é comum encontrar vários exemplos, dentro da perspectiva turística, que visam atender as necessidades dos grandes investidores internacionais, e até mesmo de elites locais, tornando menos acessível à população local os prováveis benefícios que a atividade proporciona.

Tendo em vista que os litorais se destacam pelo interesse que despertam às políticas de turismo, fez-se um estudo sobre comunidades costeiras frente à expansão da atividade turística. O trabalho aborda a problemática socioespacial envolvida no processo de desenvolvimento do turismo em uma localidade litorânea, evidenciando o processo dialético da exclusão/inclusão. Utiliza-se o termo problemática por acreditar que se trata de “uso destrutivo do território sendo contraditória com o consumo de território que é proposto pela atividade” (RODRIGUES, 1999, p.55).

A elaboração deste trabalho foi orientada por pressupostos da antropologia, do pensamento geográfico e dos estudos científicos do turismo, de modo a estabelecer um diálogo entre as áreas de conhecimento e evidenciar algumas relações complementares existentes entre elas na investigação. Para fundamentar a inter-relação das áreas estudadas, foram utilizadas como principais categorias analíticas o Ordenamento Territorial e Impactos Socioambientais. O uso destas tem o intuito de fornecer a fundamentação teórica necessária na pesquisa proposta, tendo em vista a compreensão do turismo como fenômeno essencialmente socioespacial.

Para tanto, se fez necessário dividi-lo em partes para sistematizar o assunto abordado. Inicialmente foi discutido a abordagem metodológica da pesquisa, suas teorias, método e procedimentos de análise.

Para a compreensão da proposta do seguinte trabalho, realizou-se em um primeiro momento uma explanação a respeito do capitalismo e sua interferência na composição do espaço, a fim fomentar a construção de uma reflexão sobre como os meios de produção podem realizar transformações espaciais e como a sociedade se viu inserida nesse contexto. Analisou-se ainda como o turismo está relacionado à prática capitalista, demonstrando que esse é fruto da sociedade moderna pós-2ª Guerra Mundial, período em que o lazer passou a ser concebido como tempo do

capital, ou seja, mesmo estando de folga ou férias as pessoas continuam a reproduzir a lógica do capital em seu tempo livre. O período que compreende as Revoluções Comercial e Industrial foi utilizado como ponto de partida para a análise dessa interferência, sendo essas geradoras de notáveis modificações nos meios de produção, e responsáveis por transformações socioespaciais. Também se fez uma revisão sobre as condições dialéticas da exclusão/inclusão social no Brasil.

Em seguida, abordou-se a questão do turismo no espaço litorâneo, revelando o processo de ocupação dessa porção do território e posteriormente sua utilização pela atividade turística, tendo em vista que esse processo implica em mudanças na realidade de diversas comunidades costeiras. Foi desenvolvida uma discussão a respeito do uso do espaço litorâneo pelo turismo, demonstrando aspectos do litoral e a formação do território brasileiro, e se buscou articular como a atividade turística promove a inclusão/exclusão socioespacial nessa porção geográfica repleta de particularidades.

O trabalho se encerra ao expor um estudo de caso no município de Armação dos Búzios – RJ, com o qual se propôs explicar sobre como a atividade turística influencia na composição social e nas transformações do espaço geográfico litorâneo, de modo a demonstrar as interferências de tal atividade na localidade e na vida de seus moradores.

Estudo esse, que se propõe a explicar os efeitos da seleção e apropriação do espaço litorâneo, e a conseqüente dialética socioespacial decorrente dessa dinâmica. Por fim, foram elaboradas algumas considerações, indagações e possíveis alternativas para o desenvolvimento turístico local.

2. MÉTODO E TEORIA

Há diversas maneiras de apreender um dado objeto, ficando o pesquisador responsável pela escolha do método que melhor se adequar à sua investigação. Nas pesquisas do turismo, por ser uma área de conhecimento interdisciplinar, a utilização de diferentes enfoques metodológicos são importantes, pois diversas temáticas podem ser exploradas para entender a complexidade dos processos turísticos, dentre essas se pode citar a ótica sistêmica, estruturalista, fenomenológica, dialética entre outras.

2.1 - Abordagem dialética no turismo: questões metodológicas no estudo da organização espacial

Para fundamentar o presente trabalho foi utilizado o método dialético histórico com abordagem qualitativa, pois no contexto apresentado, cuja atividade turística se revela repleta de contradições e ao longo da história vem transformando a composição socioespacial nos territórios onde é desempenhada – como em Armação dos Búzios, objeto de estudo desse trabalho –, parece ser de aplicação fecunda, já que na acepção moderna, segundo Konder (1990, p.8), dialética “é o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação”.

O pressuposto fundamental da metodologia dialética tem a seguinte denotação, “toda formação social é suficientemente contraditória para ser historicamente superável” (DEMO, 1985, p.86). Porém, o autor complementa que esse pensamento não se aplica em todas as dialéticas, no entanto, esse raciocínio delimita um ponto de partida para o seu entendimento.

Ao sinalizar que a dialética envolve a superação histórica da formação social, faz-se necessário esclarecer que se corrobora do entendimento do referido autor sobre a denominação de formação social, a qual consiste na realidade que é formada processualmente na história, podendo ser caracterizada como mais ou menos organizada ou institucionalizada, macro ou microssociológica (DEMO, 1985).

Na dialética o fenômeno da contradição ou, em outros termos, o conflito parece ser o que movimenta sua abordagem. Reitera que o conflito sobre harmonias e consensos predomina na realidade, e segundo Demo (1985, p. 86) “as contradições não precisam provir de fora, exogenamente, mas de dentro, como característica endógena”.

No pensamento dialético a contradição provém de dentro da realidade, o que a torna um processo contínuo, interminável. Essa constante é o que a destaca como irrequieta, criativa, ou seja, que a define como histórica. Segundo Demo:

Do ponto de vista da concepção da realidade, a alma da dialética é o conceito de antítese. Tradicionalmente, apontam-se para os termos: tese, antítese e síntese. Na verdade, a dialética baseia-se em dois termos – tese e antítese –, sendo a síntese simplesmente a nova tese. Tese significa qualquer formação social, vigente na história. Dizemos que toda tese elabora sua antítese, porque possui endogenamente suas formas de contradição histórica. Nesse sentido, antítese significa a convivência, dentro da tese, de componentes conflituosos e que são ao mesmo tempo a face da dinâmica histórica. A realidade é histórica porque é antitética. A dinâmica histórica nutre-se dos conflitos que nela se geram e acabam explodindo, ocasionando sua superação (DEMO, 1985, p.87).

Segundo o autor, existem dois níveis principais de antítese, determinados como menos e mais radical. A diferença entre ambas é a expressão dos conflitos internos de um sistema, os quais podem ser de maiores ou menores proporções, indicando sua superação ou a solução dos conflitos dentro do próprio sistema. Para exemplificar tomemos o capitalismo, cuja superação não parece próxima, apesar dos conflitos internos que assolam esse modo de produção.

Não é que a dialética não consiga captar a persistência temporal, por exemplo, do capitalismo. As realidades não só mudam, persistem também. Não se há de negar que o capitalismo, como qualquer fase histórica, contenha suas contradições. Nem todas, porém, agem na direção da superação imediata. Embora seja uma história problemática, como toda a história, tem-se mantido até hoje, porque suas antíteses apareceram sob forma menos radical (DEMO, 1985, p. 88).

De acordo com o autor, enquanto o primeiro nível, mais radical, aponta para um movimento de revolução, superação total do sistema vigente, o segundo, menos radical, sugere uma reforma no próprio sistema, não ultrapassando o limite para a manutenção do mesmo.

Utilizando dessa abordagem metodológica e sob o ponto de vista antropológico e geográfico, realizou-se a análise sobre o turismo em um município litorâneo, introduzindo uma investigação sobre questões pertinentes ao seu crescimento e como essa atividade se relaciona com os campos econômico, social, ambiental e cultural, por meio do ordenamento territorial e os impactos socioambientais do turismo, destacando seus prováveis benefícios e malefícios onde a atividade turística está inserida e, é concebida como principal atividade econômica, como é o caso de Armação dos Búzios no estado do Rio de Janeiro.

Segundo Barretto & Santos (2005), utilizando leituras de Marcel Mauss, a complexidade do turismo está na relação de aspectos que englobam a sociedade e cultura. Diante desta multiplicidade de aspectos:

[...] decorre o fato do turismo ter se constituído em objeto de diferentes ciências e abordado inicialmente sob os diversos marcos de referência da Economia, das Ciências Sociais (Sociologia e Antropologia) e da Geografia, aos quais mais tarde juntaram-se outras disciplinas, constituindo aos poucos um campo multidisciplinar cujas diferentes abordagens começam a comunicar-se entre si, ora em diálogo produtivo, ora em disputas acirradas, mas sempre mantendo a distinção entre o turismo como fenômeno e seu estudo (BARRETTO & SANTOS, 2005, p.6).

Portanto, as categorias **Ordenamento Territorial (OT)** e **Impactos Socioambientais (IS)** foram apreendidas e compreendidas sob o viés teórico da **Geografia e Turismo (GT)**.

		Áreas do Conhecimento	
		Geografia	Turismo
Categorias Analíticas	Ordenamento Territorial (OT)	<ul style="list-style-type: none"> - Organização do Espaço - Planejamento Urbano - Políticas Públicas - Gestão do Território - Infra-estrutura - Plano Diretor 	<ul style="list-style-type: none"> - Políticas Públicas - Iniciativa Privada e Pública - Infra-estrutura Turística e de Apoio - Infra-estrutura Básica - Planejamento Turístico - Planejamento estratégico
	Impactos Socioambientais (IS)	<ul style="list-style-type: none"> - Preservação/Degradação Ambiental - Economia - Segregação Socioespacial - Manejo Ambiental - População - Paisagem - Lugar 	<ul style="list-style-type: none"> - Economia - Sazonalidade - Renda - Mudanças Culturais - Paisagem - Turistas - Inclusão/Exclusão

Quadro 1 – Apontamentos teóricos da investigação na GT.
Organização: Elias Júnior Câmara Gomes Sales.

Os trabalhos de cunho antropológico voltados ao turismo, em sua maioria, focam as relações entre visitantes e visitados. Nesse sentido, as categorias OT e IS foram aplicadas no trabalho para analisar os efeitos sobre a cultura local, as transformações culturais ocasionadas por padrões diferenciados dos encontrados na localidade visitada, abordando também o sentimento percebido pelos residentes (prestadores de serviços) em relação aos turistas (consumidores). Esses apontamentos podem ajudar no direcionamento de políticas sociais para o OT e refletir sobre os IS, como as novas formas de exclusão vivenciadas pela população local.

O turismo como atividade dinâmica, representa um agente que interfere na construção do espaço geográfico, estando ligado com o objeto de estudo da geografia (Relação sociedade – natureza), além de estar intrinsecamente conectado a categoria espaço geográfico, pois alguns elementos conceituais como a paisagem,

território e lugar são usados como produtos ou atrativos para a realização da atividade turística (ALVES & SALES, 2010).

Dessa maneira, na perspectiva geográfica, a questão do OT pode contribuir com ações voltadas ao planejamento urbano visando melhorar as condições estruturais, fornecendo subsídios para a organização do espaço. Portanto, questões relacionadas aos IS, como segregação socioespacial, manejo ambiental, dentre outras, poderiam ser mitigadas ao serem diagnosticadas e tratadas como prioridade nas políticas públicas direcionadas ao ordenamento do turismo em uma dada localidade.

Na visão do Turismo, as categorias de análise na investigação perpassam as duas áreas do conhecimento (Antropologia e Geografia), porém boa parte das pesquisas desenvolvidas acerca do turismo são de caráter economicista, preocupando-se com crescimento econômico, geração de renda, criação de empregos, deixando, muitas vezes, de abordar temáticas essenciais para a compreensão desse fenômeno socioespacial. Como destaca Barreto & Santos ao afirmar que um dos problemas envolvendo os estudos turísticos “reside no fato do turismo constituir-se, simultaneamente, em objeto de estudo científico e em área de ação do marketing e de outros fazeres que privilegiam sua dimensão de negócio” (2005, p.2).

Reiterando a discussão, pode-se dizer que a inter-relação entre GT fundamentou teoricamente as análises expostas no presente trabalho, no intuito de promover um rigor nos estudos científicos do turismo.

Em relação aos procedimentos de estudo de caso, a pesquisa possui abordagem exploratória, quanto descritiva e explicativa, uma vez que utilizou o método preconizado por Lefebvre, sendo que essas implicações metodológicas foram percebidas a partir de dois artigos publicados pelo autor nos anos de 1949 e 1953 (MARTINS, 1996). O reconhecimento da dupla complexidade, horizontal e vertical da realidade social, é fator fundamental para a compreensão da realidade social, sendo necessário identificar e recuperar as temporalidades desconstruídas e coexistentes. A adoção do cotidiano como categoria de análise é o que torna possível essa compreensão.

Portanto, este método se realiza em três momentos, no primeiro o pesquisador deve identificar e descrever o que vê, ou seja, reconstruir, a partir de um olhar teoricamente informado, a diversidade das relações sociais descrevendo-as. “A complexidade horizontal da vida social pode e deve ser reconhecida na descrição do visível” (MARTINS, 1996, p. 21). Nessa etapa o tempo das relações sociais não está identificado.

Dessa maneira, foi realizada a observação sistemática em Armação dos Búzios, objeto de análise dessa investigação, cidade que se destaca no cenário turístico nacional e internacional por ser conhecida como um lugar simples, porém sofisticada, possuidora de uma diversa vida cultural e também uma esplêndida beleza cênica devido às suas praias e ao padrão arquitetônico adotado no núcleo urbano localizado na península. Nesse momento, se buscou a reconstituição da diversidade das relações sociais, através principalmente do relato oral, procurando dessa forma uma maior proximidade com a área estudada. Nessa etapa o pesquisador, segundo Martins (1996) procede mais como um etnógrafo.

No segundo momento, descrito como analítico-regressivo, a complexidade vertical das relações sociais é o foco, sendo a realidade analisada e decomposta. A realidade do primeiro momento que parecia contemporânea é descoberta como remanescentes de épocas específicas, datadas. De acordo com Martins (1996, p.21), “cada relação social tem sua idade e sua data, cada elemento da cultura material e espiritual também tem sua data”.

O terceiro e último momento do método da dialética de Lefebvre o pesquisador reencontra o presente, entretanto de uma forma mais elucidada e compreendida do que no primeiro momento. Esse reencontro com o que foi concebido teoricamente, pela análise bibliográfica e documental, possibilita o entendimento da complexidade das relações sociais definindo as condições e possibilidades da realidade pesquisada. “Nesse momento regressivo-progressivo é possível descobrir que as contradições sociais são históricas e não se reduzem a confrontos de interesses entre diferentes categorias sociais” (MARTINS, 1996, p. 22). Reconhecer o antigo, o novo e o inovador através das transformações alcançadas pelo encontro da gênese do processo, parece ser o caminho a ser seguido, pois segundo Martins (1996, p. 22) “é o desencontro das temporalidades

dessas relações que faz de uma relação social em oposição à outra a indicação de que um possível está adiante do real e realizado.” Dessa forma, a compreensão da dinâmica turística em Armação dos Búzios se desenvolve a partir da análise dos elementos históricos relacionados ao município, que transformaram a organização espacial no contexto atual, propiciam subsídios para prognósticos futuros.

2.2 - Materiais e técnicas

O trabalho realizado, de cunho qualitativo, foi orientado pelos pressupostos teórico-metodológicos do pensamento geográfico, da antropologia e das linhas de pesquisa em turismo como fator de desenvolvimento econômico e social. Essa pesquisa objetiva analisar a realidade empírica que evidencia a dinâmica socioespacial em uma comunidade litorânea, a partir da inserção dessa no contexto da atividade turística. Para tanto se fez necessário um estudo sobre as questões pertinentes às dinâmicas socioespaciais devidas ao crescimento do turismo em um município litorâneo, no caso Armação dos Búzios – RJ.

No turismo os efeitos do processo de globalização são cada vez mais sentidos em diferentes setores. A abertura das fronteiras políticas e ideológicas e os avanços das tecnologias de comunicação, além de outros fatores, vêm contribuindo para a transformação do meio ambiente e fortalecendo o processo de globalização.

Tomando como base os efeitos da globalização e do turismo a nível local, foi percebida a necessidade de estudos mais aprofundados para a tentativa de se compreender a dinâmica socioespacial e a dialética da inclusão e exclusão social nas localidades onde há a prática turística.

Para a realização desta pesquisa foi utilizado o recurso de coleta de dados na perspectiva geográfica. Foram realizados trabalhos de campo, a observação participante e entrevistas abertas, as quais foram aplicadas ao poder público representado pelo ex-secretário de turismo do município de Armação dos Búzios – RJ (Gestão 2005 – 2008), ao representante da Secretaria de Turismo da gestão atual, aos representantes da Secretaria do Meio Ambiente e Pesca, a um membro

do Poder Legislativo Municipal. Também foram feitas entrevistas com um membro de uma Organização Não Governamental (ONG) e moradores da comunidade de Rasa, e moradores dos bairros de Cem Braças e Tucuns.

A escolha desses atores sociais objetivou promover debate a respeito da temática desenvolvida, de modo que o ponto de vista de cada um fosse avaliado. Dado que o pesquisador dispunha de recursos e tempo limitados, cabe ressaltar que essa primeira iniciativa pretendeu coletar alguns dados para dinamizar o estudo em questão, porém outros trabalhos de campo foram efetuados no intuito de promover debate mais aprofundado sobre as questões socioespaciais em comunidades litorâneas. A análise se complementa com um estudo de caso do município em questão localizado no estado do Rio de Janeiro, o qual encontra no turismo a possibilidade de desenvolvimento e crescimento econômico.

A seleção das áreas para a averiguação, conforme figura 1, foram obtidas a partir da leitura do Plano Diretor Municipal. Foram escolhidos 13 pontos de especial interesse para a realização da investigação.

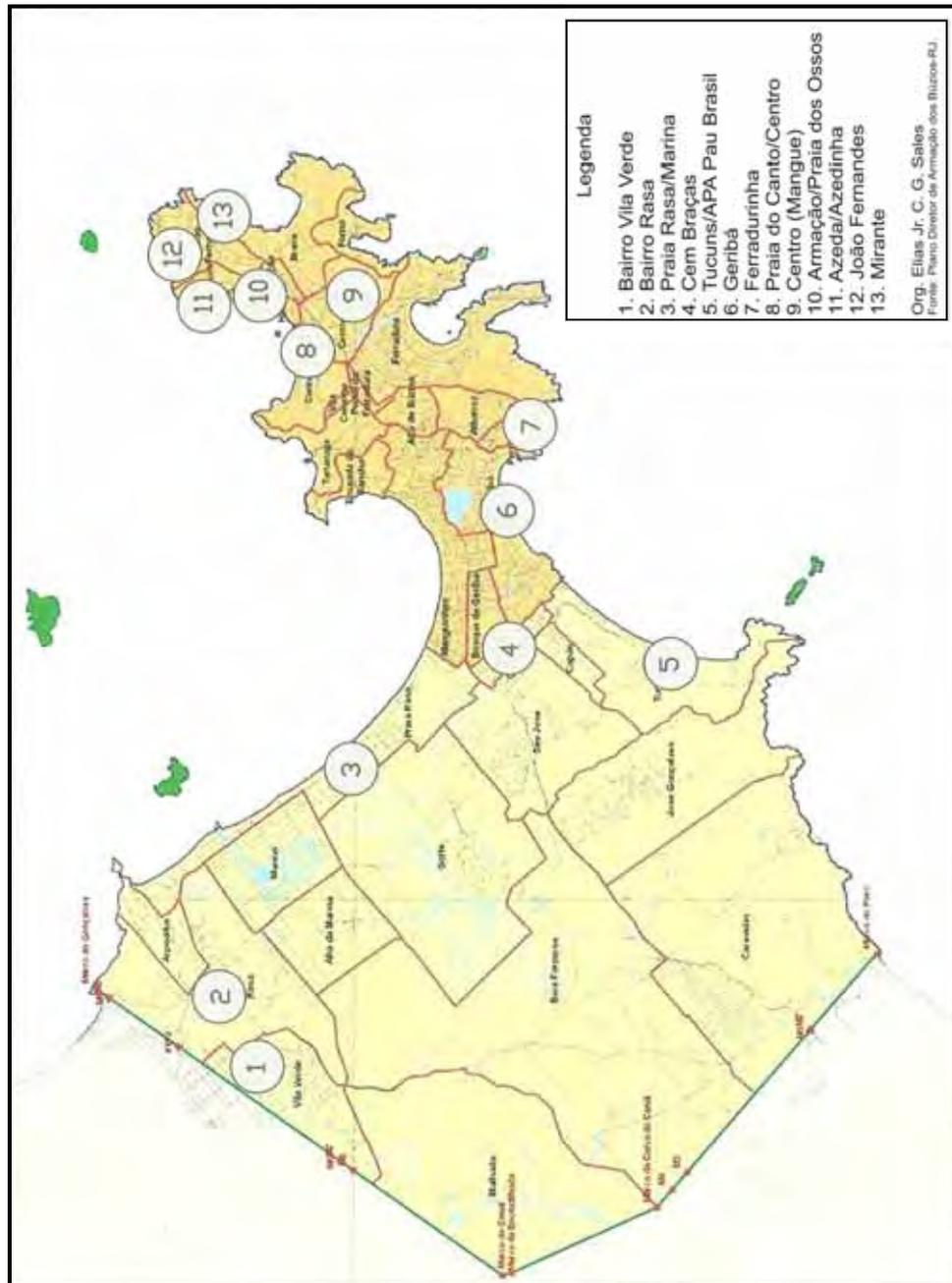


Figura 1 – Áreas selecionadas para o trabalho de campo em Armação dos Búzios - RJ.

As áreas selecionadas para a pesquisa foram agrupadas de acordo com os critérios classificatórios estabelecidos pelo Plano Diretor, enfocando as Áreas de Especial Interesse – AEI adotadas pelo município de Armação dos Búzios – RJ (Figura 2).

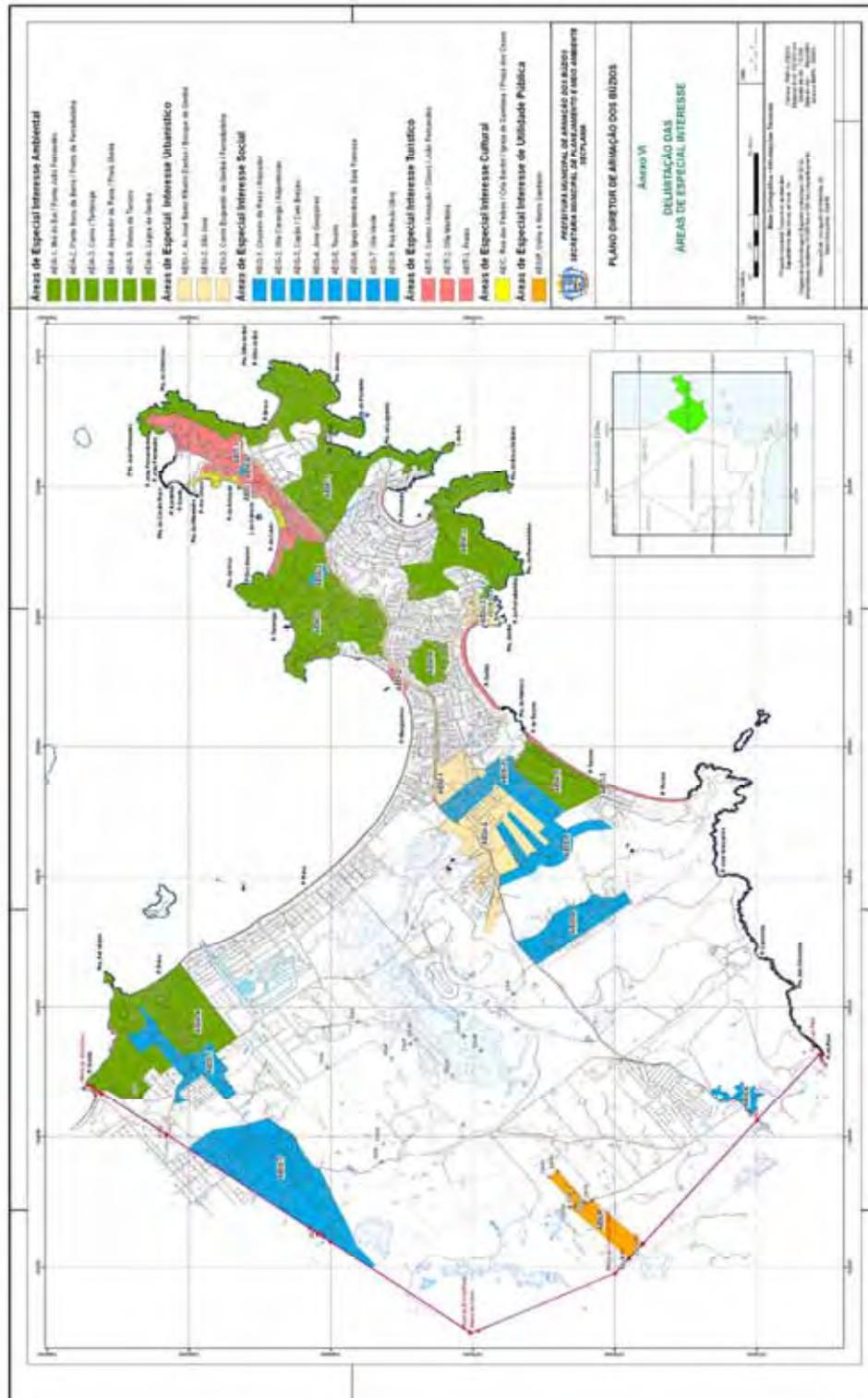


Figura 2 – Mapa de delimitação das Áreas de Especial Interesse no município de Armação dos Búzios - RJ.

Adotando o mapa de delimitação das AEI, nomeadas pelo poder público municipal, pode-se constituir elementos que fundamentassem a análise proposta por este trabalho (Quadro 2).

	Localidade	AEI – Ambiental	AEI – Cultural	AEI – Turístico	AEI - Social
1	Vila Verde				x
2	Bairro Rasa				x
3	Praia Rasa/Marina			x	
4	Cem Braças				x
5	Tucuns/APA Pau Brasil	x		x	x
6	Geribá			x	
7	Ferradurinha	x		x	
8	Praia do Canto/Centro		x	x	
9	Centro (Mangue)	x		x	
10	Armação/Praia dos Ossos		x	x	
11	Azeda/Azedinha	x		x	
12	João Fernandes	x		x	
13	Mirante	x			

Quadro 2 – Características/interesse das áreas pesquisadas.
Organização: Elias Júnior Câmara Gomes Sales

As localidades foram divididas em 4 agrupamentos, de acordo com suas classificações como AEI. Foi definido para a aplicação das entrevistas, os bairros de Rasa, Cem Braças, Tucuns, todos situados na parte continental do município, e também a área central, a qual é compreendida na parte peninsular de Búzios. Essa delimitação se deu por acreditar que contempla as proposições acerca do OT e IS. As outras áreas visitadas complementaram a pesquisa ao fornecer dados, por meio da observação participante, sustentando a parte empírica do referido trabalho.

No caso das entrevistas abertas, as abordagens foram realizadas pelo pesquisador com a aproximação e apresentação como aluno do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista – UNESP/Rio Claro, e o procedimento metodológico foi o seguinte: as entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas, permitindo a interpretação dos discursos dos agentes participantes da dinâmica socioespacial em Búzios, como é comumente conhecida. A única exceção nesse sentido foi em relação à entrevista com o membro de uma ONG, a qual foi feita através do recurso eletrônico, sendo enviados os questionários por correspondência eletrônica, dado a dificuldade de acesso encontrada pelo pesquisador ao realizar o trabalho de campo na localidade em estudo. Também foram feitos contatos por telefone com a finalidade de esclarecimentos posteriores.

Juntamente com o resultado dessa pesquisa de caráter qualitativo foram feitas revisões bibliográficas e documentais para se estabelecer um arcabouço

teórico e realizar reflexões sobre as políticas adotadas pelo poder público e como a comunidade local se insere nesse contexto. Nesse sentido, no que tange ao caráter bibliográfico da pesquisa, essa se classificará como exploratória no intuito de se obter maior familiaridade com o problema (GIL, 2002). Nesta etapa o procedimento de coleta de dados foi realizado por meio de revisão do conhecimento pertinente ao estudo, buscando experiências que retratem o problema pesquisado facilitando sua compreensão.

3. ESPAÇO E CAPITALISMO

O modelo econômico adotado pela maioria das sociedades contemporâneas, o qual se define como capitalismo, foi, e ainda continua sendo capaz de transformar a composição do espaço e as dinâmicas sociais. A atividade capitalista modifica as estruturas do trabalho e da produção, principalmente quando comparado à economia “semi-estática da idade média” (BURNS, 1974, p.661). Essas modificações nas bases socioespaciais são percebidas principalmente após algumas revoluções. Dessa forma, se destacará a seguir, as Revoluções Comercial e Industrial e suas implicações para o fortalecimento do capitalismo. Segue-se ainda com a análise de como esse modo de produção interfere nos espaços e também como o turismo está relacionado com a lógica capitalista.

3.1 - As revoluções no modo de produção e a interferência do capitalismo no espaço

O capitalismo vem ao longo de seu desenvolvimento criando um tipo de organização espacial que reflete suas relações econômicas e sociais. Para haver uma melhor compreensão de como o capitalismo interfere na composição do espaço, se torna necessária uma breve explicação sobre o período relacionado às

Revoluções Comercial e Industrial, sendo este o propulsor de uma era da acumulação do capital e transformação das dinâmicas socioespaciais. É recorrente que não se pretende abordar todas as questões relativas à Revolução, pois o trabalho ficaria extenso e poderia perder seu foco, porém se fazem necessárias algumas considerações a respeito desse período marcante em relação aos modos de produção que tanto influenciaram a composição do espaço e toda sociedade.

Antes ainda da Revolução Industrial, no período entre 1400 até aproximadamente 1700, a civilização moderna atravessou a sua primeira revolução econômica. Foi ela, a Revolução Comercial, como revela o historiador Burns (1974), e complementa que a mesma extirpou a economia semi-estática da Idade Média e a substituiu por um capitalismo dinâmico dominado por comerciantes, banqueiros e armadores de navios. Entretanto, se observado o contexto da Revolução Comercial, esta foi apenas o início de transformações mais acentuadas no campo econômico. Dessa forma ocorreu o surgimento da Revolução Industrial, a qual consolidou tanto os grandes empreendimentos comerciais, como também atingiu os domínios da produção. De forma sintética Burns, descreve que a Revolução Industrial compreendeu:

1) a mecanização da indústria e da agricultura; 2) a aplicação da força motriz à indústria; 3) o desenvolvimento do sistema fabril; 4) um sensacional aceleramento dos transportes e das comunicações; 5) um considerável acréscimo do controle capitalista sobre quase todos os ramos de atividade econômica (BURNS, 1974, p.661).

Não obstante a Revolução Industrial tenha seu início por volta de 1760, ela não atingiu seu ápice antes do século XIX, e a mesma não foi fruto de acontecimentos isolados e sim uma multiplicidade de causas que resultaram em uma das mais significativas mudanças na história da humanidade. É certo que desde a Revolução Comercial começaram a surgir invenções das mais diversas, porém somente esses progressos tecnológicos não seriam responsáveis por mudanças tão significativas na aceleração do processo de industrialização. Entre outras causas de relevância nesse contexto, pode ser citada uma classe de capitalistas que buscavam novas oportunidades de investimento, em vista que as atividades tradicionais, como construção naval, comércio, empreendimentos de mineração, dentre outros, se tornaram bastante limitados (BURNS, 1974). É saliente observar que essa acumulação de capital em posse desses investidores se deveu

ao período dessa revolução, a Revolução Comercial, e conseqüentemente havia uma grande disponibilidade de recursos para serem aplicados à manufatura. Apontadas essas causas, aliadas a um aumento na procura por produtos industriais, nota-se o embrião do que seria o surgimento da Revolução Industrial.

Segundo Burns, a procura por produtos industrializados

[...] deveu-se em grande parte à fundação de impérios coloniais e ao acentuado crescimento da população européia. Estamos lembrados de que um dos objetivos primários da aquisição de colônias fora o de encontrar novos mercados para os produtos manufaturados na metrópole (BURNS, 1974, p.662-663).

Reafirmando essa condição, o autor dispõe que em 1658 foram exportados da Inglaterra para a Virgínia um montante de 24.000 pares de sapatos. Ao passo que os mercados potenciais da Europa iam se ampliando, tendo um aumento do crescimento de sua população o que elevaria também o número de consumidores. Em relação ao crescimento populacional pode-se citar alguns exemplos. “Na Inglaterra o número de habitantes subiu de quatro milhões em 1600 a seis milhões em 1700 e a nove milhões no fim do século XVIII. A população da França elevou-se de 17.000.000 em 1700 a 26.000.000 cerca de cem anos mais tarde.” (BURNS, 1974, p.663). Evidentemente os avanços no campo da medicina contribuíram para essa elevação, mas as contribuições da Revolução Comercial merecem nossa atenção à medida que houve uma maior abundância de alimentos decorrente da expansão comercial.

O fato é que todos esses fatores anteriormente citados, em conjunto com a doutrina mercantilista, a qual estimulava uma balança de comércio favorável através da exportação de artigos manufaturados, desencadeou um momento propício à aceleração da Revolução Industrial.

“A fase inicial da Revolução Industrial, que vai de cerca de 1760 a 1860, testemunhou um desenvolvimento fenomenal da aplicação da maquinaria à indústria, o qual lançou os alicerces da nossa civilização mecânica moderna.” (BURNS, 1974, p.667). Nessa fase os feitos contribuíram para aceleração da industrialização, pois as máquinas empregadas na manufatura dos produtos, principalmente o algodão, eram muito grandes e necessitavam de força motriz mais eficientes das que eram já utilizadas, além de seus custos serem muito elevados

limitando-se assim sua aquisição aos grandes capitalistas. Essa dinâmica fez com que o processo produtivo se concentrasse em grandes construções e que os trabalhadores operassem essas máquinas sob a gerência do proprietário. Dessa forma vemos surgir as unidades fabris. É recorrente que a indústria muitas das vezes utilizava a força hidráulica e até mesmo a animal como força motriz, porém o processo de industrialização se intensificou com o emprego da máquina a vapor, sendo essa fonte energética aplicada posteriormente aos meios de transporte.

Segundo Burns (1974), a invenção da máquina a vapor foi fundamental na história dos tempos modernos, porém ela não foi a causa da Revolução Industrial, mas fruto desta. A procura de fontes eficientes de energia proporcionou seu surgimento, em vista que as indústrias precisavam mover suas máquinas, embora não fosse por ela não avançaríamos, por exemplo, no campo dos transportes.

As transformações fundamentais nos processos de produção, o qual foi destacado anteriormente, também se seguiram no setor de transportes. Muitas melhorias foram adotadas a fim de facilitar a vida de quem viajava, sendo empregado nas estradas drenagem e empedramento e também consta que houve um aumento do transporte fluvial. Não obstante o transporte atingiu níveis de progresso com a adoção da máquina a vapor e a sua utilização sobre trilhos.

Expostos alguns acontecimentos relevantes à fase inicial da Revolução Industrial, apresenta-se novo período que se inicia em 1860, que é chamado por alguns historiadores de Segunda Revolução Industrial. Esse período compreende várias diferenças em relação ao anterior. Dentre essas Burns afirma:

1) a substituição do ferro pelo aço como material industrial básico; 2) a substituição do vapor pela eletricidade e pelos produtos do petróleo como principais fontes de força motriz; 3) o desenvolvimento da maquinaria automática e de um alto grau de especialização do trabalho; 4) o uso de ligas, de metais leves e dos produtos da química industrial; 5) mudanças radicais nos transportes e comunicações; 6) o desenvolvimento de novas formas de organização capitalista; 7) a extensão da industrialização à Europa Central e Oriental e mesmo ao Extremo Oriente (BURNS, 1974, p.674).

Para esse estudo acredita-se ser necessário focar nas transformações ocorridas principalmente no que concerne às mudanças na composição do trabalho, nas relações de transporte e integração espacial, e as formas de organização

capitalista. Essas serão detalhadas a seguir para a compreensão da importância das modificações na composição socioespacial.

Ao se levar em consideração a questão do trabalho, constata-se profundas diferenças no campo industrial com a adoção da maquinaria automática, sendo esse fator responsável pelo crescimento da produção em massa e uma extrema divisão do trabalho, cujos trabalhadores da indústria executavam tarefas repetidas ao passo que foi introduzido, por volta de 1908, o processo de linha de montagem nas fábricas. Esse processo adotado inicialmente por Henry Ford foi, na verdade, uma adaptação do sistema já utilizado por enfardadores de carne de Chicago os quais o usavam para fazer circular as carcaças ao longo de uma fila. Essas modificações fizeram aumentar consideravelmente o número de mercadorias ao mesmo tempo em que seus preços eram reduzidos, tornando-as assim mais acessíveis (BURNS, 1974). Nota-se dessa forma que esse novo processo já começava a interferir na composição socioeconômica, pois essa maior acessibilidade das massas aos produtos industrializados, além de constituir em benefícios para a sociedade, também influenciava a acumulação do capital nas mãos dos grandes empreendedores industriais.

Nessa dinâmica o surgimento de classes diferenciadas parecia ser inevitável. A partir da Revolução Industrial foi observado que atores sociais com objetivos em comum se uniram para se fortalecerem e defenderem seus interesses. Daí o aparecimento da burguesia industrial, que mesmo dividida em alta e pequena se diferenciava do proletariado, sendo seu interesse principal o controle dos meios de produção e a manutenção do controle capitalista. A classe proletária também se organizou para se proteger dos abusos dessa burguesia, a qual muitas vezes os submetia a um regime de trabalho injusto e também reivindicar melhorias na condição do trabalho, o que será mais facilmente notado no período que compreende o final da Segunda Guerra Mundial, onde os trabalhadores conquistaram vitórias no campo trabalhista. Esse fortalecimento do proletariado só foi possível porque a concentração de trabalhadores nas cidades já se tornava alta devido a Revolução Industrial, o que facilitava sua organização (BURNS, 1974).

Durante essa fase da Revolução Industrial há avanços no campo dos transportes e nos meios de comunicação. O crescimento do transporte ferroviário foi

bastante elevado, em vista que em torno de 1860 “havia no máximo 50.000 quilômetros de trilhos assentados no mundo. Em 1890, a quilometragem elevava-se a 32.000 só na Grã-Bretanha, a 42.000 na Alemanha e a 270.000 nos Estados Unidos.” (BURNS, 1974, p.678). Porém a partir de meados de 1918 ele vê seu desempenho abalado com o advento de novas formas de transporte, dentre elas o automóvel. Mas o que realmente interessa sobre essa transformação é como ela se integra ao espaço e como retrata a lógica capitalista.

Harvey destaca o seguinte a respeito dessa lógica:

O modo capitalista de produção fomenta a produção de formas baratas e rápidas de comunicação e transporte, para que o “o produto direto possa ser realizado em mercados distantes e em grandes quantidades”, ao mesmo tempo em que novas “esferas de realização para o trabalho, impulsionadas pelo capital” podem se abrir. Portanto, a redução nos custos de realização e circulação ajuda a criar espaço novo para a acumulação de capital. Reciprocamente, a acumulação de capital se destina a ser geograficamente expansível, e faz isso pela progressiva redução do custo de comunicação e transporte (HARVEY, 2005, p.50).

No contexto da acumulação em geral, o aperfeiçoamento do transporte e da comunicação é visto como inevitável e necessário. Segundo Marx (apud HARVEY, 2005, p.50):

A revolução nos meios de produção da indústria e da agricultura tornaram necessária a revolução [...] nos meios de comunicação e transporte, de modo que gradualmente se adaptaram aos meios de produção da indústria mecânica, pela criação de um sistema de barcos fluviais a vapor, estradas de ferro, navios oceânicos a vapor e telégrafos.

Como se pode perceber, o transporte passa a ser de suma importância na lógica do capital, seja ele anulando o espaço pelo tempo ou criando condições de acumulação capitalista. O aperfeiçoamento e consecutivo avanço no campo dos transportes possibilitou, anos mais tarde, o crescimento da atividade turística, tendo em vista que o transporte, nos dizeres de Palhares (2005), é um dos elementos essenciais para o desenvolvimento do turismo. Ou seja, para haver turismo é necessário o deslocamento. Contudo, retornemos a Revolução.

Para finalizar essa explanação a respeito da segunda fase da Revolução, vê-se o surgimento de uma nova forma de capitalismo, o financeiro. Dentro desse contexto uma das características que mais chamam a atenção é a questão das grandes acumulações de capital, que de acordo com Burns (1974, p.681) foi “um dos desenvolvimentos mais decisivos da época moderna”.

Harvey complementa afirmando que:

A teoria de Marx do crescimento sob o capitalismo situa a acumulação de capital no centro das coisas. A acumulação é o motor cuja potência aumenta no modo de produção capitalista. O sistema capitalista é, portanto, muito dinâmico e inevitavelmente expansível; esse sistema cria uma força permanentemente revolucionária, que, incessante e constantemente, reforma o mundo em que vivemos (HARVEY, 2005, p.43).

Percebe-se dessa forma, a influência da acumulação nos dias atuais e como isso afeta a vida de toda a sociedade. Tais aspectos remetem ao contexto onde vivemos; uma era em que o capital se apropria dos espaços com a finalidade puramente de ampliar seu alcance sobre todos os ramos, sejam eles ligados ao campo econômico ou social. Reafirmando essa condição, Harvey cita os dizeres de Marx para exemplificar essa constante.

A produção da mais-valia relativa [...] exige a produção de consumo novo; exige que o círculo do consumo dentro da circulação se expanda, como fez anteriormente o círculo da produção. Inicialmente, a expansão quantitativa do consumo existente; em segundo lugar, a criação de novas necessidades, propagando as necessidades já existentes num círculo maior; em terceiro lugar, a produção de novas necessidades, e a descoberta e a criação de novos valores de uso (MARX apud HARVEY, 2005, p.72).

Refletindo sobre a lógica acumulativa do capital, pode-se sugerir que o turismo após a Segunda Guerra Mundial assume papel de destaque no que concerne o sistema capitalista, sendo que a atividade turística tem em sua essência a apropriação e consumo como fatores de sua reprodução.

Essa expansão do consumo acaba por alcançar a escala global e muitas vezes se apropria de coisas, pessoas e lugares. A constante apropriação resulta em mudanças na composição do espaço e em seu uso. Transformações no campo socioeconômico também serão percebidas, como é destacado no próximo item.

3.2 - A apropriação e a seleção dos espaços pelo capital

É recorrente que a sociedade não é estática e está sujeita a alterações em sua composição socioespacial. Ao se defrontar com revoluções, como a Comercial e Industrial, ela tem seus hábitos e bases modificadas de acordo com o movimento em questão.

O capitalismo, concebido a partir dessas revoluções, é responsável por mudanças estruturais nas sociedades e segundo Konder (1990, p.29), “uma primeira causa dessa deformação monstruosa se encontra na divisão social do trabalho, na apropriação privada das fontes de produção, no aparecimento das classes sociais.”

Dentre as diversas facetas do capitalismo destaca-se a facilidade de como o mesmo consegue se apropriar das fontes de produção e dos espaços e a forma que seleciona esses para reprodução do capital.

Harvey retrata em estudos um esboço das teorias de Marx para a elaboração de uma argumentação sobre a acumulação em uma escala geográfica. Segundo o autor, “o capital – Marx nunca cansa de enfatizar – não é uma coisa ou um conjunto de instituições; o capital é um processo de circulação entre produção e realização”. (HARVEY, 2005, p.73). Ainda de acordo com esse autor

Esse processo deve se expandir, acumular, reformar constantemente o processo de trabalho e os relacionamentos sociais na produção, assim como mudar constantemente as dimensões e as formas de circulação. Marx ajuda a entender esses processos teoricamente. No entanto, no fim, temos de fazer essa teoria se relacionar com situações existentes na estrutura das relações sociais capitalistas desse momento da história (HARVEY, 2005, p.73).

Observando os aspectos sociais do capitalismo no momento atual, é notável que o processo que esse sistema se insere impacta nas relações sociais de produção e em suas formas de circulação. A circulação do capital acaba por influenciar a composição do espaço e ainda os seleciona para sua reprodução, modificando assim as estruturas espaciais de acordo com as necessidades advindas da lógica capitalista.

Compreende-se dessa forma as tendências da expansão do capitalismo o qual produz

[...] um sistema de exploração geral das qualidades naturais e humanas [...] Por isso, a grande influência civilizadora do capital; sua produção de um estágio da sociedade em comparação ao qual todos os estágios anteriores parecem como meros desenvolvimentos locais da humanidade e como mera idolatria da natureza. Pela primeira vez, a natureza se tornou objeto para a humanidade, simplesmente uma matéria de utilidade [...] De acordo com essa tendência, o capital se impulsiona além das barreiras nacionais, e prejudica a adoração da natureza, assim como todas as satisfações tradicionais, limitadas, incrustadas das necessidades ao alcance, e as reproduções dos antigos estilos de vida. É destrutivo em relação a tudo isso, e, constantemente, revoluciona tudo isso, derrubando todas as barreiras que cercam o desenvolvimento das forças de produção, a

expansão das necessidades, o desenvolvimento multifacetado da produção, e a exploração e a troca das forças naturais e mentais [...] (MARX apud HARVEY, 2005, p.72).

Harvey, utilizando palavras de Marx, faz referência à acumulação do capital e mostra como é destrutiva em relação ao apropriamento e reprodução dos antigos modos de vida. Como se pode observar, a prática capitalista é capaz de modificar estruturas existentes tornando-as ferramentas para seu funcionamento. A tendência de apropriação é pertinente ao capitalismo, que tem a capacidade de transformar tudo em mercadoria, criando valor para tudo o que se apropria. Uma sociedade voltada para o consumo.

O turismo, como prática capitalista, transforma o tempo do lazer em tempo do consumo, ao mesmo tempo que se apropria dos modos de produção tradicionais e transforma as relações socioespaciais onde ele atua Ouriques (2005). Portanto, ao corroborar com o autor levanta-se questões pertinentes sobre a relação entre turismo e capitalismo.

A questão levantada é facilmente percebida quando se analisa a forma que o capitalismo se inseriu na valorização dos espaços. Para exemplificar essa valorização e a dinâmica que rege a seleção dos espaços pelo capital, toma-se o caso das paisagens naturais. Segundo Luchiari (2001), essa dinâmica afeta os ecossistemas naturais, pois sua proteção por meio de uma lógica preservacionista fez com que a valorização da natureza, como paisagem valorizada, acabasse sendo reincorporada à sociedade, reproduzindo a perversa estratificação social. Segundo autora:

O mesmo espírito preservacionista que protegeu ecossistemas naturais também selecionou paisagens naturais para serem mercantilizadas e transformadas em novas territorialidades das elites urbanas – agora, com estatuto de guardiãs da natureza – e restringiu ou excluiu antigas práticas sociais de subsistência das populações tradicionais (LUCHIARI, 2001, p. 10).

O pensamento da autora é relevante, pois mostra à medida que ocorre seleção e valorização desses espaços, como as paisagens naturais preservadas, reproduz a distinção social. O acesso a esses lugares torna-se restrito reforçando as desigualdades socioespaciais. Ainda nessa discussão Santos (2000, p.172) afirma que, “na era da ecologia triunfante, é o homem quem fabrica a natureza, ou lhe atribui valor e sentido, por meio de suas ações já realizadas, em curso ou

meramente imaginadas. Por isso, tudo o que existe constitui uma perspectiva de valor”. Dentro dessa concepção, é recorrente que o capital ao selecionar espaços determina a valorização do meio e isso causa consequências para toda a sociedade.

Foi utilizada no trabalho a paisagem natural preservada como exemplo para reforçar a idéia de apropriação e seleção dos espaços pelo capital, por ela estar intimamente ligada à prática do turismo. Sua imagem é usualmente utilizada para promover a venda do produto turístico, como aponta Aoun (apud RODRIGUES, 2003), cuja imagem dos espaços naturais chega a ter a conotação de “*paraíso*” para apelos mercadológicos pertinentes ao turismo, porém essa condição do capitalismo se estende por diversos campos socioeconômicos. Segundo Ouriques (2005) a atividade turística é inerente ao capitalismo contemporâneo. Segundo o autor:

O turismo, que a princípio vive da apropriação do estético, isto é, do conhecimento sensível, fundamenta-se, como qualquer atividade econômica capitalista, na exploração da força de trabalho por parte do capital. Contudo, talvez mais do que qualquer outro setor, parece estar totalmente desvinculado dessa relação social. [...] A mercadoria-paisagem é socialmente produzida como a matéria-prima do turismo. O que o turismo faz, portanto, é promover a “venda” da natureza, das construções históricas, das manifestações folclóricas (OURIQUES, 2005, p.49).

A afirmação da paisagem como mercadoria é percebida até mesmo em lugares improváveis. A apropriação dos espaços pelo capitalismo, através do turismo, se torna observável em localidades desprovidas, a princípio, do apelo turístico, como é o caso da favela da Rocinha no Rio de Janeiro. Nesta favela é encontrado um roteiro de visitas programadas para estrangeiros, onde os mesmo se adentram na comunidade para poderem ver como é a vida em uma favela brasileira (OURIQUES, 2005). Nessa circunstância, reafirma-se que o capital é capaz de apropriar não somente dos espaços, como também das relações sociais, ao ser observado que até mesmo a população local se transforma em atrativo e sua relação com o lugar se torna artificial, pois o que apresentam aos turistas que ali chegam, não é, na maioria das vezes, a verdadeira condição vivida pela comunidade, e sim um certo tipo de espetáculo fetichista do turismo, como destaca Ouriques (2005).

Para continuar este estudo será investigado como o turismo se enquadra na produção capitalista, e como se destaca enquanto atividade do capitalismo contemporâneo.

3.3 - Turismo enquanto atividade do capitalismo contemporâneo

O turismo segundo Cruz (2003, p.5) “é, antes de mais nada, uma prática social, que envolve o deslocamento de pessoas pelo território e que tem no espaço geográfico seu principal objeto de consumo”.

A popularização de tal prática aconteceu após a Segunda Guerra Mundial, período em que houve ganhos por parte da classe trabalhadora relativos a salários e a maior tempo livre e consecutivos avanços tecnológicos no campo das comunicações, transportes e uma crescente sofisticação do marketing (PAIVA, 1995). Realizando uma revisão bibliográfica em torno do turismo, encontram-se diversos autores que corroboram essa informação. A popularização das viagens nos países mais desenvolvidos partiu do pressuposto que os trabalhadores dispunham já nessa época de maiores salários e maior tempo livre. Essa condição está caracterizada no período que compreendeu o fordismo no pós-guerra. É neste momento que segundo Ouriques (2005, p.27) o lazer turístico, apesar de surgir como uma conquista da classe trabalhadora, “constitui-se e significa uma forma de controle do capital sobre o ‘tempo disponível’.” A apropriação do lazer por parte do turismo, o qual o autor denomina como um ramo do capitalismo.

A caracterização do turismo como parte integrante do modo capitalista necessita de uma maior compreensão do lazer. Dessa maneira os termos ligados à técnica e métodos relacionados ao turismo não serão abordados neste trabalho e sim a forma como tal atividade se insere no capitalismo. Para Dumazedier o lazer

[...] é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 1976, p.34).

O que Dumazedier relata é que o lazer pode ser efetuado de diversas maneiras, sem que haja necessariamente a obrigação do consumo. Essa concepção de lazer atribuída pelo autor parece não coincidir com a dinâmica da prática turística contemporânea, que atrela ao lazer um valor, e por estar ligada a lógica capitalista se apropria deste para transformá-lo em mercadoria passível de ser comercializada.

Paiva (1995) facilita a compreensão em torno do lazer ao relatar que:

Após a Revolução Industrial o lazer assimilou um conteúdo ideológico de tempo correspondente ao não-trabalho, gerando novas atividades de ocupação do tempo livre ou então modificando o significado de atividades de lazer tradicional, como aconteceu com algumas festas tradicionais, dentre as quais o carnaval. As atividades de lazer moderno configuram-se como distrações atraentes, muitas delas dirigidas para objetivos comerciais e produzidas dentro da ideologia capitalista (PAIVA, 1995, p.11).

Dentre as atividades ligadas ao lazer moderno está inserido o turismo. Nesta perspectiva destaca-se que o turismo como a atividade contemporânea tem origem na aceleração do crescimento econômico do pós-guerra, período em que ocorreu uma melhoria no padrão de vida dos trabalhadores. Assistimos dessa maneira o surgimento da “indústria do lazer” (KRIPPENDORF, 1989, p.18). Reiterando o que já foi relatado na primeira parte do presente trabalho, houve um avanço grandioso nos transportes e meios de comunicação, componentes essenciais à prática turística, sendo que para haver turismo é necessário o deslocamento, tanto físico, como de informações.

Reafirmando a condição da expansão do turismo, o qual é tido como fonte renovadora numa sociedade industrial, nota-se um aumento pela procura de novos destinos turísticos pelas massas a fim de recomporem suas condições físicas e mentais para novamente se colocarem no trabalho. Ouriques (2005, p.18) destaca que “o turismo, essa máquina de reconstituição capitalista, é uma atividade que se desenvolve no contexto da transformação do tempo de não-trabalho em tempo do capital.” Segundo o autor:

O discurso que dissocia o tempo de trabalho do tempo livre não dá conta dessa peculiaridade: o tempo do não-trabalho, na forma dos lazeres, férias, em uma palavra, turismo é um tempo do capital, um tempo em que o sujeito que consome o turismo não deixa de reproduzir a lógica do capital (OURIQUES, 2005, p. 18).

Segundo o autor é necessário tempo de consumo para que o capital continue se reproduzindo. Dessa forma, mesmo havendo diminuição da jornada de trabalho nessa concepção da modernidade capitalista, o que é questionável quando se compara com o período onde o trabalho era determinado pelos fatores ambientais, é corroborado que todo o tempo é transformado em tempo do capital. (KURZ apud OURIQUES, 2005).

Ouriques (2005, p.18) ainda nesse contexto assinala que:

Portanto, a massificação turística, isto é, sua possibilidade aos trabalhadores dos países mais desenvolvidos, apresenta-se apenas como um mecanismo sedutor de reprodução da força de trabalho. O turismo deve ser entendido pela apropriação capitalista dos momentos de ócio individual, transformados em um imenso aparelho coletivo de enriquecimento privado.

Observada a expansão do turismo no século XX, nos deparamos com a condição capitalista na qual a atividade está inserida, onde suas práticas mercantilistas se sobrepõem ao discurso que demonstra o “progresso humano e social” (OURIQUES, 2005, p.40).

Na realidade o que se vê em relação ao turismo é uma constante transformação de tudo em mercadoria numa sociedade do espetáculo, onde até mesmo os trabalhadores são preparados para o turismo com a finalidade de atender às demandas dos turistas, os quais são tidos como sujeitos atuantes no mundo da mercadoria. Essa relação de dependência a qual o turismo está condicionado segundo o autor, reflete a condição capitalista desse fenômeno, não atendendo, na maioria das vezes, à questão do bem-estar social.

Além da condição de transformar tudo em mercadoria, o turismo desponta como agente relevante de mudança na composição espacial, em vistas que esse fenômeno consegue articular a promoção de países ditos periféricos e inseri-los no contexto global da economia, através de uma dinâmica mercadológica e consumidora dos espaços onde atua mudando a realidade de várias localidades (OURIQUES, 2005).

Veremos a seguir a realidade brasileira no que tange às dinâmicas sociais e posteriormente algumas questões relacionadas à inclusão/exclusão e as dinâmicas socioespaciais. Esses indicadores embasam o item 4 na problematização do turismo e seus efeitos no meio onde se desenvolve.

3.4 - A dialética da exclusão/inclusão social no Brasil

Dialética, na era da Grécia antiga, se constituía na arte do diálogo, e aos poucos passou a ser a demonstração de um argumento dentro do próprio diálogo

para que esse pudesse ser definido de forma clara e os conceitos relativos à discussão pudessem ser bem distintos, como destaca Konder (1990).

No entanto, o autor sugere que

Na acepção moderna, entretanto, dialética significa outra coisa: é o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação (KONDER, 1990, p.8).

Observa-se que o termo “dialética” pode ser definido de formas diferentes, porém para a discussão presente no trabalho se utiliza a concepção que a retrata como forma de pensarmos as contradições. Ao se levantar a dinâmica da exclusão e inclusão social em nosso país nota-se que o termo se estabelece de forma necessária.

Segundo Pochmann et al (2005, p.13) a inclusão social tem suas bases definidas sinteticamente “na capacidade de um país fazer avançar tanto a renda individual de sua população como a oferta acessível de equipamentos e serviços públicos.” No entanto, a situação brasileira não é adequada e para que se atinjam níveis considerados satisfatórios são necessários grandes investimentos em diversos complexos sociais.

Há muito tempo se percebe no Brasil a necessidade de se trabalhar a questão da inclusão para que sua população alcance níveis de equidade social satisfatórios. No entanto, ao longo de décadas o problema da exclusão ainda é presente e muitas vezes sua gravidade e suas consequências para uma grande porcentagem da população brasileira é desconsiderado. Segundo Pochmann et al (2005, p.23) a “viabilidade do Brasil como país se deu, historicamente, fundada na utopia de que a situação social estaria em constante avanço.” E destaca ainda:

Mas essa produção alienada que forjou o país do futuro terminou por negar à totalidade dos seus filhos a justiça da universalização das oportunidades. Em síntese, construiu um país para poucos, em que a maior parte das transformações ocorridas aconteceu sem mudanças de natureza estrutural, bloqueando a inclusão social plena (POCHMANN et al, 2005, p.23).

Para alguns pensadores como Milton Santos é impraticável separar a profundidade das desigualdades sociais e regionais que afetam o povo brasileiro da dependência do país se levado em consideração a forma de como este se insere na divisão internacional do trabalho. (POCHMANN, AMORIM, 2004).

Pochmann e Amorim (2004, p.9) afirmam que:

O fato de a industrialização brasileira ter sido conduzida dentro de um padrão imitativo de consumo modificou, sem superar, os laços de dependência e terminou por reforçar o elitismo e a exclusão social. Hoje, início do século XXI, apenas a história já não é suficiente para entender a posição que o Brasil ocupa em relação a outras nações.

É recorrente que o Brasil passou por muitas mudanças ao longo do século XX, porém as desigualdades sociais se mantiveram. Por este motivo se percebe a necessidade de entender as diferenciações diante da possibilidade de enfrentamento da exclusão no país.

Por se apresentar de modo cada vez mais complexo nota-se que “quanto mais avançado é o estágio de desenvolvimento de um país, a exclusão pode ser interpretada como um processo de natureza transdisciplinar, capaz de envolver diferentes componentes analíticos.” (POCHMANN, AMORIM, 2004, p. 9). Dessa maneira, não cabe associar a existência da exclusão tão somente por oposição à condição de inclusão social. Esse pressuposto é apropriado e revela que na história da sociedade a igualdade nem sempre esteve presente, contudo segundo os autores citados a evolução dos povos denuncia a exclusão como um processo combinado e desigual simultâneo à inclusão. Entende-se dessa forma que o crescimento de um país pode gerar condições de inclusão ao mesmo tempo em que cria formas de exclusão.

Nas sociedades mais pobres ou desiguais fica mais fácil evidenciar a dialética relativa à questão da exclusão/inclusão, pois à medida que alguns componentes vão se incorporando à realidade dessas - como, por exemplo, a urbanização - surgem novas necessidades de vida digna que ultrapassam o simples critério de subsistência. Portanto, se faz necessário considerar não somente a quantidade, mas também a qualidade dos diversos serviços utilizados pela população.

Por essa razão serão apresentados a seguir dados que revelam uma grande mancha de exclusão no Brasil e alguns pequenos pontos de inclusão, levando-se em consideração os estudos realizados por Pochmann e Amorim (2004) que resultaram na elaboração de um atlas com o mapeamento da exclusão social no Brasil. Para a construção do mapa os pesquisadores utilizaram-se dos seguintes

critérios para analisar a situação brasileira: índice de pobreza, índice de juventude, índice de alfabetização, índice de escolaridade, índice de emprego formal, índice de violência, índice de desigualdade social e por último o índice de exclusão social, que é uma síntese dos anteriores.¹

A transformação de todos os indicadores segue a fórmula utilizada por Amartya Sen quando foi criado o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) (ONU/PNUD apud POCHMANN, AMORIM, 2004):

$$X_{i,p} = \frac{X_i - \min(X_i)}{\max(X_i) - \min(X_i)}$$

Onde

p: identifica qual indicador de bem-estar social está em estudo;

i: índice que identifica o município;

X: valor do indicador utilizado no cálculo;

min: valor mínimo escolhido do indicador X;

max: valor máximo escolhido do indicador X.

Em seguida, é necessário associar os índices construídos, ponderando-os de maneira adequada de acordo com a tabela 1. Obtém-se assim o Índice de Exclusão Social.

¹ Para maiores detalhes sobre os critérios de avaliação da condição de exclusão no país, consultar Atlas da exclusão social no Brasil (2004), de Marcio Pochmann & Ricardo Amorim.

Tabela 1. Temas analisados pelo Índice de Exclusão Social, os índices construídos e suas ponderações.

Aspectos	Índices criados	Peso
Um padrão de vida digno	■ medido pela pobreza dos chefes de família no município	17,0%
	■ medido pela taxa de emprego formal sobre a PEA	17,0%
	■ medido por uma <i>proxi</i> da desigualdade Renda	17,0%
Conhecimento	■ medido pela taxa de alfabetização de Pessoas acima de 5 anos	5,7%
	■ medido pelo número médio de anos de estudo do chefe de domicílio	11,3%
Risco juvenil	■ medido pela porcentagem de jovens na População	17,0%
	■ medido pelo número de homicídios por 100 mil habitantes	15,0%

Fonte: Elaborado por Pochmann & Amorim (Org). Atlas da exclusão social no Brasil. São Paulo: Cortez, 2004

Esse processo permitiu que se fosse avaliado o Índice de Exclusão Social em todos os municípios brasileiros no ano de 2000, e para interpretar os resultados deve-se considerar que o índice varia de zero a um. Quanto mais próximo de um, fica evidenciada uma melhor situação social*. (POCHMANN, AMORIM, 2004).

Vejamos o mapa:

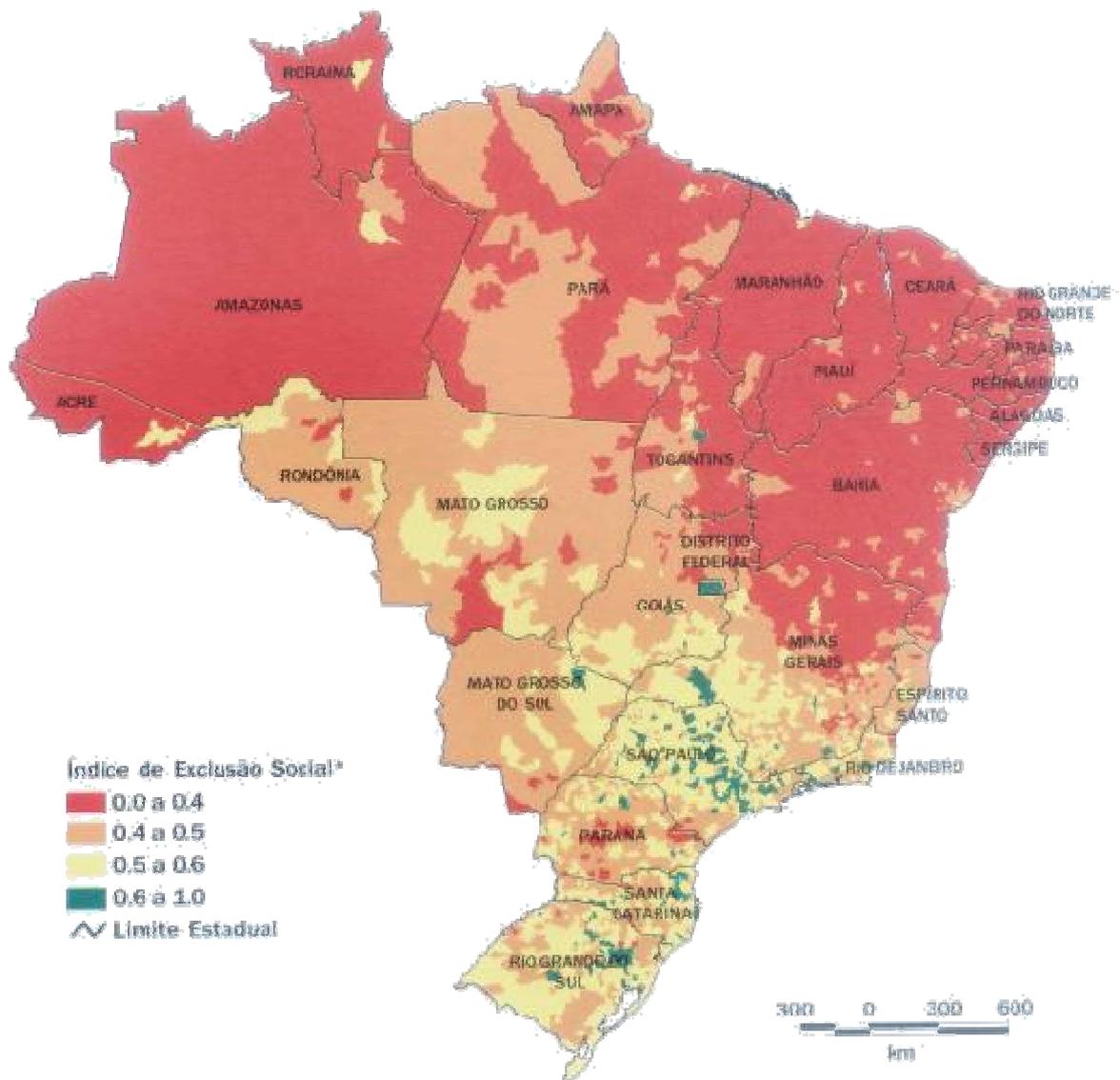


Figura 3 - Índice de Exclusão Social no Brasil.

Fonte: POCHMANN, Márcio; AMORIM, Ricardo (Org.). Atlas da exclusão social no Brasil. São Paulo: Cortez, 2004. Elaboração a partir dos dados de 2000.

Observando o mapa, nota-se que a maior parte do Brasil vive em situação precária quando a temática abordada é a inclusão social. O que se pode deduzir é que o país possui em seu vasto território poucos pontos de inclusão, em contrapartida a exclusão se faz presente em todas as regiões brasileiras, apesar de ser constatada de uma maneira mais ampla no Nordeste e no Norte da Federação. Não obstante os índices se apresentem melhores na região Centro-Sul não se pode falar em condições adequadas de inclusão, mas levantar questionamentos relativos às formas mais sofisticadas de exclusão. (POCHMANN, AMORIM, 2004).

Segundo Pochmann e Amorim (2004) dentre as formas mais sofisticadas destacam-se o grande desemprego entre escolarizados e famílias monoparentais que vivem na pobreza por ausência de renda. Isso se deve ao modelo econômico adotado, de perspectiva neoliberal, a partir da década de 1990. Embora esses indicadores sejam representativos, não significa dizer que os outros problemas relativos à exclusão não estejam presentes, como a fome e o analfabetismo, por exemplo.

Dessa forma se pode corroborar das análises dos autores, apesar de que fazer comparações analíticas ser uma tarefa complexa, em que se encontraram os seguintes resultados.

No que se refere ao indicador sobre a participação de cidadãos até 19 anos de idade no total da população, nota-se que 7,0% das cidades brasileiras apresentam elevada concentração de jovens, principalmente nas regiões Norte e Nordeste. O que pode levar ao entendimento, mesmo que de forma indireta, que as famílias nessas regiões são numerosas, compostas por muitas crianças e jovens e que apresentam uma menor expectativa de vida. Enquanto que na região Centro-Sul cerca de 54,8% dos municípios contam com uma parcela restrita de jovens com até 19 anos no total da população.

Em relação à existência de analfabetismo, 2,12% das cidades do Brasil possuem chefes de família que não sabem ler ou escrever. Essa condição é observada em maior proporção nas áreas acima do Trópico de Capricórnio e isso indica que a exclusão nesses lugares está ligada ao fato da não-alfabetização. Abaixo do trópico estão os municípios com melhores indicadores.

No que tange ao indicador relativo ao nível de instrução dos chefes de família, verifica-se que 53,5% das cidades brasileiras possuem chefes de família com pouca escolaridade, demonstrando dessa forma a “velha” exclusão presente nessas localidades.

Ao mensurar a participação dos assalariados em ocupações formais no total da população em idade ativa, percebe-se que 36,1% das cidades apresentam diminuta participação deste tipo, enquanto 10,3% dos municípios apresentam ocupação com assalariamento formal.

Observando o indicador que mensura a violência, pode-se afirmar que esse índice afeta 13,9% das cidades brasileiras. É necessário considerar que a violência, provavelmente, possui uma lógica social e territorial diferenciada das demais cidades.

No que diz respeito ao indicador que demonstra a pobreza, é visível que as piores situações se encontram nas regiões Norte e Nordeste e também no norte de Minas Gerais. Porém cabe ressaltar que a análise feita aqui, como afirma os autores, leva em consideração os municípios em sua totalidade, sendo que se pode encontrar grandes porções de pobreza em cidades com índices relativamente bons.

O indicador de desigualdade revela que 49,0% dos municípios brasileiros estão situados dentro de um alto grau de disparidades entre os chefes de família. Sendo a diferença entre ricos e pobres muito elevada.

Quanto ao indicador que denota o Índice de Exclusão, o qual foi definido como uma síntese dos outros indicadores, 41,6% das cidades do Brasil apresentam os piores resultados.

Constata-se dessa maneira que a exclusão afeta a população brasileira de diferentes formas, sendo ela apresentada quantitativa ou qualitativamente, e em distintas regiões, vê-se a urgência de políticas de inclusão para que as cidades do Brasil possam apresentar índices satisfatórios de inclusão social, pois de acordo com Pochmann e Amorim (2004, p.26) “o Brasil apresenta em seu território complexa combinação de uma ‘velha’ e de uma ‘nova’ exclusão, que se manifestam em graus e locais diferenciados, por meio de mecanismos e grupos sociais distintos”.

Para se obter resultados positivos na questão da inclusão social é necessária uma compreensão aprofundada dessa dialética para que seja realizado um projeto de desenvolvimento que consiga inverter a trajetória da exclusão. É necessário compreender que:

A atual crise do desenvolvimento capitalista no Brasil, iniciada em 1980, consegue ser a mais longa e complexa desde 1840. Além do esgotamento do projeto de nação sustentado pela urbanização e industrialização, observa-se a prevalência do ciclo de financeirização da riqueza que asfixia o potencial de crescimento produtivo e ocupacional no país. (POCHMANN et al, 2005, p.9)

Assim, é percebido que a perspectiva de avanços no campo da inclusão social no Brasil é pequeno diante do atual modelo econômico. Apesar das reformas vivenciadas ao longo de vários anos, o país ainda se encontra em situação precária no que tange o campo de inclusão, porém segundo os autores:

Não há dúvidas de que a face do país pode ser outra, em que o plano geográfico seja capaz de apontar para a existência de uma sociedade menos desigual, ainda que plural, diversa e democrática. Entretanto, para que essa nova face seja possível, o efetivo combate à exclusão social, em toda sua extensão e complexidade, é absolutamente imprescindível. (POCHMANN, AMORIM, 2004, p.26).

De acordo com os estudos de Pochmann et al (2005, p.9), para que se chegue a um padrão intermediário de inclusão, o país precisa investir “continuada e adicionalmente, a cada ano, até 2020, a quantia equivalente a 14,5% do seu Produto Interno Bruto (PIB)” em setores como educação, saúde, habitação, cultura entre outros. O autor destaca que se a meta for elevada para um padrão de inclusão avançado é necessário investimentos no patamar de 27,6% do PIB. Partindo desses dados se constata que para atingir tais níveis é necessário um forte empenho nacional para melhorar a condição de inclusão social no país nos próximos anos.

O turismo, o qual se enquadra dentro da lógica capitalista (PAIVA, 1995), aparece nos discursos como um modo inclusivo, pois seu efeito multiplicador² é sentido por todos onde seu desenvolvimento é concebido. No entanto, como o turismo é absorvido de modos diferentes, de acordo com a organização social e com a realidade vivida pelos lugares, se nota que o Brasil precisa enfrentar problemas como o analfabetismo, pobreza, fome, violência e desemprego para superar as mazelas sociais que assolam grande parte de sua população. Somente desse modo, as dificuldades para o desenvolvimento do turismo serão suprimidas, pois a atividade turística exige a transformação dessa realidade. Daí o turismo em países desenvolvidos ser tão diferente do implementado no Brasil.

Para investigar as transformações do espaço e da sociedade, através da atividade turística, foi escolhido como objeto de estudo o turismo em uma localidade litorânea, pois o Brasil possui um litoral extenso e bastante utilizado para a prática

² Diversos pesquisadores do turismo admitem que tal fenômeno tem a capacidade de contribuir para o desenvolvimento da economia de uma localidade onde atua, pois a atividade turística movimentada diversos setores, como transportes, alimentação, entre outros, o que ajuda a distribuir os benefícios advindos do turismo.

do turismo, e também por apresentar muitas vezes dinâmicas socioespaciais bastante complexas nessa faixa do território brasileiro.

4. TURISMO E ESPAÇO LITORÂNEO

Analisada a dinâmica do capitalismo, onde a apropriação dos espaços para sua reprodução se faz necessária para a acumulação do capital, sendo esta a regra do modelo, o litoral se destaca como uma fonte geradora de divisas, e se constata que por através dele são obtidos ganhos econômicos a partir do uso que a sociedade faz desse espaço. Dentre esses usos do litoral destaca-se o turismo, o qual possui dinâmicas particulares.

A atividade turística faz uso, cada vez mais crescente, dos espaços litorâneos para promover sua expansão. Vasconcelos (2003, p.320) afirma que nessa “tendência mundial do crescimento da demanda pelo turismo de natureza, os litorais destacam-se pelo interesse que despertam às políticas de turismo.” Segundo o mesmo autor:

A compreensão de que o turismo desenvolvido nos litorais precisa respeitar o meio ambiente, ou seja, não degradar nem descaracterizar as paisagens naturais, não modificar as atividades econômicas tradicionais, como a pesca e a agricultura, não incomodar os residentes e servir de base para uma diversificação da economia local é o pressuposto para a implementação do turismo litorâneo (VASCONCELOS, 2003, p.320).

Essa preocupação em não degradar e não descaracterizar o espaço litorâneo pode ser entendida porque a área costeira possui elementos naturais e humanos necessários a manutenção da vida local. Não obstante, essa preocupação em muitos casos não seja concretizada de fato.

A utilização do espaço litorâneo pela sociedade se traduz em atividades particulares. A pesca, a circulação de mercadorias, o turismo, entre outros usos presentes no litoral dá a esta porção do espaço geográfico características peculiares, construídas por sujeitos sociais que aí encontram seu lugar.

Considerando que “alguns aspectos da natureza e da sociedade somente se manifestam no litoral, é possível considerá-lo como portador de uma problemática específica, sendo o turismo que se desenvolve no litoral também portador de suas particularidades” (CARDOSO, 2006, p.246).

Ao sinalizar que o turismo está inserido em “problemática específica” quando é desenvolvido na área litorânea, o autor levanta questões pertinentes aos impactos e conflitos gerados a partir de tal prática em relação aos espaços ocupados pelo mesmo. Assim se faz necessário o conhecimento das dinâmicas relacionadas à ocupação desse espaço geográfico.

4.1 - O litoral na formação do território brasileiro

O litoral segundo Cardoso (2006) é a área de contato entre a terra e o mar e é um espaço de transição, em se tratando de elementos que compõem a natureza, com ecossistemas somente encontrados nessa porção do território. É, de acordo com o autor, o elo entre o continente e mar.

O Brasil possui um vasto litoral que se estende por cerca de “7.367 km lineares” e se for considerada “as reentrâncias da costa este valor alcança cerca de 8.500 km” (MORAES apud CARDOSO, 2006, p.247). É considerado o maior litoral inter e subtropical do mundo (AB’SABER, 2003). De acordo com o autor, é possível uma setorização do litoral brasileiro em seis partes no sentido Norte-Sul, a partir de dados relativos à vegetação, elementos do relevo e demais componentes da paisagem. Esses compartimentos são: Litoral Equatorial Amazônico, o Litoral

Nordestino Setentrional, o Litoral Nordeste Oriental, o Litoral Leste, o Litoral Sudeste e o Litoral Sul.³

Para este estudo será destacado o Litoral Sudeste, que se estende do Sul do Espírito Santo ao Norte do litoral catarinense que é marcado

Pela proximidade com as encostas dos planaltos de sudeste e sul, que recebem em alguns trechos o nome de Serra do Mar. Ora se afastando da linha costeira, ora se sobrepondo a esta, os morros costeiros dão origem a um litoral extremamente recortado com presença de baías, enseadas, costões rochosos, lagunas e inúmeras ilhas. Nas encostas rochosas do sudeste e sul encontram-se os remanescentes mais preservados e contínuos da Floresta Tropical Atlântica – a Mata Atlântica (AB’SABER apud CARDOSO, 2006, p.248).

Esse destaque se deve ao fato do município de Armação dos Búzios – RJ estar situado nessa região, e ser o objeto das análises para a compreensão das dinâmicas socioespaciais que o capitalismo reproduz através da atividade turística. Porém, essa temática será discutida posteriormente no item 6 para a compreensão do fenômeno na localidade estudada.

A colonização do território brasileiro foi dada pelo avanço rumo ao interior partindo do litoral margeando a costa pelo mar. Essa circunstância se deveu porque os recortes da orla marítima serviam de ancoradouros naturais, o que facilitava a circulação de mercadorias e pessoas.

O povoamento inicial fixou-se em núcleos litorâneos, articulando as áreas fornecedoras de gêneros comercializáveis e o espaço ultramarinho. Com o passar dos anos o povoamento e a ampliação das atividades econômicas nas áreas interiores foram construindo o espaço brasileiro. Grande parte das cidades brasileiras mais antigas encontra-se na faixa litorânea, que abrigou a implantação das primeiras feitorias que estabeleciam o comércio colonial (CARDOSO, 2006, p.250).

Nesse período as atividades como a pesca, construções de embarcações e mesmo a agricultura em pequena escala complementavam, as atividades mais dinâmicas ligadas ao comércio ultramarinho. O que justifica a presença dessas atividades, mesmo que em pequena escala, no litoral brasileiro.

A forma como se deu a formação do território brasileiro, sob influências de vários elementos de diversos povos que aqui se instalaram, juntamente com a cultura e os conhecimentos indígenas, deu origem a várias comunidades litorâneas. Como é notado na seguinte citação que demonstra o avanço de algumas

³ O detalhamento destes compartimentos pode ser encontrado em AB’SABER, 2003.

comunidades em detrimento de outras e segue apontando que o turismo surge como agente modificador em muitas dessas, as quais não tiveram suas bases fundadas na integração da urbanização e industrialização.

Nesse processo podemos encontrar a origem de inúmeras comunidades litorâneas atuais. Em áreas mais dinâmicas tais comunidades se integraram aos processos de urbanização e industrialização do espaço brasileiro, ao passo que algumas áreas, dinâmicas em outros períodos da história brasileira, adentram o século XX relativamente isoladas dos processos de urbanização e industrialização atuais. É em algumas destas áreas que o turismo ao expandir-se promove alterações bastante fortes (CARDOSO, 2006, p.251).

Segundo Breton e Estrada (apud CARDOSO, 2006, p.251) “as comunidades costeiras mantiveram contatos com os processos de expansão econômica, antes mesmo que a comunidades mais interiores.” E complementa que

O fato de hoje algumas áreas costeiras estarem relativamente distantes de centros econômicos mais dinâmicos não significa que estejam isoladas de processos como a especulação imobiliária, o mercado de terras e mesmo processos de difusão de informações e influências culturais (BRETON, ESTRADA apud CARDOSO, 2006, p.251).

Essa realidade remete a questão do uso dos espaços litorâneos pelo turismo, sendo este responsável por muitas das dinâmicas que interferem até em localidades um tanto quanto isoladas. O desenvolvimento da atividade turística é acompanhado por transformações sociais e econômicas e cria, muitas vezes, elos entre o local e o global à medida que novas formas de reprodução socioeconômicas são realizadas em certas áreas destinadas ao lazer nos moldes contemporâneo.

Além do uso do litoral, em destaque o do Brasil, pela atividade turística destacam-se ainda diversos usos desse espaço e como se dá as ocupações.

As estruturas portuárias se fixam no litoral e representam elos fundamentais na circulação de mercadorias. A extração do petróleo brasileiro concentra-se em águas profundas e tem no litoral toda uma estrutura de armazenamento e transporte. Algumas áreas metropolitanas brasileiras são litorâneas. A pesca é realizada de norte a sul do litoral brasileiro em diferentes modalidades (CARDOSO, 2006, p.252).

A utilização bastante acentuada do litoral instigou o surgimento de instrumentos normativos para a proteção e ordenamento desse espaço. O turismo, que é um instrumento capaz de diversas mudanças, também se encontra no contexto dessas normatizações, sendo elas de nível federal, estadual e municipal e com a finalidade de assegurar a proteção dos bens naturais e culturais de determinada região. Porém a proteção do litoral através de normatizações ou

mesmo por políticas de planejamento – ou a falta dela –, sejam aplicadas ao turismo ou não, muitas vezes não surtem os efeitos esperados devido à falta de fiscalização e empenho do poder público.

4.2 - O uso do espaço litorâneo pela prática do turismo

A ocupação da zona litorânea se dá desde as civilizações mais antigas, sendo que houve maior utilização desse espaço a partir da Revolução Industrial em meados do século XIX, na Europa (VASCONCELOS, 2003).

As atividades como a pesca, agricultura⁴ e o transporte marítimo se destacam dentre as possíveis práticas que podem ser desenvolvidas na área costeira e de certa forma podem interferir na composição do litoral, ditando políticas voltadas para seu uso e sua ocupação. Segundo Vasconcelos (2003, p.326), uma atividade tem se destacado em especial: “Recentemente um novo fator econômico se integra a este grupo, o turismo [...] Na maioria dos litorais a praia é o maior patrimônio turístico do lugar.”

Ao se analisar a fala destacada é notada a conotação de valor que é dado ao litoral. A praia dentro da concepção de “paisagem natural” (LUCHIARI, 2001, p.10) cede lugar para a mercantilização de seu espaço à medida que se torna como disse Vasconcelos, “patrimônio turístico do lugar”.

Associando o turismo à lógica do capital, Fratucci assinala:

Enquanto fenômeno típico da sociedade capitalista e industrial moderna, o turismo apresenta imbricações espaciais e territoriais diversificadas e passíveis de análises várias, conforme a escala de observação proposta. Na sua essência ele produz e consome espaços. Sendo fruto de atividades e práticas sociais diretamente ligadas ao movimento de pessoas e de informações, produz por consequência, territorialidades e territórios. Essencialmente socioespacial, nasce do movimento de pessoas e dos seus momentos de parada nos lugares turísticos, produzindo aí um tipo de ordenamento diferenciado, com uma lógica estruturada a partir de um complexo sistema estrutural que o compõe (FRATUCCI, 2006, p.81,82).

⁴ Segundo Vasconcelos (2003) pode-se incluir a maricultura como atividade ligada a este item.

A adoção do turismo como fenômeno capitalista produtor e consumidor dos espaços faz sentido, sendo essa temática já discutida anteriormente. Certamente a atividade turística é passível de várias análises, no entanto o destaque para as questões sociais e espaciais e o uso da área litorânea para tal atividade se faz relevante para o entendimento do presente trabalho.

O turismo litorâneo, enquanto atividade econômica surge como um agente capaz de influenciar a composição e utilização dos espaços, pois ao apropriar-se do litoral ele, na maioria das vezes, modifica a relação de trabalho ali existente, substituindo atividades tradicionais por outras ligadas ao turismo e promovendo mudanças no espaço, como criação de infra-estrutura visando atender aos turistas, sendo tal atividade recente na história de nosso país.

O turismo se desenvolveu através da forte ocupação do litoral nos países desenvolvidos, como é o caso da França, Itália e Espanha. Nos últimos 30 anos esse fenômeno tende a se repetir nos países em desenvolvimento, é o caso do Brasil e do México, sendo nesse caso um dos motores do desenvolvimento econômico local (VASCONCELOS, 2003, p.326).

O emprego do turismo como atividade econômica é bastante utilizado, principalmente pelas propagandas governistas, no intuito de promover o desenvolvimento local, porém segundo Coriolano (2003, p.13) “o desenvolvimento com inclusão só é possível quando a população é beneficiada, quando atinge a escala humana e o turismo tanto pode se atrelar ao crescimento econômico, como ao desenvolvimento social, o chamado desenvolvimento local.” Portanto, a fala de Vasconcelos remete ao turismo como crescimento econômico e não desenvolvimento econômico local.

Algumas considerações relacionadas à atividade turística devem ser levadas em consideração, pois esse fenômeno, como muitos autores preferem denominar, é invasor do território e ocupa cada vez mais o litoral, gerando muitas vezes um aumento dos conflitos nessa área.

O turismo litorâneo é particularmente invasor do território, não existe atualmente nenhum espaço que esteja fora do alcance da atividade turística. [...] A verdade é que o turismo continua ocupando cada vez mais o espaço litorâneo, em busca de novos atrativos que nem sempre são voltados ao turista ecológico ou naturista. O turismo litorâneo vem explorando intensamente as praias, falésias, lidos, corais, deltas, todas as paisagens costeiras deslumbrantes e atrativas. Quanto maior a ocupação do litoral, maior a implementação de equipamentos turísticos. A tendência tem sido de aumento dos conflitos nessa ocupação à medida que se

multiplicam os projetos turísticos, sobretudo os mega projetos (VASCONCELOS, 2003, p.326).

Ao relatar que o turismo é uma atividade que invade os territórios e que quanto maior o aumento da ocupação do litoral por ele, maior é o grau das divergências encontradas nas áreas onde atua, o autor reforça a idéia de apropriação do espaço litorâneo pela prática turística.

Na entrevista realizada com o secretário de turismo do município de Armação dos Búzios, objeto desse estudo, notam-se algumas consequências do desenvolvimento do turismo no lugar. Quando questionado sobre como o desenvolvimento do turismo se deu na cidade e o que aconteceu com a população costeira ele afirma que “esse foi um processo de há 30 anos atrás, não foi nem o turismo, no primeiro momento foi praticamente uma especulação imobiliária. A pessoa comprou os terrenos, os terrenos eram vendidos por um preço muito barato, foi transformando... Acabaram mudando”. Ao desenvolver essa fala o secretário, apesar de achar que em um primeiro momento o turismo não foi o responsável pela saída da população costeira para áreas mais distantes do local aonde se encontravam e que essa dinâmica se deu pela especulação imobiliária, o representante do poder público confirma a condição conflituosa entre a comunidade local e o desenvolvimento do turismo, pois essa especulação é o resultado da valorização, pela atividade turística, do espaço litorâneo do município estudado. Essa lógica, em um primeiro momento, não parece ser compreendida pelo secretário.

Segundo Ouriques (2006), é necessário uma melhor compreensão do desenvolvimento da atividade turística com base em um enfoque mais crítico, sendo que a discussão levantada a respeito da área atualmente se adéquam ao pensamento dominante. O referido autor destaca que

[...] em regiões periféricas, a introdução da atividade turística tem, inicialmente, um efeito instabilizador, de desestruturação da economia pré-existente. São inúmeros os relatos de processos de decadência e mesmo de desaparecimento das atividades econômicas tradicionais a partir do advento do turismo. Por exemplo, de comunidades litorâneas, que sempre viveram da pesca, que acabam abandonando seu sustento tradicional (OURIQUES, 2006, p.2).

Essa substituição da atividade tradicional por alguma outra, ligada ao turismo ou não, não é por opção e sim uma imposição. Como revela Ouriques, ao relatar que essa troca se efetiva

De um lado, pela concorrência promovida pela pesca industrial (algo que já aconteceu em várias partes do litoral brasileiro, aliás). De outro lado, pelo processo de aquisição dos terrenos e expulsão dos pescadores e suas famílias da orla marítima, promovido pelas atividades imobiliárias especulativas, ligadas direta ou indiretamente ao turismo (OURIQUES, 2006, p.2).

A expulsão das populações costeiras e a substituição das atividades tradicionais são alguns dos prováveis problemas advindos da inserção do turismo em uma localidade litorânea. Segundo Coriolano (2007, p.1) “o turismo é atividade produtiva moderna que reproduz a organização desigual e combinada dos territórios capitalistas, sendo absorvido com maneiras diferenciadas pelas culturas e modos de produção locais.” Ou seja, o turismo se adapta à dinâmica vigente, no caso das sociedades atuais ele se atrela ao capitalismo. A autora em destaque continua seu pensamento citando que o Estado atua em favor do mercado, possibilitando dessa forma os interesses das entidades privadas em detrimento da população, o que resulta muitas vezes na exploração do capital humano por parte da atividade turística. Essa exploração pode ser notada na relação das atividades servis entre os trabalhadores da área turística e os turistas. De acordo com Coriolano o turismo

Estendeu seu raio de ação aos lugares tidos como subdesenvolvidos e às classes pobres, que passaram a não usufruir, mas a produzir serviços turísticos, pois a injustiça social e a desigualdade não foram eliminadas, são próprias do capitalismo (CORIOLANO, 2007, p.1).

Entende-se dessa maneira que o turismo ao ser introduzido em um lugar, no caso em evidência o litoral, reproduz a lógica capitalista, onde quem pode pagar pelo lazer é servido pelos trabalhadores do turismo, que na maioria das vezes são mal remunerados de acordo com a pesquisa realizada por Ouriques (2005) levando em consideração os dados obtidos através da Organização Mundial do Turismo.⁵ Com isso o acesso ao litoral pelos moradores se dá no intuito dos mesmos trabalharem na atividade turística, bem diferente da posição que tinham antes como possuidores desse espaço, agora voltado a atividade turística e por consequência aos turistas.

⁵ Para mais detalhes consultar Ouriques (2005) em A produção do turismo: fetichismo e dependência.

Após relatar algumas dinâmicas relacionadas à ocupação do espaço pela atividade turística no litoral, ressalta-se que a exploração do turismo tem contribuído, segundo Fontes & Lage (2003, p.92) “para o desequilíbrio ecológico, desagregação social e perda de valores culturais da comunidade [...] De modo geral, estes espaços turísticos evoluem pelo processo de ‘ondas’ de ocupação que são ditadas pela moda ou produzidas pelo consumo do espaço”, o que acaba ocasionando o processo de degradação, e em uma escala mais preocupante, à destruição dos recursos que proporcionaram o surgimento da atividade turística.

Quando o assunto é a relação da área litorânea com o turismo, o que se percebe é sobreposição da ocupação turística sobre as atividades tradicionais e o apossamento desse território pela prática turística, sendo valorizadas as paisagens tornando-as um tipo de “cenário” que é vendido aos turistas (LUCHIARI, 1997). Segundo Fontes & Lage:

O turismo, como fator de desenvolvimento econômico, se apropria de determinados lugares, impondo-lhes transformações que podem acabar com a singularidade e particularidades do lugar; essa é uma das características das atividades produtivas do sistema capitalista, pois a sua “lógica” é o lucro sobre a “exploração” de paisagens. Esta atividade, ao longo dos tempos, tem sido um importante agente modificador da organização espacial, principalmente em lugares turísticos [...] (FONTES & LAGE, 2003, p.93).

Essa dinâmica acaba por desencadear o processo de exclusão das populações locais, pois essa transformação do espaço, seja para construções de meios de hospedagem ou até mesmo de infra-estrutura por parte do governo, dentre outros, não leva em consideração os residentes locais, e quando leva é de uma maneira superficial, sendo que o turismo como prática capitalista procura obter lucros e não promover o desenvolvimento local. Assim como em todas as outras atividades ligadas ao modelo capitalista que visam lucro em primeiro plano, o turismo atende prioritariamente aos desejos dos turistas em detrimento dos anseios da população local. Para Rodrigues (1997) o turismo tem se mostrado, em algumas comunidades, uma atividade que não é capaz de efetuar mudanças positivas, sendo a atividade responsável por transformações sociais, culturais e econômicas que acabam não mudando em nada a realidade das populações locais, as quais não se beneficiam com o turismo e ficam à margem desse processo. Em outras palavras são excluídas. O que o turismo tem realizado na verdade é uma substituição das atividades tradicionais, como pesca e agricultura, por exemplo, por outras ligadas à

atividade turística, e na maioria das vezes isso não se traduz em ganhos reais para os residentes. E sim, acarreta em perda na qualidade de vida, sendo que anteriormente a população local era vista como proprietária dos meios de produção, e agora está inserida num contexto de relações servis, e de prestação de serviços à turista.

Portanto, de posse dessa análise sobre o uso do espaço litorâneo pelo turismo, percebe-se que tal atividade ao ser implementada, revela uma dinâmica dialética, à medida que “ao mesmo tempo em que o turismo pode organizar e (re) produzir o espaço para uns, ele também desorganiza para outros e o (re) produz segundo a lógica capitalista de apropriação do espaço” (FONTES & LAGE, 2003, p.94). O que se observa no contexto da expansão da atividade turística é uma mercantilização de tudo pelo turismo, onde até mesmo segundo Ouriques (2005) residentes são vistos como mercadoria, ao mesmo tempo em que os trabalhadores são preparados para trabalhar no turismo com a finalidade de reproduzir a acumulação do capital. Outro fator de destaque são os traços colonialistas na expansão do turismo na periferia do capitalismo, como revela Krippendorf (1989) destacando que não há a possibilidade de um verdadeiro contato entre visitantes e visitados, já que de acordo como o referido autor, os locais são vistos como servidores ou objetos de consumo turístico.

Ao se constatar essa complexa dinâmica relacionada ao fenômeno turístico, se faz necessário levantar questões sobre sua capacidade de fomentar a inclusão ou exclusão nos espaços onde atua.

4.3 - A exclusão/inclusão socioespacial e o turismo

A expansão do turismo pelo litoral tem gerado crescimento econômico em diversas localidades onde é atuante, porém como atividade econômica gera um desenvolvimento social muito aquém de suas possibilidades. Isso tem se demonstrado com facilidade nas regiões consideradas como periferias do capitalismo, conceito esse utilizado por Ouriques (2005).

Articulando o crescimento com a exclusão cada vez maior das populações ditas locais, em vista que o turismo tem se apropriado dos espaços litorâneos ditando novo ordenamento dessa porção do território para que tal atividade possa ser desempenhada, a produção e reprodução da lógica do capital se evidenciam e por consequência a desestruturação das atividades de cunho tradicional. As populações que utilizam o litoral para sua subsistência, as quais na maioria das vezes não se adéquam as necessidades do turismo por apresentarem pouca qualificação para o trabalho na área, acabam sofrendo, em muitos casos, processo de empobrecimento, pois a mesma não está inserida no mercado turístico e não tem mais a posse do seu antigo meio de sustento.

Esse fenômeno, o turismo, é gerador de uma dinâmica muitas vezes perversa, o qual tem como objetivo a geração de divisas através da comercialização do lazer, invadindo o território, no caso o litoral, causando diversos problemas para as populações locais. Essa dinâmica promove uma segregação dentro do espaço geográfico devido às alterações espaciais e econômicas determinadas pela aplicação do turismo nessas áreas. Dentre os principais problemas pode-se identificar a exclusão.

Para dialogar a respeito do envolvimento do turismo com a questão da exclusão e inclusão socioespacial, é necessário definir esses dois termos para o prosseguimento da temática. Segundo Martins, o processo de inclusão

Não se trata apenas de gerir a distribuição de renda, como pensam muitos que se deixam fascinar pelo economicismo ideológico produzido pela mesma economia iníqua causadora da pobreza que condenamos. Trata-se da distribuição eqüitativa dos bens, benefícios sociais, culturais e políticos que a sociedade contemporânea tem sido capaz de produzir, mas não tem sido capaz de repartir. A questão é muito mais social do que econômica (MARTINS, 2002, p.9).

O referido autor destaca em sua obra que quando os benefícios não são distribuídos de forma igualitária o processo se inverte, demonstrando a exclusão.

É difícil reconhecer que haja desenvolvimento quando seus benefícios se acumulam longe da massa da população. Como é difícil reconhecer a legitimidade de um modelo de desenvolvimento que exclui legiões de seres humanos das oportunidades de participação não só nos frutos da riqueza, mas até mesmo na produção da riqueza (MARTINS, 2002, p.9).

Refletindo sobre as considerações de Martins (2002), nota-se que para se ter um projeto de inclusão é necessário ser levado em conta critérios pautados não

somente de ordem econômica, mas também de outras ordens, como a cultural, política. Ao se deparar com a realidade brasileira, pode-se considerar que grande parte da sua população está inserida num processo inverso, o da exclusão, pois é mínimo o acesso a esses benefícios, tornando-os alheios ao procedimento inclusivo.

Como o objeto de estudo do trabalho é o litoral, pode-se destacar que nessa porção do território o processo dialético da exclusão/inclusão se repete, sendo a expansão do turismo um dos principais fatores que contribuem para essa realidade problemática.

O aumento, e por consequência a maior utilização e ocupação do espaço litorâneo a partir de meados do século XIX submeteu a zona costeira a dois grandes problemas, e acontece de forma maciça após o advento da Revolução Industrial. O primeiro problema se relaciona à exploração da funcionalidade do espaço litorâneo, como destaca Vasconcelos (2003, p.325) “a exploração das condições funcionais oferecidas pelo litoral, com uma concorrência cada vez mais forte por condições ótimas de desenvolvimento econômico.” Ou seja, por apresentar condições favoráveis de circulação e por essa porção do território conter atributos únicos, o litoral passou a ser explorado de maneira mais acentuada. E o outro é a consequência da ocupação desordenada dessa porção do território como destaca o mesmo autor. “Em segundo lugar estão os conflitos conseqüentes dessa utilização traduzidos por uma pressão crescente sobre o espaço geográfico a ponto de desencadear uma série de degradações ambientais” (VASCONCELOS, 2003, p.325).

A ocupação do espaço litorâneo, como revela o autor, demonstra que tal dinâmica gerou diversos impactos, sejam eles sociais, econômicos, ambientais ou de outra ordem. Também é interessante ressaltar que a relação do homem com o litoral se modificou, sendo esse visto por muito tempo puramente como elemento de ordem essencialmente econômica (VASCONCELOS, 2003). Hoje, ao se fazer revisão bibliográfica a respeito do assunto, percebe-se que essa relação é também de ordem ecológica, ou seja, atualmente as condições ambientais ligadas ao uso do referido espaço têm um peso relevante nas políticas de uso e ocupação do litoral.

Em relação ao espaço litorâneo e sua ocupação, pode-se observar uma complexa dinâmica, tanto territorial como social, sendo que recentemente, o turismo

surge como agente transformador desse espaço. O turismo, segundo Krippendorf, na atualidade está relacionado às condições socioculturais da sociedade:

[...] as pessoas viajam porque não se sentem mais à vontade onde se encontram, seja nos locais de trabalho ou seja onde morem. Sentem necessidade urgente de se desfazer temporariamente do fardo das condições normais de trabalho, de moradia e de lazer, a fim de estar em condições de retomá-lo quando regressem (KRIPPENDORF, 1989, p.17).

Devido ao deslocamento das pessoas, através do ato de viajar, e à abrangência do turismo, o qual consegue inserir em um contexto global muitos lugares periféricos (CORIOLANO, 2007), o fenômeno turístico é tido por muitos pesquisadores como um dos principais agentes globalizantes na atualidade, e de acordo com Fratucci (2006, p.81) deve “ser entendido também como fator responsável pela construção de novos espaços regionais e locais, gerando impactos nas sociedades e nos territórios do final do século XX”.

Segundo Coriolano o turismo

No âmbito da nova dinâmica da acumulação capitalista, responde às crises globais e ampliadas do capital mundial, submetendo diretamente o Estado em favor do mercado, embora, e aos poucos, a sociedade civil de vários lugares descubra estratégias de beneficiar-se economicamente com ele, ou a partir dele (CORIOLANO, 2007, p.1).

Porém, a denotação que a comunidade pode sair ganhando com a atividade turística não é compartilhada por todos os autores que pesquisam a relação do turismo com a localidade. Ouriques (2005, p.96) defende a idéia que “de um modo geral os residentes de uma localidade não se beneficiaram e não se beneficiam do ‘progresso’ que o turismo promete”. Apesar de Ouriques discordar em alguns pontos de Coriolano, os autores corroboram a tese de que o turismo é uma atividade ligada ao capitalismo e gera vários impactos onde atua. Até mesmo a Organização Mundial do Turismo (OMT) reconheceu que a atividade está intensamente ligada às questões de exclusão/inclusão, sendo necessária uma atenta análise quando o tema é retratado (CORIOLANO, 2006).

Sendo o turismo uma atividade essencialmente socioespacial, fruto do movimento de pessoas, pode-se sugerir a condição impactante desse fenômeno, onde “sua velocidade de reprodução está acima da maioria das atividades humanas, alimentando-se, quase sem escrúpulos, dos mais variados setores do conhecimento

humano, especialmente daqueles ligados aos avanços tecnológicos e informacionais” (FRATUCCI, 2006 p.82).

De acordo com Fontes & Lage (2003) o problema está na falta de planejamento que integre a comunidade local com a atividade turística.

É interessante ressaltar que com a ausência de um planejamento para o desenvolvimento integrado, a exploração comercial do turismo a nível mundial vem contribuindo, desde os anos de 1950, para o desequilíbrio ecológico, desagregação social e perda de valores culturais das comunidades, além de provocar danos ao patrimônio histórico. De modo geral, estes espaços turísticos evoluem pelo processo de ‘ondas’ de ocupação que são ditadas pela moda ou produzidas pelo consumo do espaço [...] (FONTES & LAGE, in CORIOLANO, 2003, p.92).

Esta citação parece descrever bem o caso de Armação dos Búzios, que despontou para o turismo internacional com o advento da visita de Brigitte Bardot⁶ que inseriu a localidade nesse contexto como um lugar simples, porém sofisticado. Relevante também é a posição do secretário de turismo ao afirmar que o maior problema enfrentado pela cidade é a falta de planejamento. Segue-se: “As coisas primeiro acontecem, depois as pessoas procuram saber o que fazer com elas”.

A questão é que mesmo com o planejamento da atividade turística, as distorções continuarão existindo, pois o turismo no Brasil está inserido em um contexto de grande injustiça social e a atividade por si só não é capaz de mudar a realidade. Como pode ser observado no mapa que retrata a exclusão social no país.

Segundo Coriolano (2006, p. 175), “não há como afastar a análise do turismo do mundo da produção e das contradições do modelo produtivo vigente.” Com a inserção do turismo, no contexto da acumulação do capital, o que se percebe é um relativo aumento das disparidades sociais e espaciais. Para reforçar a afirmação, se fará uso dos dizeres de Coriolano e Ouriques, os quais para exemplificar a questão em suma, questionam a situação do Nordeste brasileiro. Segundo Ouriques:

No litoral do Nordeste brasileiro, que há duas décadas vem crescendo de forma espantosa do ponto de vista turístico, por exemplo, os homens e mulheres que agora trabalham na indústria do turismo continuam residindo nos mesmos bairros precários, com as mesmas condições precárias em suas residências. E principalmente com níveis salariais muito baixos (OURIQUES, 2007, p.2).

⁶ Para mais detalhes ver item 5.2.

Coriolano retrata o seguinte a luz dessa tônica:

O Nordeste continua a ser a região de maior concentração de renda do país, mostrando que o turismo não tem condições de mudar essa realidade, o que implicaria mudança do modelo econômico, haja vista o turismo ser, no momento, um dos mais efetivos instrumentos dessa acumulação capitalista, contribuindo para a proliferação de empregos, mas, sobretudo, de subempregos, pois, além de ser uma atividade sazonal, ela remunera baixamente sua força de trabalho (CORIOLANO, 2006, p.178).

A associação entre pobreza, exclusão e turismo demonstra o contexto do regime em que estão estabelecidas as bases da sociedade. Como se pode notar, a atividade turística no Brasil privilegia principalmente o grande capital, o que não exclui as elites locais, o que faz com que a população local muitas vezes não desfrute dos prováveis benefícios do turismo. Ao contrário, experimentam situações problemáticas notoriamente advindas do mesmo, como a especulação imobiliária e o conseqüente distanciamento do litoral, o abandono das atividades tradicionais em detrimento de outras ligadas à atividade turística sem que haja, para tanto, melhoria na condição de vida, ao passo que o turismo modifica, de forma mercantil, os aspectos da vida social, transformando tudo em mercadoria passível de ser consumida (OURIQUES, 2005).

Ao dar ênfase aos problemas advindos do turismo, não se trabalha com categorias de valores, o que se pretende é produzir um olhar mais crítico sobre o fenômeno turístico, já que o discurso sobre seus benefícios é amplamente difundido no meio acadêmico, deixando a análise, em grande parte dos trabalhos, superficial.

O turismo está “mudando a geografia do mundo, inserindo nos circuitos econômicos globais localidades, regiões e países da periferia do capitalismo” (OURIQUES, 2007, p.3). O que cabe ressaltar é o quanto ele pode transformar as condições socioespaciais nos países em desenvolvimento, e se é capaz de atuar como fator de desenvolvimento local diminuindo a dinâmica de exclusão vigente.

Para Coriolano

Torna-se cada vez mais evidente o processo simultâneo de inclusão/exclusão na nova configuração e reprodução da economia mundial, embora, em termos de proporções, sejam bastante diferentes, porque enquanto a inclusão é para alguns, a exclusão é para muitos. Há um movimento excludente e includente em termos sociais que obedecem a uma lógica dialética, evidenciando as contradições e os limites do modelo de desenvolvimento; um modelo que possibilita para algumas pessoas e grupos o acesso a bens e serviços essenciais e a usufruírem os recursos

oferecidos pelo mercado, satisfazendo suas necessidades ampliadas de consumo, além do acesso à segurança, à justiça e a vida política, mas também nega a muitos, sequer, as condições de sobrevivência (CORIOLANO, 2006, p.178).

O turismo, “veículo da modernização capitalista” (OURIQUES, 2007, p.3), o qual reproduz a lógica do capitalismo, não tem se mostrado capaz de modificar a atual conjuntura do país, que avança em sentido ao futuro repleto de desigualdades e com problemas de ordem social e econômica que interferem na composição do espaço brasileiro. Porém, cabe destacar que a atribuição dessa responsabilidade somente ao turismo é um fator complicante, à medida que, através de discursos governistas, ele aparece muitas vezes como a solução dos males do crescimento econômico, ou melhor, a falta dele. A compreensão da temática proposta por esse trabalho será mais bem entendida a partir das pesquisas realizadas em Armação dos Búzios, onde a atividade turística é a base da economia da cidade.

5. TURISMO, COMUNIDADES COSTEIRAS E ORDENAMENTO TERRITORIAL

A utilização do espaço litorâneo pela sociedade também reproduz características intrínsecas. “A pesca, a circulação de mercadorias, o turismo, entre outros usos presentes no litoral dá a essa porção do espaço geográfico características peculiares, construídas por sujeitos sociais que aí encontram seu lugar” (CARDOSO, 2006, p.246).

Refletindo que alguns elementos da natureza e da sociedade somente se manifestam no espaço litorâneo, é possível considerá-lo como portador de uma problemática específica, sendo o turismo que se desenvolve no litoral também portador de particularidades.

Para levantar questões pertinentes ao uso e ocupação dessa porção do território, foram estabelecidos mecanismos metodológicos para a realização de uma pesquisa aplicada ao município de Armação dos Búzios – RJ, importante destino turístico no litoral do Brasil. Tem por finalidade, esse levantamento de dados, contribuir para facilitar a compreensão da dinâmica advinda da ocupação turística na localidade em estudo.

5.1 - Armação dos Búzios e sua história

Para se realizar um breve histórico do município de Armação dos Búzios, toma-se como ponto de partida a expedição naval realizada pelos portugueses, recém chegados ao Brasil, que por volta de 1501 e 1502 fizeram reconhecimento ao longo do atual território de Cabo Frio e Búzios, batizando-o com o nome de Baía Formosa (PREFEITURA DE ARMAÇÃO DOS BÚZIOS, 2007).

Em 1533, o território brasileiro ao ser dividido em Capitânicas Hereditárias, a localidade de Búzios foi incluída na segunda porção da Capitania de São Vicente, porém não foi colonizada de imediato (PREFEITURA DE ARMAÇÃO DOS BÚZIOS, 2007).

Os franceses, que também se embrenhavam pela costa brasileira, realizaram alianças com os índios Tupinambás para traficar pau-brasil, sendo esses índios os primeiros habitantes da região. O tráfico do pau-brasil praticado por navios franceses, holandeses e ingleses a partir da ponta dos Búzios, tinha nessa porção do território um ponto seguro para suas transações e essa condição perdurou de 1580 a 1640, durante o domínio da Espanha sobre Portugal (PREFEITURA DE ARMAÇÃO DOS BÚZIOS, 2007).

Segundo Frossard (2004, p.7) “a região foi alvo de muitas invasões e roubos por ingleses, franceses e holandeses, o que gerou preocupações ao governo da Capitania do Rio de Janeiro.” De acordo com a autora essas terras foram ocupadas por religiosos da Aldeia de São Pedro e por catequizados índios, no intuito de promover uma ocupação, mesmo que incipiente, para coibir as práticas desses invasores nessa porção do litoral. No entanto, em 1690 os jesuítas deixaram a localidade motivados por uma grande inundação que ali ocorreu. Após esse episódio, a Câmara Municipal de Cabo Frio começou a ceder a ponta de Búzios para interessados na pesca de baleias, para atender a demanda brasileira e também de países estrangeiros de produtos oriundos da caça desse animal (FROSSARD, 2004).

Para compreender melhor o processo de ocupação realizou-se pesquisa documental:

Entre 1616 e 1623, o capitão-mor de Cabo Frio, Estevão Gomes, reservou a restinga para assentamento da cidade, doando terras continentais propícias à pecuária e à agricultura para alguns poucos indivíduos e corporações religiosas do Rio de Janeiro, tendo estes que validar os títulos de propriedade com os herdeiros da Capitania de São Vicente. Data deste mesmo período (1617 a 1630), a criação da aldeia de São Pedro, a construção do forte São Mateus e a instalação de vigias, da ponta dos Búzios até o cabo de São Tomé, possibilitando, de forma mais efetiva, o combate ao desembarque e à dominação inimiga (PREFEITURA DE ARMAÇÃO DOS BÚZIOS, 2007).

Conforme citação, alguns religiosos receberam sesmarias. Os religiosos da Companhia de Jesus, instalados em São Pedro, apossaram das terras doadas, que também foram ocupadas por beneditinos e a alguns ricos do Rio de Janeiro. Com possibilidade de escolha entre as terras do rio Una e as da ponta dos Búzios, os jesuítas passaram a cultivar, neste local, junto com os índios, mandioca, feijão e milho, e a pescar e criar gado em torno da lagoa de Geribá (PREFEITURA DE ARMAÇÃO DOS BÚZIOS, 2007).

Nesse contexto, como já foi destacado, a caça às baleias se intensificou e outras atividades econômicas também foram inseridas na ponta de Búzios, o que foi responsável por algumas modificações na composição espacial do lugar.

A partir de 1660, a Câmara de Cabo Frio incentivou o comércio de escravos africanos para a produção de sal, promovendo o arrendamento temporário de várias praias da região a negociantes de pescaria de arrasto, inclusive na ponta dos Búzios, como Geribá e Marimbondo (atual Ossos), apesar dos protestos dos jesuítas. Quase 30 anos depois, esses religiosos optaram pelas terras do Una, onde construíram a fazenda Campos Novos. A aldeia de Armação dos Búzios só surgiu no século XVIII, como uma colônia resultante da pesca da baleia, capturada e tratada na Praia da Armação. Com este fim, as baleias eram arpoadas da ponta da Matadeira, arrastadas até a praia para a retirada das barbatanas, tendo seus esqueletos jogados na praia vizinha que, por este motivo, recebeu o nome de praia dos Ossos (PREFEITURA DE ARMAÇÃO DOS BÚZIOS, 2007).

Com final do ciclo da caça às baleias, que se estendeu de 1728 a 1768 e posteriormente com a independência do Brasil, se comenta que grupos humanos ocuparam tomando posse de pequenas áreas próximas ao antigo estabelecimento baleeiro. Havia também em seu entorno, pequenas propriedades rurais. Até meados do século XIX, conta-se a respeito da presença de quilombos nas áreas interiores do território de Búzios (FROSSARD, 2004). Convém destacar que a praia da Rasa

compreende área de ocupação antiga, cujas origens remontam às fugas dos negros das fazendas da região.

Armação dos Búzios passou por alguns ciclos econômicos significativos durante o século XX. A comercialização do peixe salgado e a plantação da banana se destacaram no então 3º Distrito de Cabo Frio, sendo que o cultivo de bananas se tornou expressivo com a vinda do engenheiro Eugenne Honold, o qual adquiriu a fazenda Campos Novos dos jesuítas. (PREFEITURA DE ARMAÇÃO DOS BÚZIOS, 2007).

Nesta época, Búzios apresentava infra-estrutura urbana e equipamentos comunitários em situação de notória precariedade.

A única estrada de acesso a Cabo Frio encontrava-se em péssimas condições e a região não contava com escola. A água provinha de poços públicos ou particulares e a iluminação pública era obtida por meio de lamparinas de óleo de mamona. A dieta alimentar baseava-se, sobretudo, em frutos do mar, farinha de mandioca, banana e frutas da época. As moradias, por sua vez, eram simples, baixas, com telhas coloniais, caiadas de branco, externa e internamente (PREFEITURA DE ARMAÇÃO DOS BÚZIOS, 2007).

Algum tempo depois, os herdeiros de Honold, perceberam o valor e o potencial daquelas terras, e decidiram investir na região, criando a Companhia Odeon, iniciando um projeto pioneiro de colonização, que inaugurava a fase moderna de Búzios. Também se destacam as famílias Sampaio e Ribeiro Dantas por conquistarem para a localidade melhorias relacionadas à infra-estrutura, sendo aberta, por volta dos anos de 1950, a primeira estrada/avenida que perpassa quase toda a extensão da vila de Búzios, a atual Avenida Bento Ribeiro Dantas (PREFEITURA DE ARMAÇÃO DOS BÚZIOS, 2007). Nesse período começam a surgir as primeiras casas construídas por veranistas que ali passavam seus fins de semana.

Outras feitorias na área de educação, acesso (como a inauguração da linha de ônibus Búzios-Cabo Frio) também contribuíram para o crescimento do vilarejo. Nesse contexto destaca-se que houve um maior interesse pela região, sendo que em 1951 o presidente da companhia aérea Cruzeiro do Sul, Bento Ribeiro Dantas constrói sua residência de veraneio em Manguinhos, o que contribuiu para um aumento na procura de Búzios por outras pessoas (PREFEITURA DE ARMAÇÃO DOS BÚZIOS, 2007). Porém ao relacionarmos a história de Armação dos Búzios

com o início da atividade turística na localidade, devemos ressaltar outros fatores que contribuíram para transformar o espaço dessa pacata vila.

5.2 - O início da atividade turística em Armação dos Búzios

A inserção de Armação dos Búzios no turismo, mesmo que de modo incipiente, é relatado a partir da utilização desse balneário pelo, então presidente da companhia aérea Cruzeiro do Sul⁷. Esse cidadão ao instalar uma casa de veraneio na localidade, atraiu a atenção de muitas pessoas para essa vila que, até então, se resumia em uma pequena comunidade de pescadores e de produtores de banana. O vilarejo nesse período era bem simples e possuidor de poucos serviços públicos (PREFEITURA DE ARMAÇÃO DOS BÚZIOS, 2007).

Foi este vilarejo encontrado por Brigitte Bardot quando, no início da década de 1960, chegou a Búzios. Encantada com a localidade, essa que era uma atriz francesa reconhecida internacionalmente, estendeu sua permanência, despertando a atenção mundial para a região, que entra no circuito do turismo internacional como lugar de veraneio sofisticado (PREFEITURA DE ARMAÇÃO DOS BÚZIOS, 2007). Essa atenção se deveu por Búzios apresentar um cenário rico em belezas naturais e pelo charme da vila, que encantava aos que ali chegavam. Não obstante, a vila de Armação dos Búzios conquistou seu espaço como um dos destinos mais procurados no litoral brasileiro a partir da inauguração da Ponte Rio – Niterói.

Somente após a inauguração da Rodovia Rio – Santos e da Ponte Rio – Niterói (ambas na primeira metade da década de 70), a população carioca passou a buscar mais os locais litorâneos das regiões turísticas, atualmente conhecidas como Costa Verde e Costa do Sol, respectivamente (FRATUCCI, 2006, p.84).

Também conhecida como Região dos Lagos, a Costa do Sol⁸ engloba diversos municípios no litoral ao norte da capital do estado do Rio de Janeiro, dentre eles está Armação dos Búzios. Se, nos anos 1920, a chegada de Eugene Honold significou um marco na história do desenvolvimento local, a estada de Brigitte Bardot e a inauguração da Ponte Rio – Niterói, em meados de 1960 e 1970,

⁷ Bento Ribeiro Dantas.

⁸ Essa nomenclatura foi utilizada a partir da regionalização turística do Estado do Rio de Janeiro (FRATUCCI, 2006).

respectivamente, contribuíram para impulsionar o turismo e a conseqüente ocupação no 3º Distrito de Cabo Frio.

O crescimento experimentado pelo vilarejo acarretou em diversas mudanças socioespaciais, sendo iniciado um processo de especulação imobiliária, onde parte da população local assiste ao controle e aquisição de suas casas para a promoção de maior conforto aos turistas que visitavam o vilarejo. Ainda nesse contexto vê-se o surgimento de diversos restaurantes, bares e outros equipamentos ligados, ou não, à atividade turística. Também houveram mudanças nas esferas sociais, econômicas, ambientais e políticas (PREFEITURA DE ARMAÇÃO DOS BÚZIOS, 2007), já que o espaço geográfico do município foi transformado para atender aos turistas, surgindo assim muitos equipamentos voltados à atividade turística, como hotéis, pousadas dentre outros, que começaram a ocupar o espaço litorâneo. Também foi percebida a ocupação de vários pontos da cidade, que antes eram tidos como áreas de proteção ambiental, o que ocasionou problemas no meio natural e por haver um incremento tanto populacional como de turistas, houve maior produção de lixo, em se tratando ainda de questões ambientais, e aumento da especulação imobiliária (FROSSARD, 2004).

Todo incremento na economia da vila de Búzios, seja econômico ou político despertou o desejo de emancipação da localidade por parte dos moradores locais, aliados aos importantes proprietários de terra e casas de veraneio, os quais não estavam satisfeitos com atenção dispensada por parte da cidade de Cabo Frio, à qual Búzios estava vinculada. A condição de emancipação da vila só foi possível em dezembro de 1995 após aproximadamente dez anos de processo. Dessa maneira surgia no estado do Rio de Janeiro o município de Armação dos Búzios (PREFEITURA DE ARMAÇÃO DOS BÚZIOS, 2007).

O processo de emancipação contribuiu para a aceleração do crescimento de Búzios, porém muitas vezes revelou-se problemático.

A partir da emancipação, Búzios experimentou um verdadeiro “boom” de crescimento, muitas vezes desordenado, caracterizado por ocupações irregulares em áreas de preservação permanente, como topo de morros, beira de lagoas e em sítios com declividade acima do permitido para edificações. As novas construções tornaram-se luxuosas, arquitetonicamente mais arrojadas, ainda que preservando o chamado “estilo Búzios”. Multiplicaram-se os condomínios fechados, os conjuntos habitacionais de alto nível, boa parte deles assentados ao longo das faixas

litorâneas, desencadeando um processo de “privatização” das praias (PREFEITURA DE ARMAÇÃO DOS BÚZIOS, 2007).

Apesar da citação não destacar abertamente o turismo como um dos agentes dessa dinâmica socioespacial, é notado que tal atividade impulsionou a ocupação do antigo vilarejo, hoje cidade. Sendo que a ocupação da faixa litorânea afirma a posição do uso do litoral para a prática do turismo.

Segundo Frossard (2004, p.8), os primeiros governantes do município foram eleitos em 1996 e realizaram uma “verdadeira mudança de rumos para o município, investindo na organização e ordenação da atividade turística”, o que de acordo com a autora resultou em benefícios para a população local.

A partir da década de 1970, o estado do Rio de Janeiro elabora tentativas de ordenamento do turismo em seu território⁹, e a região na qual Armação dos Búzios está inserida é tida como relevante no contexto turístico.

Dentro da perspectiva de ordenamento territorial do turismo, se destaca o Plano Indutor de Investimentos (PII) na Região dos Lagos, na qual Armação dos Búzios se insere. Elaborado entre 1988 e 1989, pretendia desenvolver um projeto para alocação de recursos da iniciativa privada e fornecer diretrizes para a correta atuação das administrações municipais. Esse plano era um trabalho conjunto de cooperação entre os governos do estado do Rio de Janeiro e Catalunha – Espanha. No entanto, o plano não foi viabilizado por diversos motivos, como demonstra Fratucci:

As políticas encontradas junto aos municípios abrangidos para alterações nas legislações municipais de uso do solo (essenciais para viabilização de toda a proposta), a não disponibilidade dos recursos financeiros necessários e a eleição de um novo governo estadual acabaram por inviabilizar o plano [...] (FRATUCCI, 2006, p.93).

Outras tentativas também foram estabelecidas para promover a atividade turística, como a regionalização do turismo e mais atualmente o Programa de Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT). Observa-se segundo Fratucci (2006) importante movimento na região turística da Costa do Sol, mesmo antes do PNMT, pois os municípios dessa região, por apresentarem características

⁹ Historicamente, o processo de planejamento de territórios para uso pela atividade turística está assinalado pelo desenvolvimento do plano diretor para a região de Languedoc – Roussillón, localizada no litoral mediterrâneo do sul da França, no ano de 1961 (ACERENZA apud FRATUCCI, 2006).

homogêneas, começaram a promover seus atrativos em conjunto. Apesar de não ter sido implantado, o Plano Indutor de Investimentos turísticos na Região dos Lagos (Costa do Sol), como dito anteriormente, contribuiu para que os municípios observassem que trabalhando em parceria conseguiriam melhores resultados no campo turístico (FRATUCCI, 2006).¹⁰

Faz-se esclarecer que o este trabalho não pretende esgotar a discussão a respeito dos programas de incentivo ao turismo no Estado Rio de Janeiro, porém sua constatação colabora para o entendimento da atividade na Região dos Lagos, e por consequência em Armação dos Búzios. Ainda é cedo para constatar se esses programas obtiveram êxito, em vista que são recentes e carecem de maior detalhamento ao longo dos anos.

O trabalho em conjunto com outros municípios da Região dos Lagos e os fatores discutidos anteriormente levaram Armação dos Búzios alcançar um crescimento econômico de destaque, tendo atualmente como principal atividade o turismo. Em entrevista cedida ao pesquisador, essa condição pode ser identificada na fala do ex-secretário de turismo de Búzios, quando relata que “hoje a cidade é puramente turismo”.

Todavia o crescimento da economia baseada na atividade turística, não conseguiu eliminar as disparidades socioespaciais em Búzios, sendo que os benefícios com o incremento do turismo não alcança a todos os moradores locais de maneira eqüitativa e ao despontar no cenário turístico, o município vem enfrentando, mesmo amparado por políticas de uso e ocupação do solo e leis que coordenam a preservação do meio-ambiente¹¹, uma dinâmica impactante que se traduz muitas vezes em perdas sociais e ambientais para sua população.

Portanto, de posse dessas informações, resolveu-se verificar a dinâmica socioespacial no município de Armação dos Búzios – RJ, o qual possui, segundo o

¹⁰ Para maiores detalhes sobre a regionalização do turismo no estado do Rio de Janeiro e a implantação do PNMT – Plano Nacional de Municipalização do Turismo, ver Fratucci, 2006 em A formação e o ordenamento territorial do turismo no Estado do Rio de Janeiro a partir da década de 1970.

¹¹ Armação dos Búzios possui um Plano Diretor e de uso e ocupação do solo bastante restritivo. Estes documentos estão disponíveis no site da Prefeitura de Armação dos Búzios: <http://www.buzios.rj.gov.br> e também no da Câmara Municipal: <http://www.camarabuzios.rj.gov.br>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 30.000 moradores fixos (estimado em 2009) em uma área ocupada pelo município em torno de 69,29 km², o que resulta em uma concentração populacional bastante elevada, em se comparando aos números totais brasileiros, chegando a 333,5 habitantes por km² (PREFEITURA DE ARMAÇÃO DOS BÚZIOS, 2007).

Apesar do município não ter uma alta população, este “reúne em si diversas nacionalidades e um forte cosmopolitismo. Além das praias e unidades de conservação, Búzios – como é comumente chamada – tem uma intensa vida cultural, principalmente noturna” (FROSSARD, 2004). Por apresentar esses atrativos desperta em muitos o desejo de conhecê-la, atraindo dessa maneira milhares de turistas todos os anos.

De acordo com Pochmann & Amorim (2004), numa perspectiva de elementos sociais, Búzios ocupa a 430^a posição no quadro que avalia a condição de exclusão social no Brasil. Apesar da relativa boa posição em relação a um país com uma elevada gama de municípios, em torno dos 5.000, a cidade está fora do grupo considerado com índices adequados, sendo que esse nível abrange cerca de 200 municípios brasileiros (POCHMANN & AMORIM, 2004).

5.3 - Análise e interpretações: trabalho de campo em Armação dos Búzios – RJ

O turismo se desenvolve de acordo com os atrativos que cada espaço propicia, sejam eles rurais, culturais, litorâneo etc., nesse sentido, o turismo litorâneo em Armação dos Búzios é uma atividade que transforma esse espaço geográfico, pois é “o principal objeto de consumo do turismo e disso decorre uma das mais importantes especificidades da prática social do turismo: o consumidor – turista tem de se deslocar até o produto a ser consumido, o lugar turístico” (CRUZ, 2003, p. 21).

Segundo a autora, essa particularidade do turismo influencia na composição do espaço geográfico, dinamizando transformações nos núcleos emissores, nos espaços de deslocamento e sobre as localidades receptoras de turistas. Nesse

sentido, o turismo transforma e se apropria do espaço, produzindo territórios do turismo, mudando a direção da economia local, envolvendo os diferentes segmentos da política local em torno do turismo, entre outros.

Na tentativa de interpretar as transformações socioespaciais em uma localidade litorânea por meio do turismo, focaremos o estudo em Armação dos Búzios – RJ, conhecido pólo receptor de turistas no país.

De acordo com Coriolano (2006, p. 197):

A revalorização do litoral para o lazer e o turismo, pela reestruturação capitalista, ampliou a disputa desse espaço para novos usos. O litoral passou a ser a principal mercadoria imobiliária, causando segregação das populações ditas nativas ou tradicionais, em face dos reordenamentos necessários à ocupação turística, que se apropriam dos melhores lugares, aqueles considerados mais belos e atrativos. O turismo instala-se nessas localidades, constituindo núcleos receptivos para turistas, agências de viagens e guias de turismo.

A autora ressalta que há preferência hierárquica por estes núcleos, sendo o conjunto que engloba os atrativos naturais, culturais, serviços turísticos e estrutura de apoio, ou seja, a oferta turística, responsável por sua maior inserção no circuito turístico. Nessa perspectiva, Armação dos Búzios está inserida, já que está posicionada entre os 10 destinos turísticos mais visitados por estrangeiros no Brasil segundo dados do Anuário Estatístico de 2006 do Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR), quando o motivo da viagem é o lazer (Quadro 3).

POSIÇÃO	DESTINOS VISITADOS	2004	2005
		(%)	
1º	Rio de Janeiro - RJ	33,9	31,5
2º	Foz do Iguaçu – PR	21,7	17,0
3º	São Paulo - SP	13,6	13,6
4º	Florianópolis - SC	11,9	12,1
5º	Salvador - BA	14,2	11,5
6º	Balneário Camboriú - SC	6,1	6,7
7º	Fortaleza - CE	6,5	6,4
8º	Natal - RN	2,7	5,8
9º	Armação dos Búzios - RJ	5,8	5,4
10º	Manaus - AM	4,0	4,0

Quadro 3. Os 10 destinos brasileiros mais visitados por estrangeiros tendo o lazer como motivação.

Fonte: Anuário estatístico EMBRATUR, 2006.

Adaptado por: Elias Júnior Câmara Gomes Sales

A cidade se destaca por ser um dos principais destinos turísticos do Brasil, atraindo um público altamente diversificado, principalmente de alto poder aquisitivo, tendo em sua demanda turistas nacionais e internacionais que todos os anos injetam divisas em Búzios, dinamizando sua economia. Tal destaque no cenário nacional e internacional se deve ao fato de possuir belezas naturais e paisagísticas exuberantes e aliar um estilo simples, porém sofisticado em sua concentração urbana, principalmente no entorno da Rua das Pedras e Orla Bardot, conhecidos atrativos turísticos da cidade (Fotografia 1).



Fotografia 1. Área central de Armação dos Búzios - RJ. A) Rua das Pedras; B) Orla Bardot.

Armação dos Búzios está localizada numa importante região turística do estado do Rio de Janeiro, denominada Costa do Sol, não obstante mais conhecida como Região dos Lagos (Figura 4). Outro fator preponderante que favorece a prática do turismo na região é o clima, marcado pela predominância de dias ensolarados e temperatura amena durante a maior parte do ano (FEEMA, 1988).

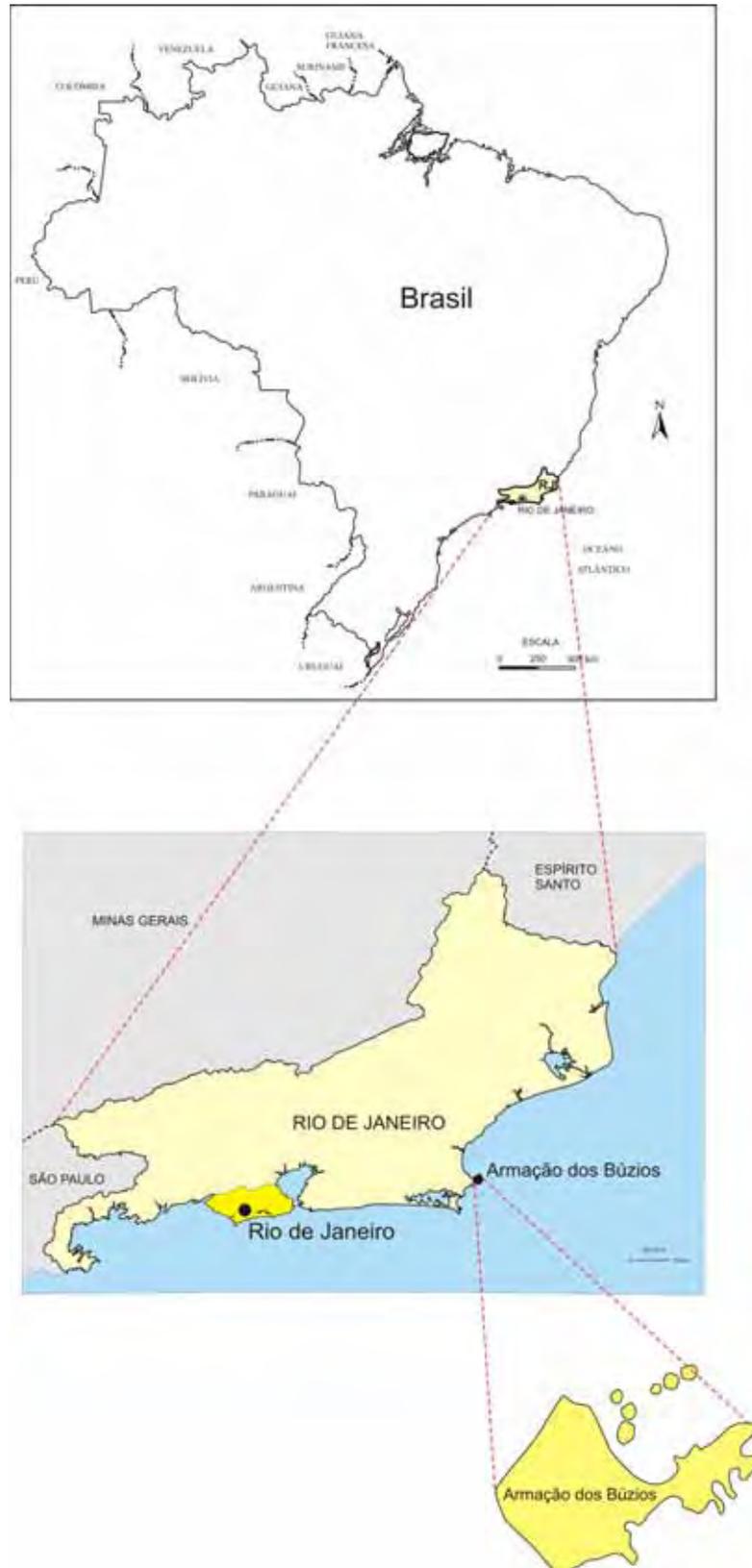


Figura 4 – Mapa de localização de Armação dos Búzios - RJ
Fonte: IBGE
Organização: Tiago José Borguezon e Gilberto Donizeti Henrique

Em relação aos equipamentos turísticos, é notório que a localidade conta com uma ampla rede hoteleira, a segunda maior do estado, ficando atrás somente da capital Rio de Janeiro, segundo informações da Secretaria de Turismo Municipal, sendo dotada também com uma expressiva gama de serviços de restaurantes, casas noturnas, bares e similares, possuindo uma infra-estrutura turística capaz de atender a maioria das necessidades de seus turistas.

No entanto, o município ainda enfrenta algumas adversidades quando o assunto é o desenvolvimento da atividade turística e suas implicações na composição socioespacial, considerando que os benefícios do turismo são muitas vezes restritos, e não conseguem influenciar, de modo positivo, a vida da maioria da população local. Essa condição se dá pelo fato do turismo ser a principal atividade econômica do município e, no entanto, não é capaz de eliminar as distorções sociais aí existentes, como a concentração de renda em posse de poucos, só para exemplificar.

É recorrente neste trabalho que não se espera que o turismo seja constituído como única alternativa para a solução das disparidades socioeconômicas em uma localidade. Os questionamentos acerca da capacidade indutora de desenvolvimento local por meio do turismo se devem ao fato de elencar novos elementos para o debate acadêmico sobre a referida área de estudo, considerando que a maioria dos trabalhos em turismo são de cunho desenvolvimentista e designam uma responsabilidade elevada ao turismo como atividade capaz de solucionar os problemas enfrentados por uma localidade.

Por ser a principal atividade econômica do município, o turismo possui lugar de destaque nas políticas públicas voltadas ao ordenamento do território em Búzios, como se pode observar ao analisar o seu Plano Diretor Municipal. As ações governamentais do poder público municipal para a estruturação da localidade citada priorizam a atividade turística em grande parte do território buziano, considerando o turismo como um elemento relevante na formulação de propostas para o desenvolvimento local.

O turismo por conter uma faceta multi e interdisciplinar atrai estudos de várias ciências na tentativa de contribuir para o entendimento desse fenômeno que

hoje se faz presente em quase todos os territórios, os transformando em territórios para o lazer e turismo.

Ao utilizar o conceito de território, esse que é tão importante na compreensão da ciência geográfica, procurou-se estabelecer um arcabouço teórico-metodológico no intuito de fundamentar a pesquisa aqui apresentada. No entanto, cabe ressaltar que o território pode ser estudado a partir de diversas reflexões e análises, dependendo do objetivo de cada pesquisador e de seu entendimento a respeito dessa categoria.

Para a realização do trabalho, entendeu-se território como uma relação da identidade, economia, política e atributos socioculturais. De acordo com Souza (2003):

A ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode ser mais compreendido sem o seu território, no sentido em que a identidade sócio-cultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (natureza, patrimônio, "paisagem"). E mais: os limites do território não seriam, é bem verdade, imutáveis [...] mas cada espaço seria, enquanto território, território durante todo o tempo, pois apenas a durabilidade poderia, é claro, ser geradora de identidade sócio-espacial, identidade na verdade não apenas com o espaço físico, concreto, mas com o território e, por tabela, como o poder controlador desse território (SOUZA, 2003, p.84).

Dessa maneira observa-se que o território é formado socialmente sendo os atributos ligados ao espaço também responsáveis para a criação da identidade gerada a partir da ocupação desse território. Essa identidade gerada na relação espaço e sociedade, destacando as relações de poder, é o que desperta para questões de ordenamento desse espaço para a constituição de uma sociedade e formação de um território.

Ao elencar alguns atributos e reflexões referentes ao território, o que se espera é facilitar a compreensão da análise acerca dos territórios do turismo. Segundo Rodrigues (2006, p.304) "o território turístico resulta da prática turística, ao mesmo tempo em que a concretiza e é transformado por ela, através de um processo dialético de desterritorialização e reterritorialização, perpassando a multiterritorialidade".

De acordo com Cruz (2003, p.21) "Para que o turismo possa acontecer, os territórios vão se ajustando as necessidades trazidas por essa prática social. Novos

objetos e novas ações; objetos antigos e novas ações: essa é a lógica da organização socioespacial promovida pela prática do turismo”. Dessa maneira pode se remeter ao pensamento da relação entre manutenção da identidade do território e prática do turismo como forma de ajustamento do território para a atividade turística.

Em Búzios, esse processo de ajustamento do território é observado com a expansão da atividade turística de sua porção peninsular, onde são encontradas as melhores condições de infra-estrutura básica e se concentra a maior parte da infra-estrutura turística e de apoio, para a parte continental do município. Essa expansão se deve ao alto grau de ocupação da península, estando a mesma saturada, segundo os entrevistados durante a pesquisa.

Com relação à infra-estrutura em Búzios, há vários pontos que dificultam a manutenção e expansão da atividade turística, sendo necessário rever alguns elementos para o ordenamento territorial. No período de maior fluxo de turistas, nos meses de dezembro a março, a cidade enfrenta diferentes problemas de ordens estruturais, tanto na área destinada aos turistas, como nas localidades de moradores locais que não são voltadas para o turismo. Observa-se o caso do carnaval em 2007, onde Búzios recebeu mais de 250 mil turistas:

Com o número excessivo de visitantes os serviços na cidade entraram em pane. Falta de água, degradação ambiental, muito lixo nas praias e congestionamento de trânsito foram os principais problemas enfrentados por aqueles que escolheram Búzios para passar o carnaval. (A TRIBUNA, 2007 *apud* MENDES JÚNIOR & FERREIRA, 2009, p.428).

Em contrapartida, a Prefeitura Municipal está fazendo melhorias para sanar tais deficiências no município como um todo, não apenas no setor direcionado aos turistas, porém, algumas mudanças de infra-estrutura como construção de vias e acessos, obras de saneamento, tratamento de água, entre outros visam num primeiro momento melhorar as condições estruturais para o turismo, que alcança num segundo momento a população local.

Dessa forma, a pesquisa se desenvolveu através da realização de entrevistas qualitativas direcionadas respectivamente a representantes do poder público municipal e a membros da sociedade civil.

A seguir se encontram as análises dos discursos e as conclusões provenientes das entrevistas realizadas com os atores sociais selecionados para a pesquisa em Armação dos Búzios.

5.3.1 O olhar sobre o turismo a partir do poder público municipal

Ao iniciar a abordagem foi questionado ao representante do poder público local, o ex-secretário de turismo da gestão 2005 - 2009, o que entendia por poder público, pois ficaria evidenciado dessa forma a compreensão do envolvimento do governo municipal com as questões pertinentes ao crescimento da cidade e como isso deve ser monitorado para evitar embates que prejudiquem a população local. Logo no primeiro contato, o entrevistado relacionou poder público ao turismo e atribuiu responsabilidades a esse, sendo que comenta que “poder público em nível de turismo [...] é quem consegue atuar para procurar minimizar os efeitos de um crescimento desordenado na cidade”, sendo que o ex-secretário tem em mente que cidades que tenham “potencial turístico” enfrentam problemas decorrentes da implantação atividade turística, o que parece demonstrar uma preocupação por parte de quem representa tal atividade na cidade. Porém, ao ser indagado sobre a relação centro-periferia, o mesmo acredita ser “um processo normal” e justifica que essa acontece na maioria dos municípios brasileiros. Apesar de destacar posteriormente que é responsabilidade do poder público intervir nessa relação, o entrevistado realiza um discurso vazio e não aponta como seria feita essa intervenção com a finalidade de promover o desenvolvimento das comunidades mais afastadas, integrando-as de maneira socialmente responsável ao município.

Quando questionado sobre temas relacionados ao turismo de um modo geral, se ele conseguiria pensar Búzios sem o turismo, se essa atividade só traz aspectos positivos, sobre consequentes problemas advindos da atividade e como a Secretaria de Turismo trabalha a questão da identidade local, o representante do turismo da cidade, na gestão 2005 – 2008, afirma que o turismo é a principal atividade econômica do município, destacando que o mesmo “é puramente turismo”, o que demonstra uma forte dependência da localidade pelo turismo, ao mesmo

tempo em que revela a dinâmica turística, atribuindo à essa, problemas no desenrolar de tal atividade na cidade, pois destaca que causa acréscimo populacional, o qual não consegue ser absorvido pela estrutura turística local. Segue afirmando que o principal problema relacionado ao turismo em Búzios é a falta de planejamento. Comenta que enquanto o problema não está acontecendo, o mesmo não é pensado antecipadamente e é taxativo quando afirma que isso “não vai mudar nunca”. No entanto, disse ter trabalhado com a perspectiva do planejamento. O secretário demonstra alguma preocupação ao reconhecer que o maior problema é a falta de planejamento, mas como este é um clichê turístico, muitos utilizam dessa fala para justificar a situação atual do turismo no país, sendo que na maioria das vezes essa fala representa somente retórica.

Sobre a perspectiva da identidade do lugar, destaca que essa é o diferencial de Armação dos Búzios, relatando que a cidade, apesar de não ser mais uma aldeia de pescadores, conserva elementos que mantêm a identidade local. Segundo o antigo representante do poder público, o município se diferencia também por apresentar economia de pequenos e médios empreendedores, e acredita que “Búzios é uma cidade equilibrada socialmente, não é um lugar somente de investimento e retorno financeiro”, é de acordo com o referido entrevistado, uma cidade que proporciona aos que ali vieram se instalar boas condições de vida e não encara a cidade somente na linha dos negócios. No entanto, o que se observa ao se chegar na parte peninsular da cidade é um apelo bastante mercadológico. Pela observação participante consegue-se constatar que Búzios se transformou em um lugar requintado e voltado para o turismo de elite, como pode ser observado na Rua das Pedras com restaurantes luxuosos, comércio requintado, os quais, em sua maioria, não demonstram ter nenhuma ligação com as atividades tradicionais e sua conservação. Mas, locais sem identidade definida, ao passo que a localidade se transformou em uma cidade, de certa forma, cosmopolita.



Fotografia 2. Edificações na Rua das Pedras em Armação dos Búzios.

Ao ser questionado sobre questões relacionadas à forma como o turismo pode interferir na vida da população local, e como esse pode provocar transformações socioespaciais no município, o mesmo parece concordar que a atividade turística influencia diretamente nas questões anteriormente citadas.

Segundo o secretário, todos ganham com o turismo em Búzios e a população vive direta ou indiretamente ligada ao turismo, o que, provoca elevação no poder aquisitivo dos residentes. Porém afirma, nas entrelinhas, que esse ganho não atinge a todos, pois comenta que com mais dinheiro “acaba-se perdendo uma tranquilidade que havia anos atrás, mas isso é inevitável”. Dessa forma observa-se preocupação quanto à “tranquilidade” porque nem todos estão inseridos no contexto da melhora do poder aquisitivo na cidade, sinalizando para possíveis conflitos sociais.

A dinâmica de como o turismo transformou a vida das pessoas em Búzios é retratada na entrevista pelo ex-secretário de turismo como coisa natural e que possibilitou o crescimento econômico do município e seu desenvolvimento. Informa que esse foi um processo que começou a cerca de 30 anos atrás e no início nem foi

o turismo que afetou primeiramente a vida das pessoas em Búzios, mas a especulação imobiliária que se instalou no local.

Quando a palavra expulsão dos moradores de seus locais de origem foi utilizada na entrevista para se refletir a saída e conseqüente distanciamento dos centros de decisão por parte destes, mesmo que de uma forma indireta, o entrevistado acredita que tal palavra é mal aplicada quando o assunto é turismo, pois quando houve a ocupação do litoral de Búzios pela atividade turística, foi opção de cada um vender ou não suas terras, e quem não vendeu teve sua compensação com o crescimento do turismo na cidade. O entrevistado desconhece a problemática envolvida na dinâmica do turismo quando se instala em alguma região, pois o mesmo é criador de valor para os espaços onde atua e apropriador desses para a reprodução da lógica capitalista. Nesse processo é observada a segregação social e espacial, pois parte da população, sem condições de se manter no lugar onde o custo de vida se tornou muito caro, acaba por se deslocar para áreas periféricas.

O ex-secretário quando questionado diretamente sobre a especulação imobiliária apresenta ter uma sólida noção sobre a questão, destacando na entrevista a importância do plano diretor da cidade, que por sinal é bastante restritivo, no entanto foi observado em Armação dos Búzios a presença de diversas edificações de alto padrão em locais não adequados, como encostas de morros.

A situação enfrentada pelo município com a elevação do custo de vida e como o movimento afeta a população foi colocada em discussão. Ele concorda com a afirmação de que é mais caro viver em Búzios do que em outros lugares devido ao turismo, mas afirma que a população tem seus lugares já definidos para atender suas necessidades “existe também para a população local, diversas opções de papelaria, farmácia, mercado, de fornecedores em geral, onde a população já conhece os preços e ali se dirige”. E descreve que esse movimento afeta “positiva e negativamente” a cidade, pois se a cidade está “tranqüila demais afeta negativamente a nível financeiro. Se ela (cidade) tá agitada demais, ela tira a tranqüilidade das pessoas [...] você não faz o omelete sem quebrar os ovos. Sem dúvida afeta”. Só não comentou quais ovos devem ser quebrados, ou seja, quem é que perde e quem ganha com o turismo. Essa questão não foi respondida.

Finalizando a entrevista, foi perguntado como se dá a relação entre o *trade* turístico, poder público e comunidade e se existem projetos sociais ligados à atividade turística. Ao passo que respondeu: “como todo relacionamento tem altos e baixos” e relatou que existe uma população até mesmo “excluída geograficamente” e para isso existe, ligada à prefeitura, uma secretaria de Promoção Social que se responsabiliza por essa questão e acredita que em Búzios “toda a população tem alto poder de vida” devido a sua vocação para o turismo de “alto poder aquisitivo”.

Ao analisar a fala do representante do turismo no município (Gestão 2005 – 2008), se depara com alguns questionamentos. Primeiramente, o que permite dizer que um lugar está vocacionado a um turismo para pessoas de alto poder aquisitivo? As esplêndidas belezas naturais são destinadas aos ricos? O que o secretário de turismo faz é rebaixar o problema da admitida exclusão à assistência social. Revela um tipo curioso de exclusão: a geográfica. Cria um conceito no mínimo interessante: “poder de vida”. O que faz é resumir a questão ao atrelar poder de vida ao poder de compra/consumo.

Já a entrevista com o representante da Secretaria de Turismo de Armação dos Búzios (Gestão 2009 - 2012) foi realizada no intuito de analisar as políticas públicas voltadas ao ordenamento territorial do turismo, e como esta atua para promover um maior aproveitamento dos benefícios da atividade turística, ao mesmo tempo criando mecanismos para mitigar os efeitos indesejados de tal atividade. Cabe ressaltar que a secretaria foi representada por um integrante da equipe de marketing, pois segundo o entrevistado, o secretário não se encontrava no município.

Para o entrevistado, a emancipação de Búzios do município de Cabo Frio foi de extrema importância para o avanço da atividade turística no local, destacando que a maior parte dos impostos arrecadados não eram investidos na localidade, o que prejudicava o desenvolvimento do turismo. Entende-se assim a importância do passado para a compreensão do quadro atual em Búzios. Aproveita também para demonstrar sua posição política ao realizar uma crítica ao governo municipal anterior, afirmando que a cidade ficou estagnada por muito tempo.

Relata que a prefeitura está investindo em obras de infra-estrutura, como no sistema de saneamento e energia, para promover melhor qualidade de vida da

população e atender as necessidades dos turistas em visita a cidade. No entanto, revela que há uma grande dificuldade do poder público em sanar os problemas estruturais do município devido ao crescimento acelerado, principalmente na periferia.

Comenta que a principal função da Secretaria de Turismo é captar turistas para a cidade, por meio do *marketing*, e prepará-la para receber grandes empreendimentos turísticos, citando os projetos do SuperClubs Breezes e Marina Porto Búzios¹² como exemplos. Na perspectiva da promoção do município, a secretaria vem atuando em grandes feiras nacionais e internacionais, e também montando estandes de promoção em eventos realizados em Campos do Jordão/SP e Tiradentes/MG, objetivando atrair turistas de alto poder aquisitivo, reconhecendo, o entrevistado, ser esse tipo de público o alvo das ações desenvolvidas, já que o foco é o turismo de qualidade, apesar de em um momento posterior declarar que em Búzios há oferta para todo o tipo de demanda turística.

Ao sinalizar que umas das responsabilidades da secretaria é fornecer subsídios para a instalação de empreendimentos turísticos na localidade, afirma que as secretarias municipais trabalham em conjunto, seguindo a política adotada pelo atual governo, para promover a criação de infra-estrutura para dar suporte a atividade turística. No entanto, apesar de citar avanços nas questões estruturais, reconhece haver deficiências na estruturação do município para o desenvolvimento do turismo. Segundo o entrevistado, as dificuldades em criar e expandir a infra-estrutura se deve ao orçamento insuficiente, destacando principalmente, a diminuição da arrecadação dos *royalties* do petróleo em Búzios.

Apesar de dar enfoque elevado para a parte peninsular do município, onde se concentra o maior fluxo de turistas, conseqüentemente há concentração dos equipamentos turísticos, o entrevistado sinaliza que está havendo expansão do turismo para a parte continental, devido à saturação da área central (península), e que a prefeitura e suas secretarias estão trabalhando para criar mecanismos de apoio aos empreendimentos voltados ao continente. Relata a construção de acessos, obras de saneamento, dentre outras ações, para atender a demanda

¹² O SuperClubs Breezes é um resort, enquanto o Marina Porto Búzios consiste em um complexo turístico e imobiliário.

criada pelo avanço da atividade turística para essa porção do território buziano, no entanto, afirma que as obras acabam beneficiando os bairros próximos a estas, pois a prefeitura exige alguma contrapartida dos empreendimentos ao se instalar nessas localidades.

Ao sinalizar para a saturação da península e expansão do turismo para a parte continental, se fez o questionamento sobre os impactos causados por essa dinâmica, tanto espaciais, como sociais. O entrevistado demonstrou as contradições contidas em tal prática, apontando os efeitos benéficos, esses enfatizados com maior rigor, e também alguns problemas relacionados ao turismo. Para ele, a renda e a geração de empregos é o grande fator positivo da atividade turística, e avançando rumo ao continente, toda a população será contemplada. Destaca também que várias obras de infra-estrutura voltadas ao desenvolvimento do turismo acabam beneficiando os moradores. A atuação do governo municipal, por meio de políticas públicas e ações de *marketing*, são apontadas como as principais formas de catalisar os impactos benéficos. Todavia, garante haver preocupação com a ocupação sazonal, pois muitos empregos ligados ao turismo são de caráter temporário, e há uma grande preocupação com o meio ambiente. No entanto, não entra em detalhes sobre as formas de mitigar os impactos negativos, somente afirma haver projetos, mas não os detalha.

No contexto apresentado anteriormente, se percebe que, mesmo de forma incipiente, há uma atenção ao turismo como fenômeno socioespacial impactante. Essa sinalização traz à tona como é realizado o processo decisório em Búzios, tentando observar a participação popular. Segundo o entrevistado, a participação da população é baixa, demonstrando pouca integração com o governo municipal.

Ao ser questionado sobre o lugar do turismo em Búzios, o representante acredita ser todo o município, enfatizando que a prefeitura está trabalhando para promover a atividade em todo o território buziano. Porém, em sua fala posterior, acaba revelando que alguns lugares são vistos como mais importantes pontos de atratividade turística, e cada um desses possui particularidades. Essa questão fica evidente quando o entrevistado elege algumas praias, como Geribá e João Fernandes, as quais se situam na península, esclarecendo que a primeira é uma das

mais badaladas e preferidas por jovens, enquanto a segunda se destaca por concentrar um público com maior quantidade de estrangeiros.



Fotografia 3. Padrão arquitetônico do bairro de João Fernandes em Armação dos Búzios.

Nesse sentido, apesar da atividade turística estar expandindo para o continente, a península mantém destaque, pois além de contar com suas praias e demais atrativos, possui melhor infra-estrutura básica, turística e de apoio, demonstrando que há muitos obstáculos a ser superados para o desenvolvimento equitativo do turismo em todo município.



Fotografia 4. Praia de João Fernandes em Armação dos Búzios.

Segundo o outro entrevistado, representante do poder legislativo do município de Búzios, o turismo está avançando para a parte continental do território buziano, porém, ressalta que a atividade turística ainda se concentra em sua quase totalidade na parte peninsular. Essa constatação levantou questionamento sobre como o município está se estruturando para atender a essa dinâmica, o que remete ao ordenamento territorial a partir do turismo.

Nesse sentido, o vereador relata que, na atualidade, os dois maiores investimentos estão sendo realizados na área continental. Um empreendimento se refere ao *resort* SuperClubs Breezes Búzios, localizado na praia de Tucuns, o qual assumiu dois compromissos. O primeiro foi de construir seu próprio sistema de captação de esgoto até a estação de tratamento gerenciada pela concessionária – Prolagos, perpassando o bairro de Cem Braças, facilitando dessa forma a captação do esgoto do bairro, já que a tubulação do *resort* funcionaria como uma “espinha dorsal”, revela o entrevistado. E o segundo compromisso é o de capacitar, por meio de alguns cursos, a população local para ocupar as vagas de empregos oferecidas pelo meio de hospedagem, ou seja, o poder público não sabe bem o que fazer. O outro grande projeto, ainda maior que o do *resort*, seria o Marina Porto Búzios, localizado próximo a praia de Rasa, que consiste em um complexo marítimo, hoteleiro, residencial, com campo de golfe e aeroporto. Esse complexo turístico imobiliário consiste na abertura de canais e a construção de uma grande marina para 600 barcos, além de possuir loteamentos com o intuito residencial e comercial. O objetivo do governo municipal, segundo o vereador, é transformar essa área em um novo pólo turístico da cidade, atraindo os mesmos tipos de investimentos, ligados ao lazer, encontrados na Rua das Pedras e seu entorno. Também haveria cursos para a formação de profissionais para atuar no empreendimento.

Ao ser indagado sobre impactos do turismo em Búzios, o legislador, apesar de apontar alguns elementos negativos, como sazonalidade, ocupação desordenada, especulação imobiliária, afirma que os benefícios são muito maiores, o que justificaria os investimentos na área de turismo, pois destaca a atividade como geradora de renda e impacta positivamente na arrecadação fiscal do município.

Como política pública para o ordenamento do turismo em Búzios, são apontadas ações como a reestruturação aeroviária, criação de infra-estrutura básica

e de apoio, buscando recursos junto aos governos estadual e federal, além de investimentos da própria prefeitura. Segundo o entrevistado, há preocupação por parte do poder público em participar ativamente das ações voltadas à atividade turística no município, como forma de promover benefícios a toda população.

As políticas adotadas pelo poder público, juntamente com as obras necessárias ao desenvolvimento do turismo, criam muitas vezes a condição de segregação socioespacial, tendo em vista a apropriação dos espaços para a reprodução da atividade turística, distanciando a população local das áreas tidas como mais nobres, ou melhor estruturadas, por meio da especulação imobiliária. Apesar de acreditar que nunca houve grande preocupação por parte do poder público municipal nesse sentido, o vereador defende a criação de leis mais restritivas para a construção de grandes condomínios, e mecanismos de proteção aos moradores locais, dando subsídios a esses para que permaneçam em seu local de origem. Entretanto, empreendimentos como o SuperClubs Breezes demonstram exatamente o contrário, pois se trata de grande complexo hoteleiro distante da realidade vivida pelo lugar onde foi construído.



Fotografia 5. Vista parcial do *resort* SuperClubs Breezes em Tucuns, Armação dos Búzios.

O referido entrevistado defende a ideia de se manter os padrões construtivo-arquitetônicos da cidade, que faz parte do chamado “Estilo Búzios”. Nessa perspectiva, as construções seriam de menor porte, mantendo o charme de uma vila de pescadores, porém com um ar de sofisticação de uma cidade cosmopolita, a

tornando ao mesmo tempo dinâmica e acolhedora. Porém, nem todos conseguem se inserir nos padrões desejados.



Fotografia 6. Vista parcial do bairro Tucuns, próximo ao SuperClubs Breezes, Armação dos Búzios.

Ao ser questionado qual o lugar do turismo em Búzios na atualidade, e em uma perspectiva futura, o vereador relata que a atividade se concentra nas áreas já consolidadas, como o centro e as praias da península, e acredita que futuramente haverá uma expansão para a parte continental do município, com destaque para o complexo turístico da Marina, não obstante revela que a centralidade do turismo será sempre na área da Rua das Pedras e seu entorno, devido ao seu charme e por ser tradicionalmente o ponto de encontro de todos os turistas que visitam o município.

Representantes da Secretaria do Meio Ambiente e Pesca de Armação dos Búzios também foram ouvidos durante a pesquisa realizada nesta localidade, numa tentativa de analisar as políticas públicas voltadas ao meio ambiente, além de compreender a dinâmica do turismo e suas implicações na vida da população local e no ordenamento territorial desse município fluminense. Portanto, de posse das informações obtidas junto a esta secretaria, pode-se ter um panorama da situação ambiental em Búzios, e como se dá a relação entre turismo, poder público e população.

De acordo com os entrevistados, está havendo crescimento demográfico muito acelerado em Búzios, principalmente na periferia, devido aos investimentos na cidade pelos royalties do petróleo, o que desperta a atenção de muitos migrantes em

busca de melhores oportunidades de trabalho e condições de vida. Cabe ressaltar que parte desses impostos são investidos no intuito de promover a atividade turística na localidade.

O crescimento acelerado acaba dificultando as ações para o ordenamento do território, gerando problemas ambientais e sociais, principalmente nas áreas de especial interesse social sinalizadas pelo plano diretor municipal, como relatam os representantes da Secretaria do Meio Ambiente e Pesca. Para eles, há uma maior dificuldade em legalizar imóveis na periferia devido à rápida ocupação. Segundo os mesmos, existe no município a necessidade de readequação dos meios de fiscalização e um planejamento mais eficaz. Com uma máquina pública ineficiente, problemas sociais são agravados pela falta de investimentos, e destacam a questão fundiária como um dos maiores problemas a ser combatido.

O plano diretor é apontado pelos entrevistados como o principal instrumento para a aplicação de políticas e ações voltadas ao ordenamento territorial. Revelam que o licenciamento ambiental acaba funcionando como um mecanismo de restrição para dificultar a expansão desordenada no município. Explicam que a Secretaria do Meio Ambiente e Pesca não é contra o desenvolvimento, como evidenciam alguns políticos e empresários, mas que a mesma atua de acordo com o direcionamento do governo municipal, seguindo a legislação ambiental. Na perspectiva da realização do trabalho da secretaria, destacam a importância da população nas discussões por meio do Conselho do Meio Ambiente e ainda relatam que a preocupação por parte da secretaria é relativa, pois muitas vezes a posição pessoal se confronta com a profissional, já que esta segue a política do governo.

Em relação às deficiências estruturais do município, afirmam que os problemas de saneamento são os mais perceptíveis, atingindo não somente as localidades mais afastadas, como os bairros da parte continental, mas também as áreas onde se concentram os turistas, principalmente durante a alta temporada, sendo a demanda por fiscalização do meio ambiente maior nesse período. Esclarecem haver previsão de obras ligadas a infra-estrutura básica, mas existem falhas em suas execuções.

Outra questão que merece atenção em Búzios é o conflito entre o direito ambiental (direito difuso) e direito de propriedade (individual). Apesar do município

estabelecer normas bastante restritivas para se construir edificações, muitas irregularidades são apontadas, no entanto, os representantes declaram que a secretaria é bastante atuante, tendo as leis como limite de atuação. Segundo os entrevistados, muitos loteamentos são antigos e possuem registro legal, o que fornece subsídios aos proprietários, em detrimento ao meio ambiente. Já as construções mais recentes, principalmente na península, são licenciadas, tendo a prefeitura, a responsabilidade de agir ativa ou passivamente.

Nesse sentido, o que se constata é a existência de conflitos de interesses em Búzios. Muitos embates são travados por divergências de opiniões. Enquanto alguns grupos defendem a conservação de áreas para fins ambientais, outros apóiam sua utilização direcionada a criação de infra-estrutura turística para a expansão do turismo. Paralelamente a este contexto, se adiciona a questão legal, o que remete mais uma vez ao projeto do SuperClubs Breezes, o qual foi construído sobre áreas de restinga, degradando o meio natural, no entanto, segundo os representantes, aquele era um loteamento aprovado, não tendo como impedir a construção do *resort*.

A participação da população nos processos decisórios é vista pelos entrevistados como algo muito positivo, na medida em que podem contribuir para conter a degradação ambiental no município. Para que isso ocorra é necessário que os moradores entendam a importância do meio ambiente, tanto para eles, quanto para a atividade turística, tendo em vista que as belezas naturais são os principais atrativos de Búzios. Portanto, projetos de educação ambiental são fundamentais para a conscientização de todos, e esse é, afirmam os representantes, um dos focos da Secretaria do Meio Ambiente e Pesca, por meio de projeto envolvendo o município, a empresa Petrobrás e a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Levar conhecimento para as entidades civis é, de acordo com os entrevistados, a forma mais eficiente de fortalecer a participação popular.

5.3.2 O Olhar sobre o turismo a partir dos representantes comunitários

Representantes comunitários dos bairros de Cem Braças e Tucuns, localizados na parte continental de Búzios, sendo o primeiro ocupado, em sua quase totalidade, pela população local e por migrantes em busca de empregos ligados direto ou indiretamente ao turismo. Já no segundo, há uma mescla entre população local, casas de segunda residência e empreendimentos hoteleiros, com destaque para o SuperClubs Breezes. Apesar de ainda contar com uma ocupação residencial local, nota-se que a área mais próxima a praia está sendo alvo de valorização e está se tornando cada vez menos acessível à população tradicional.

Apesar de ser um bairro mais afastado da península, onde há maior concentração de turistas, ocorre na atualidade expansão do turismo para essa área, devido à implantação de infra-estrutura básica e de apoio pelo município, e posterior instalação de equipamentos turísticos pela iniciativa privada. No entanto as obras realizadas na localidade parecem não atender plenamente a população, ficando quase restritas ao atendimento das necessidades dos grandes empreendimentos, embora a instalação de grandes empreendimentos nessa área aumente a expectativa de geração de empregos e renda para a população local. Exemplo dessa dinâmica, é a via de acesso ao *resort* SuperClubs Breezes, a qual é desviada da entrada dos bairros de Tucuns e Cem Braças. A via poderia servir de ligação entre estes bairros e a praia, porém seu traçado não os beneficia, restando à população desses lugares um acesso não pavimentado.



Fotografia 7. Via de acesso ao SuperClubs Breezes, Armação dos Búzios.



Fotografia 8. Local do desvio da via de acesso ao SuperClubs Breezes e trecho não pavimentado que liga a praia aos bairros de Tucuns e Cem Braças, Armação dos Búzios.

Nesse sentido, se torna interessante observar o pensamento dos locais em relação a esse grande *resort* instalado na praia de Tucuns. Segundo os moradores, o SuperClubs Breezes realizou cursos de capacitação no intuito de inserir parte da

população local em seu quadro de trabalho, sendo essa iniciativa bem vista popularmente, pois gerou emprego e renda. Porém, sinalizam que o empreendimento foi bastante impactante no meio ambiente, o mesmo foi construído em área de restinga e dunas, e também dificultou o acesso aos moradores daquela região, tendo em vista foi construído muito próximo à praia e em seu projeto não há acessos públicos, obrigando as pessoas, dessa maneira, a contornar o *resort* para se chegar ao mar.

Ao pensar nessa expansão do turismo para áreas do continente, em como a atividade interfere nessa porção do território, se questionou aos moradores dos bairros Cem Braças e Tucuns os reflexos sentidos pela população local no intuito de evidenciar a visão obtida por eles a respeito dessa dinâmica. A resposta obtida foi que não consideram exatamente uma expansão e sim uma descentralização do turismo na cidade. Apontam uma nova dinâmica, relatando que as construções estão saindo da área central, porém não acreditam em crescimento do turismo e em uma maior geração de empregos, na verdade, apontam para a necessidade de mais projetos que envolvam o desenvolvimento da atividade turística e o meio social, destacando que a atuação política na região é deficiente. Segundo os mesmos, fica tudo em discurso político.

Moradores antigos dessa região de Búzios apontam diversas transformações onde residem. Segundo os entrevistados, os bairros Tucuns e Cem Braças passaram por modificações a partir da época em que a antiga vila de pescadores se transformou em importante pólo receptor de turistas. As principais modificações delatadas por eles se referem ao rápido crescimento populacional, tanto dos bairros citados, como em toda cidade, à abertura de ruas e loteamentos e migração. De acordo com os entrevistados, a localidade onde sempre viveram era ocupada por familiares e não possuía quase nenhum tipo de infra-estrutura, não existiam estradas, eram trilhas em meio à restinga. Com a vinda de migrantes objetivando trabalhar no turismo, ou em áreas intimamente relacionadas, em Búzios, e posterior aumento populacional, foram abertas ruas, sendo algumas dotadas de pavimentação.

Apesar de atualmente esses bairros serem dotados com melhor infra-estrutura, em relação ao passado, os moradores ainda enfrentam diversos

problemas, como falta de água e energia, principalmente na alta temporada, não obstante revelam que em alguns bairros esses problemas acontecem até mesmo fora da alta temporada. Não menos importante, relatam outros impactos ligados ao maior número de pessoas na cidade, como na área de segurança, a qual acreditam ser insuficiente para atender a população e aos turistas e também no aumento do custo devida, pois segundo os mesmos há diferenciação nos preços praticados na cidade entre o verão e o inverno. Até a rede de mercados muda entre uma temporada e outra.

Ao entender que a população local está inserida, mesmo que indiretamente, na dinâmica turística do município, os moradores foram questionados quanto à forma de participação popular nos processos de decisão, os quais relatam que é fraca, apesar de existir algumas associações, no entanto, acreditam que estas defendem os interesses de poucos, pois muitas vezes estão vinculadas aos grupos políticos da cidade. Quando se pensa em turismo em Búzios, Tucuns e Cem Braças, na parte continental do município, não estão inseridos de acordo com os moradores entrevistados. Para eles, o lugar do turismo é na península, em áreas específicas como João Fernandes, Geribá e Ferradura, embora existam alguns empreendimentos em outros pontos da cidade.

Outro entrevistado durante a pesquisa foi um morador de Rasa. Este bairro está localizado na parte continental de Armação dos Búzios na divisa com o município de Cabo Frio, sendo um dos principais acessos para a península, onde se encontram a Rua das Pedras, Orla Bardot e outros importantes pontos turísticos da cidade. Segundo o entrevistado, a função do bairro se resume em ser uma passagem dos turistas para a área central. Há por parte dos moradores do bairro, de acordo com ele, um sentimento de exclusão, pois se acham segregados do restante da cidade, destacando que os benefícios com a atividade turística não chegam da mesma forma na localidade citada. Relata a inexistência de infra-estrutura adequada para atender as necessidades básicas do bairro e dessa forma, essa falta de estruturação seria mais um empecilho para o desenvolvimento do turismo em Rasa.



Fotografia 9. Vista parcial do bairro de Rasa, Armação dos Búzios.

O entrevistado reconhece que o turismo praticado na parte peninsular do município se converte em benefícios também para quem mora no bairro, citando a questão do aumento de empregos no verão (alta estação), no entanto, pondera que poderia haver um empenho do governo local para a criação de empregos nas mediações onde vivem, e não somente voltados para a atividade turística, afirmando que esta sofre com a sazonalidade, pois muitas vagas preenchidas durante a alta temporada são fechadas durante a baixa estação.

Devido à saturação da atividade turística na área central, sinaliza para a expansão de investimentos para parte continental. De acordo com o entrevistado, esse será o direcionamento dado ao turismo na cidade, ao apontar exemplos como a construção de um grande *resort* fora da península. Ainda segundo o morador de Rasa, o governo está fornecendo subsídios para a ordenação do território, proporcionando condições para o desenvolvimento da atividade turística, criando infra-estrutura básica em alguns pontos da cidade, porém avalia como razoável a atuação governamental. Percebe a importância de se ordenar a cidade por meio de obras e de políticas públicas atreladas ao turismo, é preocupado com o planejamento da hospitalidade, não obstante retrate que o peso dos investimentos

nessas vertentes são muito maiores na área turística consolidada e sinaliza que há mau uso do dinheiro público. Falta um planejamento melhor detalhado e eficaz, sugere o morador.

Em relação aos efeitos gerados pela expansão do turismo no município, primeiramente afirma que tal atividade impacta negativamente no meio ambiente ao relatar que para a construção de condomínios, a maioria na forma de segunda residência, muitas vezes promove desmatamentos de mata nativa. E socialmente, aponta o turismo como benéfico, demonstrando o crescimento de postos de trabalho e aumento na renda da população.

Para o entrevistado há muitos problemas a serem resolvidos para melhorar a vida dos moradores de bairros mais distantes da área turística. Problemas esses, agravados na alta temporada, período em que a cidade abriga um elevado número de turistas. Quedas de energia, falta de água e acúmulo de lixo são os principais pontos abordados, demonstrando falhas estruturais em serviços essenciais para manter a rotina normal dos residentes, o que acaba gerando conflitos entre população e poder público. Segundo o morador, essa condição se deve ao atendimento das necessidades da elevada quantidade de turistas que se concentram, em sua maioria, na península em detrimento ao atendimento, com serviços essenciais, aos moradores das localidades de menor, ou nenhum, apelo turístico.

Apesar de sinalizar em sua fala que seu bairro não dispõe de infra-estrutura adequada e o padrão construtivo ser bem diferente daquele praticado na área turística, o qual tem no “Estilo Búzios” sua fonte de inspiração, e mesmo não se sentindo inserido na dinâmica proposta pelo estilo adotado, acredita ser interessante manter esse padrão para toda a cidade como sendo mais um diferencial na atração de turistas.

Ao ser questionado sobre qual o lugar do turismo em Armação dos Búzios, declara que continua sendo a área central. Destaca a Rua das Pedras, Orla Bardot e algumas praias da península, evidenciando que a atividade turística se concentra em áreas específicas e não abrange todo município. O que ocorre segundo sua visão, é a existência de espaços destinados ao lazer e outros para a população residir.

Na entrevista com integrante de uma ONG¹³ local foram feitos questionamentos acerca de questões pertinentes ao turismo no município. O representante respondeu que a atividade segue os rumos ditados pela economia da cidade e pode ser “próspera ou conflitante” dependendo da administração que lhe é dada. Acrescentou também que a população não está “qualificada para o nível de exigência que o mercado turístico abrange” e deixa claro que a sazonalidade, juntamente com os baixos salários são agravantes para a melhoria das condições de vida da população local. Também descreve que o turismo mudou a composição socioespacial, tendo em vista questões como a especulação imobiliária, o aumento do lixo produzido pelos turistas, desmatamentos em áreas de preservação ambiental, dentre outros e afirma que “antes a atividade era em menores proporções”, e segundo o entrevistado gerava um menor impacto. Informou que, “a cidade está perdendo em qualidade de vida e em seus atrativos naturais”.



Fotografia 10. Local tradicional de passagem dos moradores, tomado pelo acúmulo de lixo, Armação dos Búzios.

¹³ COEDUC

Em primeira circunstância o entrevistado concorda com a visão de que a atividade é vista como principal ramo da economia do município. No entanto, possui uma visão mais crítica ao apontar logo no início da entrevista alguns problemas relacionados ao crescimento do turismo em uma localidade.

Questionado sobre a relação da comunidade com o *trade* turístico, ele descreve como uma relação “necessária”, mas quando se trata do poder público, aponta que há por parte da população uma insatisfação quanto à sustentabilidade, a qual é difundida por esse. Afirmando que o grau de envolvimento da população com as decisões a respeito do turismo na cidade é quase nenhuma.

A questão do significado de comunidade para ele se reflete em “um conjunto de pessoas que se unem em prol de um lugar, um ideal de convivência”. E destaca que o sentimento dos residentes do bairro de Rasa, onde a ONG se encontra, é o de inferioridade, pois o bairro abrange uma antiga área quilombola e fica na periferia da cidade. É interessante ressaltar que ele atribui essa condição de inferioridade à exclusão social e ao preconceito, o que demonstra arbitrariedade no discurso do ex-secretário de turismo que cita que “toda população ganha com turismo”. O representante da ONG afirma que uns vivem do turismo e outros não. Dessa maneira percebe-se que o turismo, mesmo sendo a principal fonte de renda para a cidade, não beneficia a todos os locais.

Quando indagado sobre os problemas relacionados à atividade turística e seus benefícios, ele descreve alguns problemas já destacados anteriormente, como o aumento de lixo etc. E segue com uma consideração interessante destacando também, como o primeiro entrevistado abordou, a falta de planejamento, “falta de planejamento direcionado ao turismo sustentável”. Em relação aos benefícios: “Já os benefícios se confundem com necessidades básicas, como pavimentação, poucas redes de saneamento básico”. Não obstante, acredita que possa haver um equilíbrio entre desenvolvimento do turismo e equidade social, desde que a população local participe das decisões que envolvam a atividade turística e que seus pedidos possam ser atendidos. Para tanto relata ser necessário maior envolvimento do governo, entidades não governamentais, associações e mesmo os cidadãos.

O entrevistado é de opinião de que é importante a participação de todos no processo decisório de uma localidade, porém um planejamento dito como adequado

não se torna suficiente para corrigir as desigualdades sociais e as mudanças na composição do espaço, tendo em vista que o turismo, segundo Ouriques (2005) não é capaz de alterar significativamente a vida das populações onde é atuante, pois ainda de acordo com o referido autor, essa atividade não é mais indutora de desenvolvimento do que outras, como a industrial, por exemplo.

Ao final da entrevista o representante da ONG foi questionado quanto à relação entre a comunidade e o governo local, e este declarou que essa não é boa. Segundo ele “falta preparo e responsabilidades éticas”. De acordo com o entrevistado, a organização não – governamental acaba desempenhando papel relevante em sua área de atuação, pois presta serviços à população local e a descreve com um bom exemplo de responsabilidade. Reafirmando assim uma dificuldade de comunicação, e um distanciamento entre a população e o governo municipal.

Assim, a presença do turismo na localidade demonstra que há uma dialética entre crescimento econômico e desenvolvimento local. As entrevistas confirmam um gargalo no que tange a responsabilidade do poder público municipal, o qual é percebido por uma parcela da população local, como um tanto ineficiente, já que boa parte dos residentes de vários bairros, principalmente os mais distantes da península, não sentem os benefícios do turismo, de acordo com as palavras do representante da ONG.

Constatou-se que a atividade turística alterou a composição socioespacial do município, onde muitos moradores abandonaram seus locais de origem, afetados pela especulação imobiliária surgida pela expansão do turismo, o qual valorizou o espaço litorâneo em Búzios, diminuindo o acesso a essa porção do território aos menos favorecidos economicamente, demonstrando a presença da segregação espacial.

Ao ser consolidada como um destino turístico voltado para o turismo de alto poder aquisitivo, como percebido na fala dos entrevistados, Armação dos Búzios vem enfrentando uma problemática social que acaba se refletindo no meio espacial, sendo “o turismo um poderoso agente de transformações sociais e espaciais” (OURIQUES, 2007, p.3), menciona-se isso porque de acordo com o referido autor o turismo consome os espaços, no caso de Armação dos Búzios com instalação de

hotéis e pousadas e outros equipamentos e serviços turísticos, para sua expansão e comercialização. Acaba também por se apropriar de tudo que é passível de ser comercializado, transformando a vida da população local, a qual destinava seu tempo às atividades tradicionais e devido ao turismo se vê deslocada para a periferia, ficando à margem do processo de desenvolvimento tão esperado por todos através da atividade turística.

6. CONCLUSÕES

Esse estudo, guiado pela teoria e pelos pressupostos metodológicos do pensamento geográfico e numa perspectiva crítica, demonstrou a partir de uma investigação no município de Armação dos Búzios, a maneira como se dá a dialética entre o desenvolvimento da atividade turística e a questão da exclusão/inclusão socioespacial. Sua realização permitiu constatar de que maneira essa dinâmica problematiza a vida da população local, demonstrando algumas transformações no espaço litorâneo através da expansão do turismo no município de Armação dos Búzios e as consequências, nem sempre positivas, advindas do mesmo, sendo a atividade turística entendida como consumidora de espaços para a reprodução do capital.

Nesse sentido, a atividade turística se apropria e transforma o espaço, produzindo territórios do turismo, mudando a direção da economia local, abarcando os diferentes segmentos da política local em torno do turismo, o que impacta diretamente na vida das pessoas onde o fenômeno se desenvolve. Como consequências dessas mudanças na composição do espaço pelo turismo, observa-se segregação social, a qual remete alguns elementos da população à exclusão social, tendo em vista que a exclusão moderna é um problema social por privar uns do básico, não oportunizando condições dignas de vida, e outros por impor a terrível insegurança quanto ao próprio futuro e ao destino dos outros (MARTINS, 2002). “A verdadeira exclusão está na própria sociedade contemporânea, que ou nos torna

panfletários na mentalidade ou nos torna indiferentes em relação aos seus indícios” (MARTINS, 2002, p.21).

Esse problema social, a exclusão, é próprio do modelo de sociedade que é dominante, o capitalismo, e também pelo contexto que este se insere em nosso país, pois seria difícil acreditar numa maior equidade social e melhor distribuição de renda a partir de um sistema que tem em seu propósito a dinâmica da acumulação. Dessa forma promove um grau de desenvolvimento desigual entre os seus locais de atuação, de acordo com a perspectiva local, condição facilmente observada em Búzios, onde a península, área mais explorada turisticamente, possui uma realidade adversa da porção continental do território buziano, cuja aponta indícios de transformação devido à expansão do turismo, não obstante ainda é uma área repleta de carências estruturais e sociais.

O turismo, inerente ao capitalismo, como qualquer outra atividade econômica, reproduz a lógica da acumulação. Não consegue eliminar as distorções sociais e promover um desenvolvimento realmente equitativo. Sua condição como instrumento de apropriação dos espaços é capaz de transformar quase tudo em mercadoria passível de ser consumida. Nesse contexto, pode-se destacar as paisagens, culturas, tradições e mesmo os próprios nativos, dentre outros, onde o turismo se afirma como um importante agente modificador desses espaços e relações sociais, pois contém, e é contido pelos campos econômico, social ambiental e cultural, se revelando relevante na ordenação de territórios.

O ordenamento do turismo em Búzios ocorre em um movimento dialético na relação entre fenômeno turístico, população local e município, sendo a atividade turística um importante agente na organização do território, seja para o lazer, entretenimento, atuando na composição espacial da localidade. A constatação pode ser averiguada no ordenamento turístico da cidade, a qual concentra uma melhor infra-estrutura, tanto turística como básica, nos lugares onde o turismo se faz presente. É o caso da Rua das Pedras e Orla Bardot, que juntamente com as áreas mais próximas ao litoral concentram equipamentos e serviços, turísticos ou não, de melhor qualidade e em maior abundância.

Em um processo semelhante, a dinâmica impactante do turismo foi averiguada como contraditória, observado que o turismo atua como uma das

principais fontes geradoras de divisas para o município, porém assimilado de maneiras diferentes pela população local, gerando impactos tanto positivos como negativos no meio social, ambiental, sinalizando para sua relevância no ordenamento e definição do lugar do turismo em Búzios.

Apesar do poder público municipal ter demonstrado interesse em solucionar as mazelas socioespaciais que impactam a vida de grande parte da população buziana, por meio de políticas públicas voltadas ao ordenamento territorial, o mesmo se revela ineficiente. Essa constatação parte do pressuposto de que o município carece de infra-estrutura básica e de apoio, principalmente na parte continental de seu território, demonstrando o mau funcionamento da máquina pública, a qual privilegia investimentos na península, principal área atrativa de turistas em detrimento das necessidades dos moradores dos bairros mais distantes dos lugares tidos como turísticos.

De acordo com o método de análise proposto, o resgate histórico em um cenário mais amplo, como também enfocando estritamente o caso de Búzios, permitiu o entendimento sobre a ocupação do município e a relação do local com agentes internos e externos no decurso da construção de seu território. Sua interação com o modelo econômico vigente e as decorrências do processo de turistificação, priorizando algumas áreas em detrimento de outras, foi melhor compreendido levando em consideração aspectos importantes para o desenvolvimento do turismo, tendo em vista as especificidades espaciais, socioeconômicas, ambientais, culturais e políticas.

Na conjuntura atual, a supervalorização do território turístico é visualizada na parte peninsular, apesar de existir a tendência de expansão da atividade turística para a parte continental. Mesmo existindo essa dinâmica, apoiada por ações do governo municipal, cujo promove por meio de políticas públicas, ainda que de maneira incipiente, a estruturação dessa área para a instalação de equipamentos turísticos com a finalidade de incrementar e fortalecer a principal atividade econômica do município.

O turismo como fenômeno essencialmente socioespacial, aparece nesse contexto, como principal agente transformador do território de Búzios, impactando de maneiras diferenciadas de acordo como é assimilado pelas localidades onde se

desenvolve, causando efeitos diversos no ambiente, na economia e no meio social. Foi percebido no município uma importância extremamente elevada vinculada ao turismo como fator de desenvolvimento local, no entanto, como atividade econômica os objetivos de tal prática se vinculam à produção e reprodução do capital. Essa condição dialética envolvendo o turismo não parece ser compreendida pelo poder público, o qual deposita suas esperanças de uma sociedade equitativa por meio dos ganhos com a atividade turística, sem a devida preocupação de se preparar adequadamente para enfrentar as adversidades relacionadas ao turismo.

Vislumbrando cenários futuros, a partir da análise do passado e o presente de Búzios, pode-se fazer alguns apontamentos no intuito de promover um turismo mais igualitário. Ao realizar essa alusão, o que se espera é que os responsáveis pelos rumos políticos, tanto o poder público como os formadores de opinião possam confrontar a realidade vivida por grande parte da população, a qual se encontra distante dos processos decisórios, com a dos grandes empresários e elites locais, numa tentativa de melhorar as perspectivas futuras do município. Somente a conscientização e políticas públicas sérias poderão edificar um cenário próspero, com a participação popular forte, promovendo a preservação ambiental, área de grande interesse turístico, aliada ao desenvolvimento socioespacial, ordenando o território para todos e não para poucos privilegiados.

Dessa maneira concluímos o trabalho, sem, contudo, possuir a pretensão de esgotar as possibilidades teóricas que o tema apresenta, mas com a esperança de ter contribuído para o avanço dos estudos acadêmicos a respeito do turismo brasileiro.

7. REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz N. **Litoral do Brasil**. São Paulo: Metalivros, 2003.

AGUIAR, Maria de F.; BAHL, Miguel. (Org.). **Competência profissional no turismo e compromisso social**: coletânea do XXVI CBTUR, Congresso Brasileiro de Turismo. São Paulo: Roca, 2006.

ALVES, Flamarion D; SALES, Elias J.C.G. O Estudo do Turismo na Ciência Geográfica: Propostas Teórico- Metodológicas. In: Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – SeminTUR. v.6. **Anais...** Caxias do Sul: EDUCS, 2010. p.1-11.

AOUN, Sabáh. Paraíso à vista: os jardins do Éden oferecidos pelo turismo. In. RODRIGUES, Adyr. B. (org). **Ecoturismo no Brasil**: possibilidades e limites. São Paulo: Contexto, 2003. p. 15-27.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papirus, 1995.

BARRETTO, Margarita; SANTOS, Rafael José dos. Fazer científico em turismo no Brasil e seu reflexo nas publicações. In: **Turismo, Visão e Ação**. Balneário Camboriu. v. 7, n. 2, 2005. p.357-364.

BARTHOLO, Roberto; DELAMARO Maurício; BADIN, Luciana. (Orgs.). **Turismo e sustentabilidade no estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENKO, Georges. **Economia, espaço e globalização**. São Paulo: Hucitec, 1996.

BENI, Mário C. **Política e planejamento de turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. Tradução de J. V. Baptista. Bauru: EDUSC, 2002. (Coleção turismo).

BURNS, Edward M. **História da civilização ocidental**. 3. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1974.

CARDOSO, Eduardo S. Comunidades costeiras frente à expansão do turismo. In: Ministério do Turismo. **Diálogos do turismo: uma viagem de inclusão**. Rio de Janeiro: IBAM, 2006. p.246-263.

CORIOLOANO, Luzia N. M. T. (Org.). **O turismo de inclusão e o desenvolvimento local**. Fortaleza: FUNECE, 2003.

_____. **O turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza**. São Paulo: Annablume, 2006.

_____. Os limites do desenvolvimento e do turismo. In: CORIOLOANO, Luzia N. M. T. (Org.). **O turismo de inclusão e o desenvolvimento local**. Fortaleza: FUNECE, 2003. p.13-28.

_____. **Turismo**: prática social de apropriação e de dominação de territórios. Disponível em: <http://www.reacao.com.br>. Acesso em: 14 de abril de 2007.

CORREA, Roberto L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

CRUZ, Rita de C. A. **Introdução à geografia do turismo**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2003.

_____. **Política de turismo e território**. São Paulo: Contexto, 2000. (coleção turismo).

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1985.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente -FEEMA. **Perfil Ambiental do Município de Cabo Frio**. Relatório técnico, 51p. Rio de Janeiro: Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente. 1988.

FONTES, Ednice de O.; LAGE, Creuza S. A apropriação do espaço pelo turismo em Sauípe e seu impacto no desenvolvimento local. In CORIOLANO, Luzia N. M. T.; LIMA, Luiz C. (Org.). **Turismo comunitário e responsabilidade socioambiental**. EDUECE: Fortaleza, 2003. p. 92-101.

FRATUCCI, Aguinaldo C. A formação e o ordenamento territorial do turismo no Estado do Rio de Janeiro a partir da década de 1970. In BARTHOLO, Roberto; BADIN, Luciana; DELAMARO, Maurício. **Turismo e sustentabilidade no estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. p. 81-109.

FROSSARD, Miriane S. Armação dos Búzios – RJ: De vila de pescadores a destino turístico internacional: Avaliação preliminar dos impactos da atividade turística. In: ENCONTRO NACIONAL DE TURISMO COM BASE LOCAL. 8. **Anais...**Curitiba, 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR. Disponível em: http://200.189.169.141/site/arquivos/dados_fatos/Anuario/anuario_estatistico_2006.pdf. Acesso em: 10 de abril de 2010.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. 2. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Documentos, 1969.

LUCHIARI, Maria T. D. P. A (Re)Significação da Paisagem no Período Contemporâneo. In ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (Org.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 09-28.

MARTINS, José de S. **A sociedade vista do abismo**: Novos estudos sobre a exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. As temporalidades da história na dialética de Lefebvre. In: MARTINS, José de S. (Org.). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 13-23.

MENESES, Ulpiano T. B. Os “usos culturais” da cultura: contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. de C. A. (Org). **Turismo, espaço, paisagem e cultura**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 88-99.

OURIQUES, Helton R. **A produção do turismo**: fetichismo e dependência. Campinas: Alínea, 2005.

_____. O desenvolvimento do turismo na periferia do capitalismo. In: **Revista Eletrônica Espaço Acadêmico**, v.6, n.61, jun.2006.

PAIVA, Maria das G. de M. V. **Sociologia do turismo**. 3. ed. São Paulo: Papyrus, 1995.

POCHMANN, Márcio; AMORIM, Ricardo (Org.). **Atlas da exclusão social no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. et al. **Atlas da exclusão social**: agenda não liberal da inclusão social no Brasil. Vol. 5. São Paulo: Cortez, 2005.

PREFEITURA DE ARMAÇÃO DOS BÚZIOS. Disponível em: <http://www.buzios.rj.gov.br/historia.asp>. Acesso em: 04 de dezembro de 2007.

RODRIGUES, A. B. Turismo e territorialidades plurais – lógicas excludentes ou solidariedade organizacional. In: LEMOS, A. I. G.; ARROYO, M.; SILVEIRA, M. L. (Org.) **América Latina**: cidade, campo e turismo. São Paulo: CLACSO, 2006. p. 297-315.

RODRIGUES, Arlete. M. A produção e o consumo do espaço para o turismo e a problemática ambiental. In: YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. de C. A. (Org). **Turismo, espaço, paisagem e cultura**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 55-62.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2005.

_____. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SOUZA, M. J. L.. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.) **Geografia**: conceitos e temas. 6.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 77-116.

THEOBALD, Willian F. **Turismo global**. São Paulo: SENAC SP, 2001.

TRIGO, Luiz G. G.; PANOSSO NETO, Alexandre; CARVALHO, Mariana A.; PIRES, Paulo dos S. (Org). **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005.

VASCONCELOS, Fábio Perdigão. Gestão integrada do litoral e sua implicação na atividade turística. In. CORIOLANO, Luzia N. M. T. (Org.). **O turismo de inclusão e o desenvolvimento local**. Fortaleza: FUNECE, 2003. p.320-327.

8. APÊNDICES

8.1 - Apêndice A. Roteiro de pesquisa aplicado ao poder público/ex-secretário de turismo de Armação dos Búzios (Gestão 2005 - 2008).

1-O que você entende por poder público?

2-O senhor conseguiria pensar Búzios hoje sem o turismo?

3-O turismo só traz aspectos positivos?

4-Quais são os maiores problemas relacionados ao turismo na cidade de Búzios?

5-Como a Secretaria de Turismo (prefeitura) trabalha a questão da cultura e da identidade local?

6-O que representa o grande, médio e pequeno empreendedor na cidade de Búzios?

7-Em vários casos é percebido que a população local perdeu com o turismo. Quem é que perde e quem ganha com o turismo na cidade?

8-Como o turismo transformou a vida das pessoas em Búzios?

9-Quando o turismo se desenvolveu em Búzios o que você acha que aconteceu com a população costeira? Como você vê essa questão?

10-Em Salvador se tem o exemplo do Pelourinho, onde houve uma expulsão dos moradores, que também já aconteceu ao longo da história na cidade do Rio de Janeiro. Esse processo aconteceu em Búzios? Como foi?

11-Quando falo em especulação imobiliária o que você pensa?

12-Existem planos de uso e ocupação do solo em Búzios?

13-Como você vê a relação centro-periferia?

14-Com o aumento de fluxo de turistas a cidade enfrentou uma alta em seu custo de vida?

15-Esse movimento afeta toda a população?

16-Como é a relação entre comunidade, *trade* turístico e poder público?

17-Existem projetos sociais ligados à atividade turística?

8.2 - Apêndice B. Roteiro de pesquisa aplicado ao poder público/representante da Secretaria de Turismo de Armação dos Búzios (Gestão 2009 - 2012).

1-Quais ações realizadas pelo poder público para estruturar o município para o desenvolvimento da atividade turística?

2-Quais os tipos de eventos são prioridade no calendário turístico de Búzios? Há preferência por algum seguimento de mercado?

3-A Secretaria de Turismo trabalha em parceria com a Secretaria de Planejamento?

4-Quais as medidas que a Secretaria de Turismo adota para ordenar o turismo na parte continental do município?

5-Como é a relação entre comunidade, *trade* turístico e poder público?

6-Como a população participa do processo decisório?

7-Como o governo local atua para mitigar os impactos negativos e maximizar os positivos da atividade turística?

8-Quais os principais entraves para o desenvolvimento de Búzios?

9-Quais adversidades enfrentadas pelo poder público durante a alta e baixa temporada em Búzios?

10-Como são fiscalizados os projetos de implementação de infra-estrutura no município?

11-Quais as diferenças e semelhanças entre o passado e o presente de Búzios?

12-Qual é projeção para o futuro de Búzios?

13-Qual o lugar do turismo em Búzios?

8.3 - Apêndice C. Roteiro de pesquisa aplicado ao poder público/representante do Legislativo de Armação dos Búzios (Gestão 2009 - 2012).

1-O que entende sobre ordenamento do territorial?

2-Como o município se estrutura para essa dinâmica a partir do turismo?

3-Há na prefeitura de Búzios um sistema para direcionar os investimentos no município?

4-Como funciona esse sistema?

5-Qual a perspectiva de investimentos para a área continental do município?

6-Há somente impactos positivos na atividade turística?

7-Qual impacto social benéfico tem maior destaque?

8-Quais são as políticas públicas adotadas pelo governo municipal para ordenar o turismo de acordo com a realidade de Búzios?

9-Há especulação imobiliária?

10-Qual o lugar do turismo em Búzios hoje? E no futuro?

11-O que é estilo Búzios?

12-O que fazer para manter?

8.4 - Apêndice D. Roteiro de pesquisa aplicado ao poder público/representante da Secretaria de Meio Ambiente e Pesca de Armação dos Búzios (Gestão 2009 - 2012).

1-Com o crescimento de chegadas de cruzeiros (transatlânticos) em Búzios, houve algum tipo de impacto?

2-Como é o trabalho de “criação” de corais artificiais na baía?

3-Quais ações são adotadas para conter abusos sobre o meio ambiente?

4-Como é realizada a fiscalização das construções em Búzios?

5-Como a Secretaria de Meio Ambiente e Pesca participa do processo de ordenamento do território em Búzios?

6-Quais medidas são realizadas para mitigar os impactos ambientais devido ao crescimento do turismo?

7-A população participa das ações da Secretaria? Como?

8-Qual a relação entre turismo, ordenamento territorial e as leis ambientais?

9-Qual a importância do Plano Diretor para o direcionamento das políticas públicas em Búzios?

10-Como é a dinâmica da alta temporada em Búzios? Há problemas com o aumento do fluxo de turistas?

11-Existem projetos para tentar resolver ou mitigar esses problemas?

12-Há mecanismos restritivos para controlar e ordenar o crescimento populacional no município?

13-Existem projetos de educação ambiental em Búzios?

14-Qual o lugar do turismo em Búzios?

8.5 - Apêndice E. Roteiro de pesquisa aplicado aos moradores dos bairros de Cem Braças e Tucuns em Armação dos Búzios.

1-Vocês são nascidos em Búzios? Podem me contar um pouco sobre a história do lugar onde moram?

2-Como vêem a implantação do *resort* em Tucuns?

3-Com a construção do *resort* parte da praia foi?

4-O empreendimento capacitou pessoal da comunidade para trabalhar com turismo?

5-Tucuns é um lugar distante da área onde se concentra o maior número de turista. Há uma expansão do turismo para outras localidades, principalmente da península para o continente. Qual a maior transformação na vida das pessoas com essa expansão?

6-Durante a alta temporada vocês tem algum tipo de problema?

7-Vocês moram aqui há quanto tempo?

8-Durante esse período o bairro se transformou muito?

9-Foi por causa do turismo?

10-A população participa do processo de decisão?

11-O que é estilo Búzios?

12- Vocês se sentem parte dessa dinâmica?

13-Quando pensa sobre qual o lugar do turismo em Búzios, de quais lugares se lembram?

8.6 - Apêndice F. Roteiro de pesquisa aplicado ao morador do bairro de Rasa em Armação dos Búzios.

1-Você é natural de Búzios? Pode me contar um pouco sobre a história do lugar onde mora?

2-O que entende por turismo?

3-Como a atividade turística interfere no bairro?

4-Você acredita que os benefícios gerados pelo turismo no território turístico de Búzios melhoram a qualidade de vida do lugar onde mora?

5-Quando acaba a alta temporada, como as pessoas do bairro de Rasa que trabalham com turismo fazem para continuar tendo renda?

6-Qual a sua idade?

7-Você mora aqui há quanto tempo?

8-Durante esse período o bairro se transformou muito?

9-Foi por causa do turismo?

10-Você acredita que está havendo expansão do turismo no sentido península-continente?

11-O que é estilo Búzios?

12- Você se sente parte dessa dinâmica?

13-Quais impactos advindos da atividade turística em Búzios e no bairro de Rasa?

14- Acredita que por meio da atividade turística há condições de melhoria de vida da população local?

15- Qual é o lugar do turismo em Búzios?

8.7 - Apêndice G. Roteiro de pesquisa aplicado ao representante de uma ONG em Armação dos Búzios.

1-O que o turismo representa pra você?

2-Como a população local se relaciona com o turismo?

3-O que mudou com o turismo? Como era antes e como é agora?

4-Como é a relação da população local com *trade* turístico e o poder público?

5-Qual o grau de participação da comunidade local nas decisões sobre o desenvolvimento do turismo em Búzios?

6-O que é comunidade pra você?

7-Como é o sentimento dos residentes em relação à comunidade a que pertence?

8-O que você atribui à formação desse sentimento?

9-Como o turismo afeta a vida das pessoas em Búzios?

10-Você poderia descrever quais os principais problemas e benefícios que a atividade turística trouxe par a cidade de Búzios?

11-Você imagina que pode haver um equilíbrio entre o desenvolvimento do turismo e equidade social? O que poderia ser feito para isso?

12-Quem poderia atuar nesse sentido?

13-Que imagem vocês aqui da comunidade têm da prefeitura?

14-Você conhece algum projeto desenvolvido aqui na região pela poder público ou por alguma outra entidade?